

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE:
Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:
Lima Figueirêdo

GERENTE:
João Baptista de Mattos



ANNO XXII	Brasil — Rio de Janeiro, Abril de 1935	N.º 251
-----------	--	---------

SUMMARIO

	Pags.
O Ministerio da Guerra ao Exercito.....	355
LITTERATURA, HISTORIA, GEOGRAPHIA, SCIENCIA	
Capitão Ariosto Daemon.....	338
Historia da guerra entre a Triplíce Alliança e o Paraguay.....	339
Actualidades scientificas, <i>Major Jayme de Almeida</i>	345
SECÇÃO DE INFANTARIA	
Manobra de ala.....	352
Lendo a Revista de Infantaria Franceza, <i>Major F. Brayner</i>	355
Conselhos para resolver uma situação tactica, <i>Cap. da Silva Chaves</i>	363
SECÇÃO DE CAVALLARIA	
O Córre de Cavallaria, <i>Cap. F. Portugal</i>	374
SECÇÃO DE ARTILHARIA	
Sobre a preparação dos tiros de artilharia, <i>Traducção do Major Verissimo</i>	380
SECÇÃO DE ARTILHARIA DA COSTA	
Determinação de distancias, <i>Cap. W. Seixas</i>	390
As novas fortificações Francezas, <i>Cap. João Ribeiro Pinheiro</i>	396

SECÇÃO DE ENGENHARIA

A passadeira rolante, <i>Tradução do Cap. Lima Figueiredo</i>	402
---	-----

ESTUDOS SOCIAES E PEDAGOGIA

O valor do dinheiro, <i>1.º Ten. José Salles</i>	408
O exercito e a publicidade, <i>Gen. Munson</i>	410
Pedagogia e educação, <i>Mile Divkeim</i>	411
O individuo e a rotina, <i>Van Loon</i>	412

SECÇÃO DE VETERINARIA

Impressões do Rio Grande Pastoril, <i>1.º Ten. Armando Rabello de Oliveira</i>	416
--	-----

VARIEDADES E NOTICIARIO

O tempo do serviço militar na França.....	420
"A Defesa Nacional".....	420
O protesto das Nações.....	422
Expedição Iglesias.....	422
Teremos novamente sangue na linde Colombo-Peruana?.....	423
Livros novos.....	423
Formulario.....	425

O Ministro da Guerra ao Exercito

"Ha um complexo de signaes na atmospherá moral e social de cada povo, que indica, com presaga segurança, as proximidades das grandes crises revolucionarias de sua historia. São ellas presentidas por todos os espiritos com essa especie de instincto da instabilidade, que innunda, com a sombra do que vêem, mesmo as consciencias menos perspicazes.

As horas que vivemos não deixam de ser prenhes de inquietadoras apprehensões. Percebem-se no tumulto dos ultimos tempos, entre confusões irritantes e o caudal de embustes e intrigas, forjados para produzirem effeitos derrotistas, as ideologias mais contralictorias, que estabelecem contactos de correntes antagonicas, insaciaveis, no afan de desordem e de anarchia com prejuizo para a estabilidade nacional.

Em meio de tanta insatisfacção, de tanto choque de idéas e iⁿopesites, é esquecido o Brasil que se debate na ancia de ordem, de trabalho e de progresso.

A nós, militares, não deverão escapar a falta do sentido social e a do sentido patriotico de taes esforços, nem a inclasificavel ausencia de altruismo das tentativas dos que tudo promettem e com tudo acenam, sequiosos de mando e plenos de ambição desmedida.

Impõe-se, então, que eu repita aos meus camaradas do Exercito, o que a Nação de nós espera, da nossa capacidade de sacrificio e de abnegação, para servir-a bem, fóra e acima de todos os partidos e competições mesquinhas, livres de preocupações, interesses e luctas facciosas.

Na verdade, nunca se fez tanto sentir, como agora, o imperio do dever de ajustarmos, dentro da nossa farda, almas e consciências, não consentindo em quaesquer desbordamentos, sejam estes guiados por inseguras inclinações doutrinarias ou pela attração de posições e riquezas, que os falsos pretextos mal encobrem. Sobre as razões da politica interna, indicadas, pairam ainda — impondo-nos o fortalecimento pela união — as da politica externa, maximé no momento em que o mundo

civilisado marcha, sem duvida, novamente para os horrores da conflagração universal.

Quando os partidos, as facções ou os grupos se enovelarem na confusão dos interesses proprios, pondo á margem os sagrados e imprescindiveis interesses da Nacionalidade, o Exercito, convicto e calmo, sereno e forte, dentro da tormenta desencadeada, sem mesmo a mais leve esperança da gratidão presente, projectará no futuro os resultados da sua acção, por ser elle, sem duvida, o baluarte da sociedade em crise, o esteio da segurança nacional, a garantia, em taes horas, do mundo civil e dos poderes emanados do povo. Para esse fim, o Exercito deve ficar attento, coheso e disciplinado, para não seguir qualquer direcção falsa.

Recolocado o Paiz dentro de suas fronteiras moraes e sociaes, é sómente na vida sadia e reconfortante da caserna — guiando e amando os nossos soldados no encanto desse mistér que elegemos em sacerdocio e apostolado, profissão humilde mas viril — que o Exercito será grandioso, com a renuncia e o sacrificio de que formos capazes.

Cada Povo encarna uma orientação especifica. Cada Nação possui o seu segredo, o seu *substractum*, bases reaes e dogmaticas do seu proprio crescimento, mysterio da sua evolução, leis evocativas da sua marcha através das idades.

Não vos deixeis illudir, meus camaradas. Não divagueis além das raias que o destino, firme, nos traça, para que se descubra, com os olhos do espirito, entre as sombras e os disfarces, entre todos os clamores e solicitações, a imagem da **GRANDE PATRIA**, a unica que merece o nosso culto *systematico*.

O coração do soldado deve distinguir, no tumultuar das paixões desencadeadas, o interesse real do povo de que provem, em contraposição com o dos agitadores que procuram perturbar o *rythmo* ascensional para a justiça e o equilibrio social.

E, em consequencia, meus camaradas, direi que esse *rythmo* e esse sentido, a que alludi, são pontos fixos da *trajectoria* que nos levará á grandeza da **PATRIA**, pela disciplina e pelo trabalho”.

Literatura

Historía

Geographía

Sciencia

CAPITÃO ARIOSTO DAEMON

Cap. FREDERICO C. BUYS.

Para que se accenda em descampado, ao vento, um pequenino fogo, que de trabalho se despende para evitar que a chammazinha tremula succumba ás rajadas fortes e como se acautelam os primeiros lampejos mortigos da chamma insignificante, afim de que elles se desenvolvam e se engrandeçam e possam por fim, fortes de si mesmos e só de si mesmos, dominar as iras dos ventos, no vigor do proprio esforço e na gloria luminosa de suas irradiações.

E' a virtude, na grande massa dos homens, como esta chamma pequenina e humilde, indecisa em meio ás tormentas da vida lamentavel, luctando para affirmar-se, trabalhando para abrir n. trevas vigorosas e geladas um pouco de luz e de calor. Digno de app. de assistencia é o combate ferido no intuito de que ella se mantenha. Despeitavel a vigilancia de todas as horas para que ella perdure, admiravel o carinho para que ella subsista. Mas a virtude das virtudes é a das grandes fogueiras, accêsas não se sabe como nem por quem, soberbas e avassalantes e em que os ventos, longe de as apagarem mais as desencadeam e incapases de as serenarem, mais as reanimam...

São raras as grandes queimadas, excepçionaes são as grandes fogueiras... Miséria da vida contingente, desgraçada condição da vida relativa. Porque os homens, no geral, neste mundo de virtudes escassas, não são virtuosos. A virtude para elles, está no esforço que a ella conduz e não na propria virtude, quasi nunca attingida.

Virtudes masculas, militares, superiores, virtudes que se não inspecionavam, que se não cuidavam, que se não graduavam, virtude unica. No Capitão Ariosto Daemon a virtude era espontanea, natural, brotava-lhe do coração sem esforço, com impetuosidade, sem que elle proprio della se apercebesse. Culminou, assim, na virtude quem nella viveu sem observar que era virtuoso. Ingenuidade na virtude, typicamente um soldado, verdadeiramente um forte.

Desvendemos agora, não a curiosidade de todos mas ás homenagens de muitos, um recanto da historia do que foi toda esta vida, honrada e viril como poucas: como insistissem parentes e amigos junto a joven viuva desolada para que se medicasse afim de esperar, em melhores condições de serenidade os despojos mortaes do esposo amantissimo embarcados de Curytiba para o Rio, esta a tal se recusou, allegando, estoica e animosa, não querer roubar á Dor que a acabrunhava toda a brutalidade dos seus direitos e qualquer nada do seu imperio e que seu marido todos os sacrificios merecia.

Sinta-se, na tragica simplicidade desta recusa, o alto valor moral do homem capaz de acordar em outro coração, a nobre e grandiosa elevação de tão intenso sentimento e na mulher que o experimenta, a alta dignidade de uma patricia romana da epoca aurea.

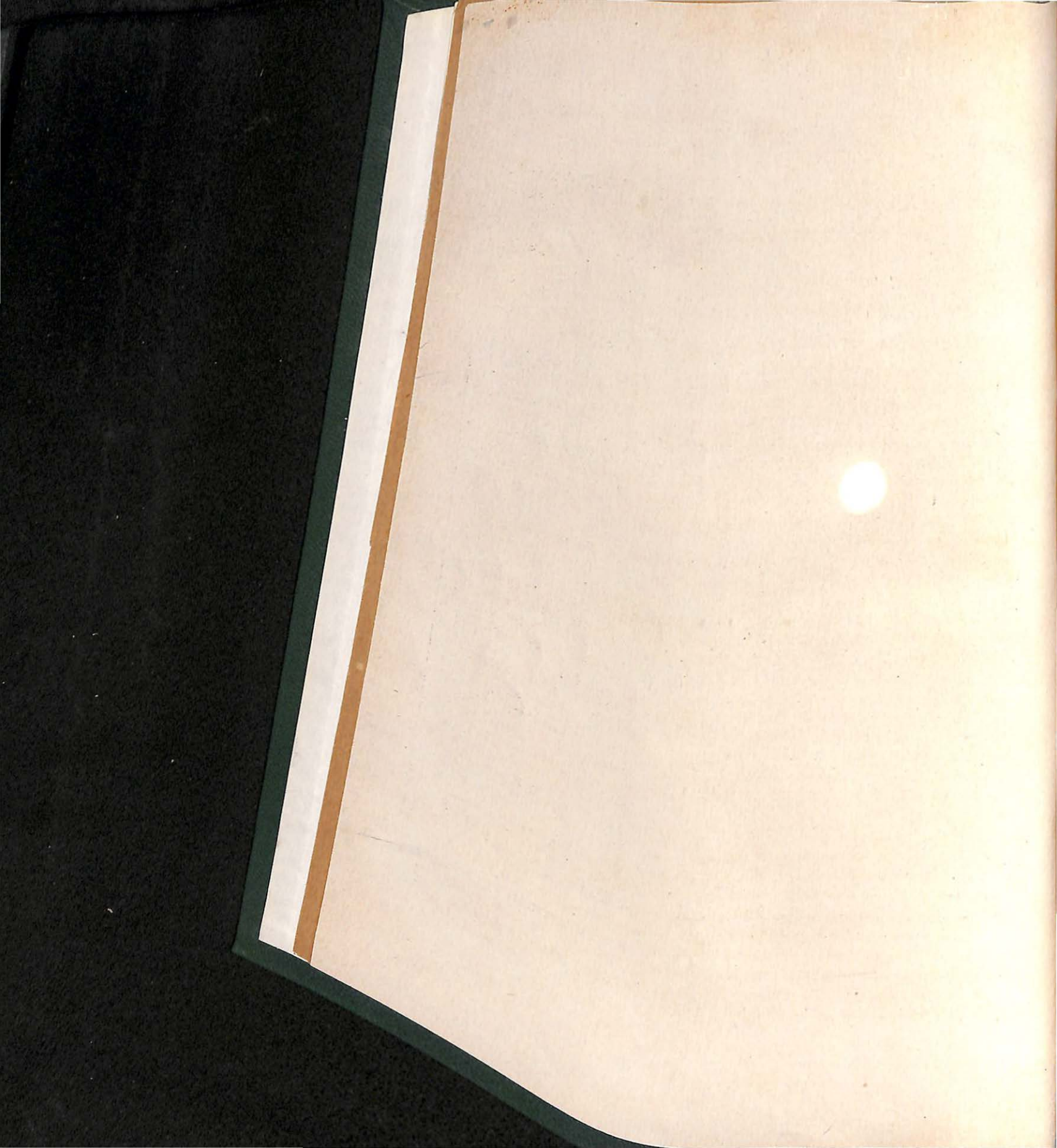
Vida intrepida. Vida bravia. Vida virtuosa.

Cap. ARIOSTO DAEMON



* Viveu como um justo.

† Morreu como um passaro.



Historia da Guerra entre a Triplíce Alliança e o Paraguay

II

GENERAL TASSO FRAGOSO

IMPRENSA DO ESTADO MAIOR DO EXERCITO—1934

No segundo volume da sua obra, descreve o General Tasso Fragoso as operações na Mesopotamia Argentina e no Rio Grande do Sul. "Inicia-se nelle — adverte o autor no prefacio — o estudo da guerra propriamente dita, isto é, dos successos do theatro principal. Explica-se a formação da Triplíce Alliança e seu plano de operações, cotejam-se as forças em presença, lança-se rapida mirada ao terreno, relata-se a invasão paraguaya ás Provincias de Corrientes e do Rio Grande do Sul, e todas as operações dos alliados para bater os invasores e obrigar-os a voltar a seu paiz repassando-lhe a fronteira fluvial.

Descreve-se a seguir a travessia do Paraná pelas tropas da Alliança, acto preparatorio da invasão do territorio inimigo, e depois a marcha dellas contra Humaytá.

O volume contem 418 paginas e comprehende a *segunda parte* da obra, com quatro capitulos, e a *terceira*. Estuda os acontecimentos desenrolados depois do convenio de 20 de Fevereiro de 1865, que poz fim á luta na Republica Oriental e permittiu ao Brasil reunir todos os seus elementos de defesa e lançal-os contra Lopez.

Analysa o deslocamento do exercito de Menna Barreto, de Montevideo para a região de concentração inicial, e as operações da esquadra em combinação com elle, commentando essa primeira phase da campanha em que o commando em chefe coube ao Almirante Tamandaré e, a Francisco Octaviano, a representação do pensamento politico do Imperio no theatro da guerra.

Dá-nos o General Tasso Fragoso, na integra, o plano de operações do almirante, por elle exposto ao Ministro da Marinha em officio reservado de 3 de Março de 1865, plano "que é em substancia o que Caxias já havia formulado cerca de dois mezes antes, isto é, a 25 de Janeiro", quando consultado pelo governo imperial, conforme accentua o autor da obra.

E' impressionante a concordancia de opiniões revelada, a esse proposito, pelos dois grandes chefes militares, um de terra outro de mar, em condições pessoaes tão diversas, ao planejarem as operações da campanha, cujos lances principaes seriam, no fundo, os mesmos; o facto evidencia o valor profissional dos cabos de guerra a quem a monarchia entregava a di-

recção de suas forças armadas nas lutas memoraveis que sustentamos com o estrangeiro.

A proposito desse plano de operações, cuja modalidde de execução mais vantajosa exigia a travessia do territorio argentino, o que não nos era permittido fazer sem a autorização da nação vizinha, ventilla o General Tasso Fragozo a questão debatida por escriptores platenses, dos passos dados, em vão, pelo governo imperial, junto a Mitre, com o fim de obter delle a necessaria licença para aquella travessia, deixando o assumpto perfeitamente claro.

Das negociações então levadas a effeito resultou o protocollo de Outubro de 1864, concertado entre Fellippe Leal, nosso ministro em Buenos Ayres, e Rufino Elizalde, ministro das relações exteriores de Mitre, para o caso de o Paraguay violar o territorio argentino, hypothese em que, para repellir o invasor, a Argentina associaria os seus esforços aos do Brasil e permittiria a este levar o seu exercito a qualquer ponto das provincias argentinas do littoral.

"Esse documento, diz o General Tasso Fragozo, é o verdadeiro germe do Tratado da Triplice Alliança."

Expõe a seguir o autor a tentativa de Lopez com o fim de obter de Mitre identica permissão, e a resposta serena e firme do presidente argentino, recusando-lhe igualmente o transito de suas tropas atravez de Corrientes e Entre-Rios, o que provocou a resolução do dictador paraguay, de *lo llevar todo por delante...*

A reconstituição desses acontecimentos, tratados pelo autor com um notavel poder de synthese, caracteriza-se, na narrativa do General Tasso Fragozo, por inexcédível clareza, mau grado o emaranhado do assumpto, motivo de tantas notas diplomaticas, cartas e officios dos agentes dos tres governos. Ahi encontra o leitor uma valiosa documentação, de que fazem parte o Tratado da Triplice Alliança e o Protocollo annexo, que regula certas providencias de ordem militar, applicaveis ao Paraguay, depois de vencido.

Ainda no primeiro capitulo, estuda o theatro provavel das operações e dá balanço ás forças de terra e mar dos belligerantes, descreve o ataque dos paraguayos á cidade de Corrientes e a sua marcha posterior, ao longo do rio Paraná, sob o commando de Robles e o mallogro desse movimento, de alcance strategico duvidoso, contra a resistencia dos argentinos, efficaçmente auxiliados pelos navios da esquadra brasileira e os contingentes militares levados a seu bordo.

A batalha do Riachuelo, cuja importancia decisiva para o exito da campanha é posta em evidencia pelo autor, é ahi estudada á luz de farta e valiosa documentação.

No sengudo capitulo, trata da marcha realizada pela columna paraguaya que, parallelamente á de Robles, invadiu por nordeste a provincia

de Corrientes, sob o commando de Estigarribia, para atacar o Rio Grande do Sul. E' a força mandada organizar sigilosamente por Lopez em Encarnacion, no mez de Abril de 1864, e concentrada no começo do anno seguinte nas margens do Pindapoi, ao norte da provincia argentina. Descreve o seu deslocamento para léste e a passagem do Uruguay, invadindo o territorio riograndense nas immedições da villa de São Borja, tomada e posta a saque pelo general do dictador.

As operações no Rio Grande, emprehendidas por Estigarribia ao longo do rio Uruguay, até Uruguayana, em que se encurralou e foi por fim vencido, estuda-as o autor meticulosamente, reconstituindo-as, o quanto permitem as deficientes informações procedentes dos dois adversarios. Expõe, em seguida, as medidas tomadas para a defesa da provincia do Rio Grande do Sul, tão mal apercebida para a luta, apesar de antiga a ameaça de Lopez á nossa soberania nacional. A dispersão das tropas brasileiras no momento da invasão, a insufficiencia do seu commando, em mãos de um chefe fraco e pouco capaz, a pequena resistencia que offerecemos ao inimigo, durante sua marcha ao longo da fronteira, são factos commentados e criticados vamente pelo General Tasso Fragoso, que sobre elles borda reflexões de que se poderão colher, ainda hoje, preciosos ensinamentos.

A nomeação do General Barão de Porto alegre para chefiar o exercito em operações no Rio Grande, a 20 de Julho de 1865, corrigiu, embora tardiamente, os erros e fraquezas que caracterizaram o emprego das nossas tropas na primeira phase da luta, e permittiu aproveitar a experiencia desse illustre militar nas operações contra Uruguayana, em que se portou mais uma vez com altivez e competencia.

Encerram o capitulo algumas paginas sobre a cooperação prometida por Urquiza aos alliados e que elle não poudo prestar, e as causas provaveis da debandada da cavallaria entreriana, com que contava Mitre para repellir os paraguayos do territorio da Mesopotamia.

Segue-se, no capitulo terceiro, a marcha do exercito de Osorio, das cercanias de Montevideo para o norte, e a sua reunião junto ao rio Dayman, affluente da margem esquerda do rio Uruguay, perto de Salto, concluida a 10 de Julho de 1865; ali veio ter, a 22 do mesmo mez, a cavallaria de Menna Barreto, aguardando toda a tropa cerca de um mez que os dirigentes da guerra assentassem no plano das operações a adoptar, do qual resultou a passagem do nosso exercito de Dayman para Concordia, isto é, da margem esquerda para a direita do rio Uruguay.

"A operação da travessia do rio durou 17 dias (estava concluida a 11 de Julho) — diz o General Tasso Fragoso — e pôz á prova a actividade e o ardor dos brasileiros". Para avaliar a envergadura da operação, basta recordar que o effectivo de Osorio subia a 19.000 homens.

Analysa depois o autor os entendimentos havidos entre Osorio e Tamandaré com Mitre e Flores, de que resultou a remessa de contin-

gentes do exercito brasileiro para collaborar no cerco de Uruguayana. Trata, por fim, da reunião das tropas alliadas em Concordia, depois de tão longas marchas e de haverem transposto tres grandes rios. Ainda nesse capitulo examina o pensamento strategico de Mitre, seus entendimentos com Urquiza, em cujo concurso punha tanta confiança, e o plano das operações que formulára, no qual diz o General Fasso Tragoso, só tres coisas havia de positivo: o primeiro objectivo a attingir — Humaytá, a linha de operações para conquistá-lo e a concentração prévia na provincia de Corrientes. E expõe, em continuação, a sequencia natural dos pensamentos do presidente argentino, que se accentuam á medida que o tempo corre, que os movimentos do inimigo se caracterizam e que os contingentes alliados se aprestam para a luta, valendo-se, na exposição, da abundante correspondencia trocada por Mitre com Urquiza, Gely y Obez, Paunero e outras personalidades. Expande-se ahi, com toda a segurança, o espirito logico e clarividente do autor, que nos proporciona paginas de intensa vida, escriptas com extraordinario vigor.

Concentrados os alliados em Concordia e imposta a rendição a Estigarribia, a cuja arrogancia estava reservado tão duro castigo, inicia-se a marcha contra o inimigo que avançara para o sul ao longo do rio Paraná. Estuda o autor os movimentos de Paunero contra o exercito de Robles, depois de Resquin, fornecendo preciosos dados concernentes ás operações e aos effectivos, de fórma que o leitor adquire uma idéa exacta daquelle grande esforço preliminar, exigido dos alliados como condição para poderem attingir em seu territorio ao temerario aggressor: Ha, nesse longo capitulo, muitas outras questões do mais alto interesse, tratadas exhaustivamente, taes como a do commando em chefe das forças alliadas em frente a Uruguayana, de que se sahio galhardamente o Barão de Porto Alegre, a do restabelecimento das boas relações entre o Brasil e a Inglaterra, a viagem de Pedro II a S. Borja pelo rio Uruguay e o processo mandado instaurar contra os culpados da frouxa resistencia offerecida aos invasores do Rio Grande do Sul.

O quarto e ultimo capitulo da *segunda parte* da obra começa pelo estudo do plano de operações dos alliados, formulado depois da rendição de Uruguayana, que o autor analysa detidamente, e em virtude do qual voltaram á margem direita do rio Uruguay as forças dos tres exercitos que cooperaram no assédio áquella praça. Trata, a seguir, do exercito brasileiro de observação nas Missões, cujo nucleo inicial foi o corpo commandado por Porto Alegre, e passa a relatar as empresas levadas a cabo pela columna de Resquin. A esse proposito recorda ao leitor já ter feito sentir "a profunda ignorancia em que nos encontramos com respeito aos pormenores das operações dos paraguayos durante a invasão de Corrientes pela margem do rio Paraná. Não será, pois, de admirar — ajunta o autor — que sempre me limite a informações demasiado incompletas".

Estuda, em continuação, a marcha dos aliados para Corrientes e a ordem de batalha de Osorio, cujo exercito apresentava nessa occasião um effectivo de 35.000 homens (22.000 brasileiros, 4.000 orientaes e 11.000 argentinos).

A terceira parte da obra do General Tasso Fragoso não está dividida em capitulos: comprehende os preparativos para a invasão do territorio paraguay, a travessia do rio Paraná e a marcha na direcção de Humaytá.

Começa por apresentar algumas reflexões sobre a invasão de Matto Grosso e das provincias de Corrientes e do Rio Grande do Sul pelas forças paraguayas, procurando reconstituir o plano de operações que guiou a Lopez nesses movimentos, "a primeira grande incognita da guerra do Paraguay", affirma o autor, incognita que "ninguem até hoje conseguiu determinar".

Seem-se reflexões sobre as primeiras operações dos aliados, bordadas com o curso dos acontecimentos immediatamente ligados ao inicio da campanha, resumidos com admiravel clareza. Discute as resoluções tomadas por Mitre para a cobertura do exercito aliado concentrado em Concordia, a escolha dessa região para a concentração e o itinerario da marcha contra o adversario, dando as razões por que teria sido preferivel subir pelo rio Paraná, conforme fôra assentado a principio. São paginas ricas de ensinamentos, não só historicos, mas diplomaticos e militares. Analysa nessa occasião os planos de guerra de Caxias e de Pimenta Bueno, documentos do mais alto valor e tão pouco conhecidos entre nós, concluindo por affirmar que "o plano aliado de invasão do Paraguay, examinado hoje como se fossemos contemporaneos dos acontecimentos, affigura-se-me logico e o mais convinavel naquella occasião".

Aprecia, a seguir, a situação dos aliados na confluencia do Paraná com o Paraguay, onde estavam reunidos mais de 40.000 homens, que teriam de se mover depois, "em terreno de que não havia cartas topographicas e, pôde-se dizer, completamente desconhecido". Relata os golpes de mão de Lopez contra os aliados, na margem esquerda do Paraná, e descreve os preparativos destes para a invasão do Paraguay, de que estavam separados pela immensa caudal; commenta as decisões tomadas por Mitre, Tamandaré, Osorio e Flores, na primeira reunião dos chefes aliados realizada a 25 de Fevereiro de 1866, no quartel general do presidente argentino.

Com o fito de facilitar a intelligencia das primeiras operações, estuda de perto a região formada pela confluencia do rio Paraná com o Paraguay, soccorrendo se da carta hydrographica levantada pela nossa marinha de guerra naquella época, e analysa em seguida as explorações procedidas para a escolha do ponto mais apropriado á invasão do territorio inimigo.

Fixada definitivamente a escolha desse ponto, depois de meticoloso estudo por parte dos chefes aliados, de que o General Tasso Fragoso nos dá um relato succinto, esclarecendo as razões da divergencia surgida a principio entre Mitre e Tamandaré, vemos executar-se, com o mais completo exito, uma das mais ousadas e imponentes operações da campanha: a travessia do rio Paraná pelo exercito aliado, forte de 65.000 homens (37.870 brasileiros, 25.000 argentinos e 2.800 orientaes), para a penetração no territorio paraguayo.

A partir desse momento, a narrativa occupa-se das operações militares dos aliados no territorio inimigo.

O desembarque na margem esquerda do rio Paraguay, cerca de meia legua da confluencia com o Paraná, e o avanço na direcção de Itapirú e do Passo da Patria, realizados com resolução e denodo pelas tropas aliadas sob o commando de Osorio, são narrados com impressionante realidade com appio no testemunho dos que tomaram parte nesses memoraveis feitos de guerra. A narrativa transporta-nos ao rincão pantanoso em que tomaram pé as nossas tropas e faz-nos viver aquelles dias de tragica vibração. Assiste o leitor a retirada de Lopez para o norte, abandonando o Passo da Patria, que os aliados occupam; o combate encarniçado do Estero Bellaco, em que a intervenção de Osorio salvou a situação dos aliados por momento compromettida; a passagem destes para o norte do Estero, procurando acercar-se de Humaytá — primeiro objectivo da campanha; o estacionamento em Tuyuty, onde as forças se reorganizam depois de tão longo esforço, e, finalmente, a batalha de 24 de Maio, de que o General Tasso Fragoso nos dá uma empolgante descrição enriquecida por seus commentarios opportunos de historiador arguto e abalisado conhecedor da arte da guerra.

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens (1.º).....	3\$000
» » » (2.º).....	1\$500
» » » (3.º).....	1\$500
» » » (8.º).....	1\$500
» » » (9.º).....	1\$500
» » » (10.º).....	1\$500

Pelo correio mais \$500.

Actualidades scientificas (1)

Subsidio para o concurso á E. E. M.

Major JAYME DE ALMEIDA

II — RADIOTELEGRAPHIA

Apreciação sobre a utilização da radiotelegraphia em geral. — Valvulas thermo-ionicas e suas principaes funcções. — Vantagens e inconvenientes da T. S. F. como meio de trasmissão. — Ideia sobre radio-gonometria e suas importantes applicações.

A) — APRECIAÇÃO SOBRE A UTILISAÇÃO DA RADIOTELEGRAPHIA EM GERAL:

A radiotelegraphia foi a precursora da radiotelephonia.

No decorrer dos ultimos annos os progressos realizados em materia de transmissões pela telegraphia sem fio têm sido verdadeiramente notaveis; para isso muito tem concorrido o emprego de meios mais praticos e aperfeigoados, tanto no ponto de vista dos transmissores como dos receptores e, principalmente, a creação e uso de amplificadores telephonicos possantes, que vieram tornar possivel atingir os maiores alcances.

Hoje a telegraphia sem fio constitue um meio ideal de transmissão a distancia, preenchendo todas as exigencias de perfeito funcionamento, substituindo, em certos casos, os cabos submarinos, levando os despachos até onde não podem alcançar os fios telephonicos, permittindo a communicação com os navios em alto mar e aviões em vôo, facilitando as ligações imprescindiveis entre os exercitos em campanha, assegurando, em summa, a transmissão rapida de toda especie de informações, notadamente as previsões metereologicas.

B) — VALVULAS THERMO-IONICAS E SUAS PRINCIPAES FUNCÇÕES:

As valvulas thermo-ionicas ou electronicas, cujas propriedades curiosas realisaram admiraveis progressos em transmissão do pensamento por meio das ondas electro-magneticas, foram descobertas por Edison e applicadas á radio-technica por Fleming. Posteriormente, De Forest, empregou uma valvula mais aperfeigada, constituida então de tres electrodos.

O principio em que se baseia o funcionamento das valvulas é, em resumo, o seguinte: admittendo a theoria atomica como uma verdade e, aceitando que o atomo possa ser constituido de um nucleo electrizado positivamente em torno do qual gravitam, com rapidez incessante, certos corpusculos negativos que se denominam "electrons", é possivel concluir que, em estado normal, esses "electrons" não podem abandonar o nucleo central porque, em conjunto, as suas cargas positiva e negativa representam uma somma nulla.

Nessas condições, pois, pode-se affirmar que, em cada elemento da materia, os corpusculos electricos estão, de certo modo, em equilibrio es-

tavel, equilibrio este que perdurará enquanto não surgir uma causa exterior que venha perturbal-o.

Si submettermos agora o corpo considerado á acção de uma alta temperatura, produz-se, assim, uma agitação thermica que vem destruir o equilibrio do systema, occasionando a acceleração da velocidade de rotação dos "electrons", em torno do nucleo central.

Agindo, ao mesmo tempo, sobre esses "electrons" por meio de uma atracção positiva, verifica-se, no systema, uma agitação violenta que dá lugar que as particulas negativas que se achavam antes em equilibrio estavel sejam arremessadas para o exterior, em todos os sentidos e animadas de grande velocidade.

Na realisação pratica desse phenomeno utilisou-se um vaso fechado, no qual se fez o vacuo, a semelhança das lampadas communs.

Dentro da empoula collocou-se um pequeno filamento vertical, (cathodo), aquecido por uma bateria e, a distancia conveniente uma pequena placa isolada com uma certa carga positiva — (anodo).

De accôrdo com a lei das attracções e produzindo-se o aquecimento do filamento os "electrons" serão attrahidos para a placa, com uma velocidade que se pode considerar instantanea, (10.000 kms por segundo), dando formação, assim, a uma corrente electrica no espaço filamento-placa, desprovido, como vimos, de qualquer substancia conductora.

Essa corrente tem sentido contrario ao do fluxo electronic que permite a sua passagem, isto é, parte do polo positivo para o negativo, ao passo que os electrons que são de polaridade negativa partem sempre para o polo positivo, para a placa.

Comprehende-se, porém, que ha leis que regulam a corrente filamento-placa; com effeito, para um dado aquecimento do filamento e uma certa carga da placa, ha uma quantidade determinada de "electrons" que são projectados na unidade de tempo.

Accrescendo a carga da placa e conservando-se o mesmo valor para o filamento teremos consequentemente um augmento de passagem dos "electrons", o que equivale tambem a uma accrescimento de intensidade da corrente, até attingir um limite, que é chamado de saturação.

Si introduzirmos agora, entre os dois elementos filamento e placa um terceiro electrodo, a grade, constituida de um fio em fórma de helice, teremos assim um meio mais pratico de influir sobre a corrente, regulando-a e controlando-a de accôrdo com um desejado gráo de potencial, em relação ao filamento.

Si dermos á grade uma carga fortemente negativa em relação ao filamento ella repellirá os "electrons", interceptando a sua passagem para a placa, tornando, deste modo, praticamente nulla a corrente filamento placa.

Diminuindo essa tensão negativa e a atracção da placa attingindo um valor maior que a repulsão da grade começará a se formar novamente a corrente no circuito filamento placa.

Continuando a diminuir a tensão negativa da grade até attingir um valor nullo, a sua acção não se fará mais sentir e os "electrons" terão livre passagem afim de attingir a placa.

Finalmente dando á grade uma tensão positiva ella tornar-se-á tambem um centro de atracção, augmentará o numero de "electrons" emittidos pelo filamento, intensificando a corrente.

A grade desempenha, como acabamos de ver, o papel de uma perfeita valvula, abrindo-se ou fechando-se conforme o valor de sua tensão, quer seja positiva, quer seja negativa.

Eis, em traços ligeiros o principio de funcionamento das valvulas

* * *

As principaes funcções das valvulas electronicas são as seguintes:
Detectoras

Amplificadoras } de radio ou alta frequencia
 } de audio ou baixa frequencia

Oscilladoras

Moduladoras

Deteccão : A deteção é, em ultima analyse, uma rectificação da corrente. E' sabido que as correntes de alta frequencia não vibram as membranas dos phones, porque uma alternancia negativa annulla sempre o effeito de uma precedente e, inversamente, antes que esta tenha tido tempo de exercer a sua acção.

Consequindo, porém, introduzir uma dysmetria nesse modo de produção das alternancias, isto é, tornando as positivas maiores que as negativas correspondentes, torna-se patente que estas ultimas não mais annullarão o effeito d'aquellas, dando, ensejo, assim que os phones sejam ligeiramente deformados.

Ha, pois, uma perfeita transformação da corrente alternativa em continua ou de frequencia musical: diz-se, então, que a corrente foi detectada.

Si agora essas oscillações se succedem, em trens, o phone emittirá sons correspondentes, perfeitamente audiveis.

Amplificação — : A amplificação, quer seja de baixa ou alta frequencia, consiste, em resumo, em se obter variações maximas de voltagem da grade para se conseguir assim oscillações tambem maximas da corrente do circuito da placa. Para isso, torna-se mistér provocar, por um meio qualquer, uma quéda de potencial nos dois circuitos, empregando o transformador ou a resistencia.

As lampadas de tres electrodos são empregadas para amplificar as correntes de alta frequencia-antes da deteção, e as de baixa frequencia depois da deteção.

D'ahi o seu duplo emprego.

Oscillação : A valvula de tres electrodos é uma fonte de oscillações mantidas que se presta, aduizavelmente, á transmissão da palavra e da musica.

O seu funcionamento, nesse particular, é funcção de uma das condições principaes do seu trabalho — a *propriedade de oscillar*.

Sabendo-se que o circuito grade-filamento consome uma potencia minima comparado com o da placa, a oscillação consiste em captar do circuito placa essa pequena potencia e mantel-a em circulação.

E' evidente, porém, que para que tal se verifique é indispensavel que os dois circuitos atinjam seus valores maximos positivos ou negativos, simultaneamente.

Para se ter uma idéa mais clara sobre essa propriedade das valvulas, basta, apenas, citar o exemplo do pendulo que, recebendo um impulso começa a oscillar.

Essa oscillação, todavia, não perdurará é vae se amortecendo gradativamente até que o pendulo entra em repouso. Si, porém, durante um curto espaço de tempo receber novo impulso, com a mesma intensidade

do primeiro e se essas impulsões forem se succedendo, em intervallos de tempos eguaes, o pendulo manter-se-á indefinidamente em oscillação.

E' perfeitamente o mesmo phenomeno que se passa nas valvulas oscillantes.

Modulação — : A modulação consiste, em rapidas palavras, em superpor as ondas sonoras, de frequencia musical, emittidas pelos micro-phones, sobre a corrente que circula no circuíto oscillante de emissão, corrente esta de alta frequencia.

Esta funcção importante em transmissão é tambem desempenhada pelas valvulas thermo-ionicas.

C)—VANTAGENS E INCONVENIENTES DA T. S. F. COMO MEIO DE TRANSMISSÃO.

A radiotelegraphia, como sabemos, é um meio de transmissão de informações que utiliza os signaes Morse.

As suas vantagens principaes são:

1.º — Pouca visibilidade de suas installações e por isso mesmo pouca vulnerabilidade.

2.º — Organização de transmissões regulares entre duas auctoridades, quando estas não se podem communicar pelo telephone seja, pela intervenção do inimigo, seja em consequencia de obstaculos do terreno ou em virtude de grande distancia entre ellas, originada pelo facto de uma dellas estar a bordo de uma aeronave, ou dentro de qualquer condução que se desloque no campo de batalha.

3.º — Transporte facil dos postos de T. S. F. o que lhes permite acompanhar os P. C. em seus deslocamentos, assegurando-lhes a transmissão após o tempo estricktamente indispensavel para a montagem de suas installações.

4.º — Capacidade de diffusão muito notavel, permitindo a varios postos receptores captarem informações de ordem geral, enviadas por um unico emissor (como sejam as indicações metereologicas, dados balísticos, transmissão da hora, etc.) e, ainda, o facto de permittir a diversas auctoridades receberem, ao mesmo tempo, uma informação ou ordem.

Inconvenientes principaes:

1.º — A indiscreção, inconveniente grave, permittindo que todo posto emissor possa ser ouvido pelos postos inimigos de escuta convenientemente installados á distancias muito maiores que o alcance normal dos mesmos, graças á dispositivos especiaes. (Os postos francezes de T. S. F., na batalha do Marne, conseguiram captar e decifrar todas as mensagens allemães).

2.º — A possibilidade dos postos de T. S. F. serem localisados pela radiogonometria o que, combinado com uma organização methodica de escuta, faculta ao inimigo tirar conclusões importantes acerca da ordem de batalha, localisação dos postos de commando e, assim penetrar de certo modo nas intenções do chefe. Em consequencia disso, muitas vezes o alto commando é obrigado a interdizer parcial, ou totalmente, as communicações pela T. S. F.

3.º — Fraco rendimento; com pessoal treinado pode-se conseguir um rendimento horario de 180 a 200 palavras, donde, portanto, a necessidade de evitar a transmissão, pela T. S. F., de despachos longos.

4.º — Possibilidade de perturbação das transmissões pelos postos inimigos e, principalmente, pelos phenomenos atmosphericos.

5.º — Necessidade de empregar um pessoal seleccionado e perfeitamente instruido.

6.º — Obrigação de permanencia em escuta, visto não comportar o material aparelhos de escuta.

(Regulamento n.º 84 — Emprego dos meios de transmissão pelas tropas de todas as armas).

D) — IDEIA SOBRE A RADIOGONOMETRIA E SUAS IMPORTANTES APPLICAÇÕES:

1.º — Ideia sobre a Radiogonometria:

A radiogonometria é, em synthese, o problema das transmissões dirigidas: pode ser considerada, ainda, como um methodo de procura e determinação de um posto emissor, por meio do quadro dirigido.

Os processos usados para a transmissão dirigida, são:

- a) — dispositivos especiaes de antennas
- b) — o methodo do reflector
- c) — o emprego dos quadros.

Dentre esses o de maior applicação é, certamente, o de quadro dirigido.

O quadro consiste em um circuito fechado de grandes dimensões e apresentando diferentes fórmulas: triangulares, rectangulares e hexagonaes.

A sua propriedade essencial se baseia em que a energia irradiada é maxima no plano do quadro e nulla numa direcção perpendicular ao mesmo ou, de outro modo, que um posto receptor é muito sensível quando recebe oscillações de um emissor situado no plano de seu quadro e, insensível, quando recebe essas mesmas oscillações num plano perpendicular ao de seu quadro.

2.º — Suas importantes applicações:

As mais importantes applicações dos postos radiogonometricos, assim se classificam:

1.º — Utilisação de postos radios pharóes hertzianos para servir de guia aos submarinos e navios.

Foi muito empregado pelo allemães na ultima guerra, com a finalidade de guiar e dirigir os seus possantes submarinos.

Em resumo, este processo se funda na determinação do ponto em que se acha o navio, pela intersecção de duas direcções tomadas em relação a dois postos radio-pharóes, installados em terra.

2.º — Identificação dos postos inimigos, em caso de guerra, permitindo organizar uma carta de rede desses postos.

Nesse trabalho os postos radiogonometricos são coadjuvados pelos de escuta, cujo fim é acompanhar o trabalho e actividade dos postos inimigos, determinando a sua posição, os seus deslocamentos, etc.

Essas diferentes informações facultam aos estados maiores organizarem o seu grupamento em rede.

3.º — Identificação dos aviões de regulação dos tiros de artilharia inimiga.

Os postos radiogonometricos, ligados por um meio de transmissão rapido, localisam a zona de evolução dos aivões inimigos assim que estes começarem a emittir os seus signaes para terra. Determinada a sua posição no espaço, torna-se possível combatel-os e perseguil-os.

4.º — Orientação das aeronaves.

Essa orientação é feita de bordo da aeronave que necessita conhecer a sua situação no espaço e que envia, para tal fim, signaes radios convençionados a tres estações de terra as quaes, por sua vez, fornecem-lhe tres direcções determinadas que se interceptam no ponto em que se encontra o dirigivel.

Após essa determinação, isto é, depois de calculados as coordenadas geographicas do ponto em que se acha o dirigivel, uma qualquer das tres estações transmite-lhe a sua posição exacta, em latitude e longitude, no momento da emissão.

Esse processo foi muito usado, tambem, pelos allemães para orientar os seus Zeppelins sobre o territorio francez, durante á noite, afim de bombardear as cidades e centros importantes daquelle paiz.

As condições athmosphericas porém, obrigaram muitas vezes, os dirigiveis a se afastarem das suas rotas, o que occasionava a sua perda, por falta de orientação.

Ha, ainda, outro meio que convém de preferencia aos aviões e que consiste em montar um quadro fixo, perpendicular ao eixo longitudinal. Por meio deste quadro, o avião capta os signaes de uma estação poderosa de terra. Para mantel-o em direcção á estação de terra é sufficiente que o piloto o dirija de modo tal que os signaes de terra não sejam ouvidos.

5.º — As montagens duplex das grandes estações mundiaes que servem á recepção e á emissão ao mesmo tempo.

Finalmente existem, ainda, outras applicações da radiogonometria devidas á Mr. William Loth, physico francez, que conseguiu determinar as radios estradas aereas, a orientação pelos cabos submarinos e ateririssagem dos aviões em pleno nevoeiro.

“.. sabichosos e infalliveis, na medida do seu indice bovdrico não acabam comsigo mesmo perdoar a reles ignorancia. Os erros dos outros são sempre colossaes e eternos erros, os delles, se possiveis, ephemeross descuidados. Muitos ha que encaram em todo o espirito productivo um adversario, um usurpador, e na obra alheia uma provocação”.

Secção de Infantaria

Redactor: Floriano Brayner

Auxiliares: Segadas Vianna
Nilo Guerreiro
Manoel Guedes
Coelho dos Reis
Ignacio Rollin

A MANOBRA DE ALA

As operações de guerra na AMERICA DO SUL, caracterizar-se-ão ainda por muitos annos, pela morosidade das concentrações de forças iniciaes em theatros de operações longiquos e mais ou menos desprovidos de meios de communicações. Assim, é de preve-se que os primeiros choques venham a produzir se entre as proprias forças do tempo de paz, apenas accrescidas dos effectivos de um primeiro escalão de mobilisação. A pobreza dos materiaes de toda a ordem, utilizados por esses reduzidos effectivos, ao par da extensão e características mesmas dos theatros de operações, nos levam á certeza de que, pelo menos no inicio destas, não teremos frentes continuas nem resistencias obstinadas com flancos apoiados em obstaculos intransponiveis, etc. etc.. Haverá, portanto, larga margem para a *manobra* de grande envergadura, particularmente a *manobra de ala*, uma das formas estrategicas essenciaes que o Chefe procura realizar na batalha. Essa manobra, que visa um dos flancos e por vezes mesmo, os dois flancos do adversario, será fatalmente objecto das cogitações constantes dos nossos chefes, em todos os escalões, em face dos argumentos que apontamos.

Meditando bem sobre essa grande realidade, vemos quanto é opportuno o trabalho recente do General LOIZEAU: "As Duas Manobras".

Delle extrahimos o trecho que se segue, para o qual pedimos a attenção dos estudiosos, particularmente daquelles que, possivelmente, terão de arcar com a responsabilidade de *Chefe*..

"A experiencia da ultima guerra illustrou este facto indiscutivel: o *ponto sensivel do inimigo*, é e continuará a ser sempre, o seu flanco. De facto, numa determinada frente, a potencia e o alcance dos engenhos de fogo modernos — canhões e metralhadoras — permitem sempre ao defensor, resistir durante muito tempo, com meios menos numerosos, e sobre

uma posição, mesmo summariamente organizada. E, mesmo que o assaltante, graças á accumulção progressiva, nessa frente, de um material possante e abundante, consiga fazer uma brecha, não obtem, na maioria das vezes, em face de um defensor resolutos e em estado physico e moral conveniente mais do que uma simples bolsa exposta ás reacções das reservas e ao envolvimento. A batalha frontal não pode, em taes circumstancias, realizar o successo decisivo; acarreta, apenas, a immobilisação e a usura do adversario, o que, é bem verdade, já constitue um grande resultado.

Contra o flanco inimigo, ao contrario, o assaltante *pode desenvolver, ao maximo, todos os seus meios offensivos de fogo e movimento.*

A iniciativa de sua manobra, o avanço realizado no dispositivo, posteriormente no ataque, o ascendente moral que lhe proporcionam a sua posição envolvente e a superioridade dos seus fogos, tudo emfim, concorre para preparar seu successo. Para o adversario, ao contrario; o flanco constitue uma zona de menor resistencia, esmagada sob os fogos convergentes do ataque, em relação ao qual o defensor se vê constrangido a tomar disposições frequentemente de ultima hora, num campo de acção restricto, e com reservas muitas vezes afastadas. Seu moral será tanto mais abalado quanto mais o atacante conseguir realizar a surpresa e ameaçar suas communicações.

Ora, é bem certo que, na situação dos armamentos, os effectivos e o material posto em linha inicialmente, de um lado e de outro, não permitirão realizar, pelo menos immediatamente, no theatro de operações, uma frente continua e densa.

Certos exercitos terão seus flancos mais ou menos descobertos; haverá *intervallos* entre elles.

Os dois flancos do dispositivo geral não serão necessariamente apoiados a um obstaculo: fronteira neutra, rio ou mar. Haverá nas alas, *espaços livres.*

No inicio de uma guerra, por consequinte, considerando que a potencia das armas modernas tornará difficil, — quiçá

impossível em virtude dos meios limitados de que se dispõe — a penetração sobre uma frente extensa, a manobra pelas alas permittirá ao resolutio *ser forte no ponto em que o seu adversario é fraco*".

O fim a que se propõe o Commando será sempre, portanto, procurar a destruição do inimigo — fim supremo; mas, este resultado será solicitado á "*Manobra dos espaços livres*", visando, com potencia e velocidade, os pontos sensiveis do systema das forças adversas, e isto:

— na *Manobra pelos intervallos*, afim de separar seus exercitos, desorganisar seu dispositivo, ameaçar suas retaguardas;

— na *Manobra pela ala exterior*, afim de desbordar o dispositivo geral, e ameaçar as communicações vitaes do inimigo.

Uma tal manobra, bem entendido, será sempre combinada com um ataque frontal, indispensavel para fixar e provocar o emprego prematuro das reservas adversas.

Se as operações deste periodo não permittirem realizar o successo decisivo e conduzirem progressivamente os belligerantes a se defrontarem sobre uma frente continua e com as duas alas apoiadas em obstaculos, é ainda, como em 1918, pela *Manobra nas zonas de menor resistencia*, nos azares da sorte duma acção que, primeiramente terá obtido a ruptura de uma parte importante da frente inimiga e provocado o emprego das suas reservas, que o Commando attingirá o fim que lhe foi proposto.

Assim, quer se trate de espaços livres ou de frente continua; de manobra pelas alas interiores ou exteriores do dispositivo adverso, retornamos sempre ao conceito napoleonico da batalha geral:

— engajar-se primeiro, para fixar e gastar o inimigo;

— procurar, em seguida, a decisão pela ruptura do seu systema de forças, num ponto sensivel e de menor resistencia.

O fim da manobra de ala permanece sempre de accordo com os grandes principios da guerra: economia de forças, concentração no ponto decisivo, liberdade de acção. Sómente os processos variam, com as condições de tempo de espaço e de meios".

Lendo a Revista de Infantaria

Mez de Dezembro

Major F. BRAYNER.

Apresentamos aos nossos leitores neste numero uma succinta apreciação sobre o exemplar da "Revue d'Infanterie" do mez de Dezembro do anno findo.

I — Como vem acontecendo ultimamente, é ainda Paul Tuffrau, o brilhante estylista francez que, sob o pseudonymo "Tenente E. R.", quem enche as primeiras paginas da revista com uma collaboração intitulada: "Nossos dias de Gloria". São recordações de Novembro de 1918 na Lorena e no Sarre. Indaga o autor: "Nossos dias de gloria ! Vivemol-os verdadeiramente ?

Como todos antigos combatentes, eu tenho o meu cofre de lembranças. Cá estão os meus "Carnets" de marcha, cartas, recortes de jornaes já amarellecidos; um discurso de Clemenceau.....; o "Matin" do dia 12 de Novembro exhibindo em titulos garrafaes:

— A ALLEMANHA CAPITULOU

O ARMISTICIO FOI ASSIGNADO — AS CONDIÇÕES DA VICTORIA

E em baixo da pagina:

"A GUERRA ESTA' GANHA !

Tuffrau alinha recordações desses momentos de alegria allucinante que fizeram estremecer de loucura toda a França. Em seguida, a proposito mesmo dessas explosões de alegria, o autor expende a sua impressão pessoal sobre as emoções do armisticio, respigadas de certa dose de amargura. E' um pouco daquelle desanimo e pessimismo que Remarque aponta e que envenenou a alma de toda uma geração que voltava das trincheiras, sem saber se devia rir ou chorar.

Diz: "... Para mim, o armisticio apresenta um outro aspecto; não é uma efervescencia ruidosa, mas, uma alegria silenciosa, — esta alegria pungente que eu vi correr como uma onda nas tranquillias aldeias da Lorena, onde se preparava a offensiva de Castelnau. Como, se explicava esse recolhimento dos combatentes, inesperado, quasi religioso ?

Por muitos motivos: — pela surpresa mesma do acontecimento; pela brusca ruptura do esforço, no momento em que elle attingir ao apo-

geu; pela irrupção tumultuosa em cada consciencia das recordações tornadas esperanças, repentinamente; pela noção subitamente esmagadora, da enorme tarefa levada a termo, quando vimos diante de nós, a horrosa machina de guerra definitivamente desmantelada, o espaço aberto até o Rheno, e essa profunda e mysteriosa Allemanha, agitada pelos vendavaes da derrota e da revolução, na qual iam os penetrar como dominadores".

Prosseguindo nas suas divagações Tuffrau se refere ao gráo de exaltação a que attingiu o espirito de corpo no fim da guerra, ao ponto de suscitar entre as diferentes armas e entre os diferentes elementos d'uma mesma divisão, antagonismos semelhantes aos do Primeiro Imperio. Descreve a anciedade dos ultimos dias da guerra, com o seu nervosismo caracteristico, esperanças e desalentos, para se deter mais, em descrever os acontecimentos de 11 e 12 de Novembro de 1918, principalmente os que envolveram com o seu Btl. o 4.º/208.º R. I., tropa de elite, de "fourragère jaune", largamente experimentada em toda a campanha.

Finalmente Tuffrau descreve algumas passagens da occupação da região do Sarre, particularmente da cidade de Sarrelouis, que pediu soccorro aos francezes por estar sendo pilhada por agentes dos bolshevistas nos primeiros dias que se seguiram ao armistício. Não esconde ahi, a sua decepção pelo que viu de profundo germanismo, nessa região que os francezes pensaram em annexar, mas, que em boa hora resolveram entregar aos designios de um plebiscito, na qual votaram a favor da Allemanha cerca de 480.000 sarrenses e pela França menos de 3.000. Os primeiros contactos dos francezes com a população de Sarrelouis, com os seus administradores e com os seus costumes, são descriptos por Tuffrau com alto senso psychologico e perfeita observação dos factos. Impressiona pelo respeito á verdade e pelo que se pode avaliar dos dissabores e humilhações porque passa um paiz que tem a desdita de perder uma guerra.

II — Passemos á collaboração seguinte

TRABALHO TECHNICO DE METRALHADORAS

Tiros longiquos

Trata-se de um estudo do Capitão Flouquet, sobre o tiro indirecto abordando determinados pontos de sua realisação. A Revista apresenta-o como modelo de precisão e clareza. Entretanto, uma nota mesma da redacção assignala que o Cap. Flouquet não cogita da preparação completa dos tiros indirectos, a executar por uma meia Companhia (corres-

ponde a uma Cia. Mtrs. da nossa organização). De facto, elle se occupa em resolver o problema do obstaculo (tropas amigas e massa cobridora) e calcula os elementos dos tiros possiveis, sem abordar a determinação do eixo de tiro, dos angulos de transporte, da convergencia e da ceifa.

Dentro desse quadro restricto, ha logar, apenas, para uma discussão relativa á localização do material e estabelecimento das folhas de calculo. Tudo é feito, porém, com um innegavel valor educativo, particularmente para os que servem em unidades de metralhadoras.

O assumpto é tratado atravez de um caso concreto na carta de ... 1:20.000, de Chateau-Sallins. A situação inicial focalisa um determinado partido vermelho installado defensivamente que, a partir de um dia D. entra em contacto com um adversario azul. Os Vermelhos, sob a ameaça de uma acção em força dos azues, decidem romper o contacto e se retirar na noite de D + 4 para D + 5, para uma região de alturas, atraz.

O movimento é feito sob a protecção de uma regatuarda que no caso é um Btl. X. que occupará previamente uma determinada linha.

Continúa a se exercer a pressão inimiga. O Btl. X consegue detelo mas, diante dos preparativos de um ataque de Infant. e Carros, apoiado pela Art., o commandante do Btl. decide romper o combate e recuar para uma outra posição, tendo em vista uma segunda resistencia.

E' neste momento que elle attribue ao Cmt. de uma meia C. M. de um outro Btl. Z. (posta a sua disposição para realizar tiros longiquos). a missão de concorrer á defesa da nova posição, transportando-se para uma região B onde preparará tiros sobre C, D, E, e si possivel F e G.—Fornece o ultimo boletim de sondagem: vento, temperatura, pressão atmospherica e altitude de referencia. Os problemas a estudar, são assim seriados:

1.) — O problema do obstaculo, para cada um dos tiros pedidos;

2.º) — Determinação dos elementos dos tiros possiveis.

— O primeiro problema se resume na questão do desenfiamento, isto é, escolha da posição para o material, em relação ao obstaculo que o defronta. Localizada a peça directriz, impõe-se verificar, pelo exame da carta e da tabella das ordenadas, se os tiros são possiveis. Normalmente, para determinar a distancia exacta das mascaras, é necessario preparar um ou mais perfis.

— Quanto ao segundo problema a sua solução consiste no preparo das folhas de calculo onde figuram dois quadros: um primeiro em que se registram todos os dados referentes a cada um dos objectivos, á origem dos tiros, á tropa amiga e ao obstaculo; e no outro quadro, as correções em alcance e em direcção, para cada objectivo.

Entre nós, o tiro indirecto está absolutamente descurado, sob a allegação de que se trata de um processo oneroso dada a nossa pobreza em munições.

O argumento é ponderavel, mas não é bastante. Discordamos dessa orientação simplista. A pratica do tiro indirecto obrigaria os nossos metralhadores a estudar e melhor conhecer o nosso material.

III — Flanqueamentos e grandes frentes

E' o trabalho que se segue, firmado por M. — Trata-se de um conjunto de reflexões a proposito de dois artigos apparecidos em numeros anteriores da Revista: um sobre o flanqueamento e outro sobre a defensiva nas grandes frentes.

Assignala o autor, de inicio, que esses estudos, tanto quanto ao fundo como quanto aos principios, estão intimamente entrelaçados, demonstrando assim uma absoluta unidade de doutrina, uma vez que ambos se apoiam nos regulamentos em vigor.

O seu objectivo é applicar os principios e methodos enunciados no estudo dos flanqueamentos, ás modalidades de que se pode revestir o movimento, n'uma situação defensiva em grande frente.

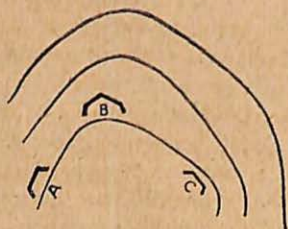


FIG. 1

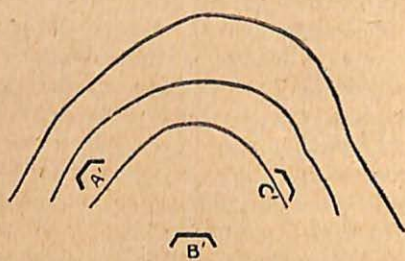


FIG. 2

No desenvolvimento do estudo desta ultima situação como no da primeira, os autores tem a preocupação incessante de tirar o maior partido do terreno, o que, aliás é logico e justifica a prioridade dada a este factor nos trabalhos indicados. Em seguida focalisa, a proposito do caso concreto estudado, um schema em que é tomada, ao acaso, uma garupa qualquer enquadrada, do terreno da operação, representando-a topographicamente na fig. 1:

Admittindo que o inimigo procure abordar-a (fig. 1) pelos pés das vertentes, a applicação do principio extremamente geral dos flanqueamentos nos conduz a acceitar que o ponto de apoio estabelecido sobre essa garupa comprehenderá, em principio, e essencialmente:

1.º) — Em cada vertente, uma organização cuja missão principal será flanquear o ponto de apoio visinho; suas missões secundarias, inteiramente compatíveis com a primeira, consistirão em flanquear as organizações visinhas, do mesmo ponto de apoio, e a bater as vertentes intermediarias — E' o caso das organizações A e C. (fig. 1);

2.º) — Na frente, uma organização cuja missão essencial é flanquear as organizações vizinhas, do mesmo ponto de apoio e a missão secundária de bater as vertentes acessíveis ao assaltante. E' o caso da organização B (fig. 1).

O conjunto constitue o schema da fig. 1., isto é, um triangulo deformavel. Está subentendido que as convenções que indicam as organizações A, B e C. representam, cada uma, um grupamento de posições de tiro appropriadas ás diferentes armas e correspondendo a um mesmo fim tactico.

Imaginemos agora, ao contrario, que a organização B tenha sido installada atraz das organizações A' e C' (fig. 2). Verifica-se logo que o assaltante desde que pretenda se apoderar de A', mascarará simplesmente a organização vizinha do ponto de apoio que está á sua direita, e agirá livremente. No caso da Fig. 1 elle cahiria ainda sob a acção dos flanqueamentos reciprocos, que muito difficultariam sua tarefa.

— Em seguida o autor applica esse dispositivo ao caso concreto relativo á defensiva em grande frente.

Considera os pontos sensiveis da posição a defender e nelles organisa pontos de apoio com as características acima indicadas, no sentido de realizar os flanqueamentos reciprocos completados pela intervenção de outros órgãos de tiro curvo (morteiros, V. B.).

— Desejando obter escalonamento em profundidade, apella para o reconhecimento rigoroso do terreno, para verificar a possibilidade de diminuir as armas e engenhos empregados no 1.º escalão. As metralhadoras assim disponiveis, seriam empregadas em 2.º escalão, para enfiar os grandes caminhamentos, flanqueando a grande distancia os pontos de apoio de 1.º escalão, ou para bater os pontos de passagem obrigatoria; etc.

— Finalmente, o autor encerra o seu trabalho, estudando, ainda no caso concreto indicado, as modalidades do movimento, que se poderão verificar sob duas formas: deslocamento das posições de tiro e jogo das reservas. As posições de tiro poderão ser deslocados no curso da manobra defensiva, para fazer face a situações que accorrem muito communmente.

Esses deslocamentos são particularmente realizados pelo 2.º escalão. Poderão ser preparados com antecedencia, segundo hypotheses razoaveis: locais e itinerarios reconhecidos, balisados e melhorados se necessario.

O trabalho firmado por M. é complementar dos que appareceram na Revista de Agosto de 1934. Comporta um estudo minucioso que a falta de espaço não nos permite fazel-o. O autor encarece, como é natural, a importancia da questão das grandes frentes, intimamente ligada ao problema da cobertura no inicio de uma guerra, e mesmo no curso de uma campanha. Este será certamente o nosso caso.

Reporta-se, em seguida, a importancia preponderante do fogo e ao

valor das reservas; e conclue que, em taes circumstancias o chefe precisa estar incessantemente ao corrente das peripecias da lucta em condições de transmittir rapidamente as suas ordens.

Necessita, portanto:

1.º) — bons observatorios e meios de transmissões aperfeiçoados;

2.º) — reservas extremamente moveis, considerando que a sua articulação não é mais sufficiente; é o seu transporte para todos os terrenos, que se impõe.

IV — Nota sobre o tiro de flanqueamento e sua efficacia.

Decididamente este numero da Revista se caracteriza pela preocupação de focalisar os aspectos interessantes dos flanqueamentos. E' o caso do artigo do Cmt. Metz, de Engenharia, sob o titulo acima. O autor estabelece um confronto entre dois estudos:

— um, do General Lugand, apologista intransigente da efficacia desse genero de tiro e da noção da "barreira intransponivel", baseado na experiencia da guerra;

— outro, do Cmt. Trebous, de Artilharia, sobre o Tiro longinquo das metralhadoras, em que o autor, baseado nos dados da balistica externa e no calculo das probabilidades, escandalizou os "cathedraticos", assegurando que, o "consumo a prever para um tiro de flanqueamento é sempre superior ao que corresponderia a um tiro frontal da mesma efficacia, desencadeado sobre uma frente igual ao comprimento do tiro de flanqueamento". — "O tiro de flanqueamento é, theoricamente, menos efficaz que o tiro frontal".

O Commandante Metz não se conforma com as conclusões do Cmt. Trebous, que importariam em destruir a doutrina em voga, neste particular.

Alinha uma serie de considerações theoricas para destruir os argumentos negativistas do seu camarada de Artilharia e consegue-o vantajosamente. Aliás, o assumpto é fragil para comportar polemica, muito embora nos pareça irrealisavel o flanqueamento ideal e, por isso mesmo, se imponha uma certa restricção ao fetchismo com qué muitos encaram a questão.

Os ensinamentos da guerra, diz o Cmt. Metz, e notadamente os referentes a "barragem intransponivel" das Armas Automaticas agindo em flanqueamento, necessitam na opinião do General Lugand, ser "repetidos de tempos a tempos, sem o que, por um phenomeno vulgar, serão pouco a pouco emcampados pela pura theoria".

O tiro de frente é o do egoismo, enquanto que o de flanqueamento é o do altruismo. Ora, o altruismo nem sempre, é praticado facilmente.

Conclusão: Superioridade indiscutivel do flanqueamento:

— sempre que se possa estabelecer um obstaculo á frente da posição;
— mesmo não havendo obstaculo, desde que o inimigo disponha de cobertas approximadas;

— e ainda, toda vez que o numero de armas automaticas não seja grande, e que se trate de applicar o principio da economia de forças.

Estamos de pleno accordo com o autor. Esta ultima conclusão é bem brasileira. D'onde, se impõe o estudo continuado dos tiros de flanqueamento entre nós.

V — Firmado pelo Ten. Coronel Z. apparece neste numero da Revista um magnifico trabalho sob o titulo: "Um estudo sobre o desenvolvimento do combate no interior do dispositivo inimigo — Decisões do campo de batalha".

Trata-se de uma collaboração digna de uma completa divulgação e não de um simples commentario, que nos é imposto pela defficiencia de espaço. O objectivo do Coronel Z., aliás, perfeitamente conseguido, foi collocar os executantes em presenca de situações do campo de batalha, de character chaotico e conduzil-os a dellas se descartarem, tomando decisões rapidas, expedindo ordens curtas e completas, apezar de redigidas em pleno perigo. Realmente, concordamos com o autor, em considerar esse methodo de estudo de vantagem indiscutivel para o desenvolvimento do golpe de vista, discernimento, iniciativa, character e espirito de decisão de um chefe, qualquer que seja o escalão hierarchico em que se encontre.

O trabalho está dividido em quatro partes.

A 1.^a parte é consagrada á exposição da situação tactica; a segunda, focalisa um Commandante de Btl. forçado pelas circumstancias a tomar decisões, dar ordens, partes e endereçar pedidos á autoridade superior.

Na terceira parte intervém o Cmt. do RI. a que pertence esse Btl.; e, finalmente, a quarta parte enfeicha o trabalho coordenador do Commandante da I. D. dentro da mesma situação. O estudo é todo elle de um interesse palpitante porque foge ás linhas classicas, para se ater a visão nitida das realidades do campo de batalha e a um conhecimento aprofundado das possibilidades da Infantaria.

VI — Demonstrando um invulgar interesse pelas questões de motorisação, a Revista encerra a parte editorial com uma minuciosa noticia sobre "O salão do automovel em 1934 — seu interesse militar" repleta de dados technicos sobre as mais recentes criações deste ramo. Mais adiante, na Chronica das Revistas estrangeiras, reproduz uma opinião italiana sobre a motorisação e a mechanisação a serviço da guerra futura da autoria do Ten. Coronel. do Exercito Italiano Adolfo Infante.

Citando os casos da Inglaterra, França, Suissa encara a situação da Italia que, apezar dos esforços do Inspector do material automovel, ainda

não conseguiu resolver a questão em toda a sua amplitude. O estudo do Coronel Adolfo Infante se estende sobre: o pessoal, o material, as regras geraes de emprego e a constituição organica.

Reconhece, de inicio, que a solução do problema apresenta na Italia, difficuldades particulares, devidas á falta de carburante, á insufficiencia das installações industriaes é á presença de terrenos montanhosos e boscosos.

A falta de carburante no territorio nacional implica a liberdade das communicações maritimas.

Nas suas conclusões o autor acha que a Italia não pode tardar a solução do problema, no seu duplo aspecto: industrial e militar.

A questão industrial será abordada no seu triplice objecto:

- estimular á industria automovel appropriada ao emprego militar;
- aprofundar os estudos do carburante nacional;
- equipar as usinas para uma fabricação rapida de engenhos cou-raçados.

A questão militar conduz a uma revisão total da organização do Exer-cito.

Eis ahi as bases da solução do problema.

Entre nós ainda não se cuidou de tão relevante questão. Os nossos theatros provaveis de operações comportam largamente o emprego dos meios motorizados; já possuímos, embora de modo incipiente, o carbu-rante nacional.

Falta-nos a industria de guerra.

Por que não procuramos a solução para esse problema no Brasil?

A imprevidencia é uma pessima qualidade.

Resguate o seu futuro inscrevendo-se na

CAIXA DE CONSTRUÇÃO DE CASAS

DO MINISTERIO DA GUERRA

SYSTEMA COOPERATIVISTA

Avenida Rio Branco

Edificio do Jornal do Commercio - 3.º and.

Conselhos para resolver uma situação tactica

Pelo Cap. A. DA SILVA CHAVES

SUMMARIO

- I — Valor de um methodo
- II — Trabalho preparatorio
- III — Exame da situação
- IV — Decisões.

I — VALOR DE UM METHODO:

Para solução de uma situação tactica temos necessidade de examinar uma serie de factores que teem influencia decisiva nas resoluções a tomar.

O exame desses factores deve ser feito sem nenhuma idéa preconcebida, afim de que possamos sentir nitidamente a reacção de cada um delles na solução a ser adoptada.

E' preciso não se ter a preocupação de encontrar uma solução para a questão apresentada, logo após a leitura de seus dados; isto conduz o solucionador a um prisma visual estreito que lhe não permite sentir claramente a influencia de varias minucias de importancia, para a decisão final.

E' imprescindivel estudar cuidadosamente todos os dados da questão para, só depois de ter uma perfeita idéa do conjuncto, tomar uma decisão.

Para aquelles que não tem o habito de lidar com questões de tactica parece, a primeira vista que, numa situação real, dada a premencia do tempo e as influencias da actuação inimiga, não será possivel, pelo menos aos chefes mais em contacto com o inimigo, dispor da calma sufficiente para o estudo do problema, mediante um methodo seriado das ques-

tões; e que isto só é possível nos grandes quartéis generaes ou nos gabinetes de estudo em tempo de paz.

Devemos porém lembrar-nos que, quando um problema tactico é resolvido sem uma meditação profunda, somos forçados a ir modificando no decorrer da leitura a solução tomada no inicio desta. Taes modificações alongam insensivelmente o tempo necessario á decisão final. Além disto, como a situação não foi examinada detidamente, surgem os seguintes inconvenientes:

a) — O Chefe não tem confiança na solução que adoptou e esta falta de confiança em sua decisão é involuntariamente transmittida a seus subordinados pela falta de precisão nas ordens;

b) — Se o tempo decorrido entre a distribuição da ordem e a sua execução for longa, novas idéas surgirão no espirito do Chefe que dará contra ordens ou instrucções complementares dispensaveis, tudo como resultado da falta de confiança na solução inicial e causando balburdia aos executantes;

c) — No decorrer da execução das suas ordens, surgirão imprevistos que constituirão verdadeira surpresa, e com a surpresa, desastres.

Assim o tempo, que parece perdido com o exame minucioso das questões necessarias a uma perfeita decisão, é fartamente compensado com a confiança que o Chefe tem na solução adoptada, a precisão nas ordens dadas e a previsão das modificações provaveis.

Um methodo, qualquer que elle seja, desde que racional, tem a vantagem de se incutir no sub-consciente do militar e nos momentos os mais criticos, se apresentar nitidamente ao seu espirito facilitando-lhe o trato das questões supervenientes.

E' baseado neste principio que o R. E. C. I. em seu n. 76, pag. 68, prescreve: "Trata-se de crear no soldado durante o seu curto tempo de serviço, ACTOS REFLEXOS E EFICAZES, solidamente enraizados no seu sub-consciente, de modo que possam persistir durante a vida civil e garantir

quando fôr necessario e apezar das emoções do combate, a execução dos movimentos indispensaveis á acção“.

Identicamente, se um official se habitua a tratar as questões de tactica, segundo um methodo unico, este se enraizará de tal fórma em seu espirito que será sempre applicado, qual quer que seja a urgencia e as preoccupações do momento.

A principio terá que consultar as notas sobre o methodo; depois precisará de um esforço de memoria para se reportar a elle durante a resolução das questões; finalmente applical-o-á institivamente, inspirado apenas pelos reflexos.

Se cada official, portanto, adoptar um methodo racional e procurar treinar a sua applicação, nos momentos precisos suas decisões serão rapidas, precisas e concisas.

Dentro dessa ordem de idéas e com a experiencia propria resolvemos auxiliar os nossos camaradas mais novos, divulgando o methodo que nos foi ensinado e que nos tem proporcionado facilidades na solução dos nossos trabalhos, sempre que são applicados convenientemente.

II — TRABALHO PREPARATORIO:

a) — THEMA:

Ler o thema com attenção para fazer uma idéa da natureza do trabalho que vaeprehender.

Ler o thema uma segunda vez sublinhando todas as partes importantes; ler em seguida todos os documentos anexos ao thema.

Ler o thema uma terceira vez sublinhando duplamente todas as partes fundamentaes para o trabalho a executar.

NOTA — Em exercicios e no caso de se tratar de commandos subordinados, ler a ordem recebida dispensando-lhe as mesmas attensões acima.

b) — CARTA:

Após a primeira leitura do thema, tomar a carta e cobrir

com lapis azul todos os rios da região em que se vae trabalhar ou pelo menos os rios mais importantes dessa região; cobrir com lapis encarnado, ou outro qualquer, as estradas e caminhos da zona considerada.

Durante a segunda leitura do thema, sublinhar, na carta, todas as localidades e pontos que sirvam de referencia á situação e á missão.

Para o trabalho feito nos pequenos escalões de commando e em exercicio no terreno — após a primeira leitura da situação o solucionador deverá tomar a carta e fazer um giro do horizonte, de modo que fique senhor do terreno; — durante a 2.^a leitura da situação deve identificar, no terreno, todos os pontos de referencia citados;

— durante a terceira leitura é de todo conveniente que a carta já esteja guardada e que os pontos do terreno sejam vistos directamente.

NOTA — Esta maneira de agir, varia de accordo com o escalão, pois no Batalhão e unidades superiores, embora no terreno, o commando terá neessidade da carta para se orientar sobre pontos que não sejam vistos.

III — EXAME DA SITUAÇÃO:

Para resolver qualquer situação tactica necessitamos estudar quatro factores que condicionam as decisões a tomar;

MISSÃO — TERRENO — INIMIGO — MEIOS

a) — Estudo da missão:

Uma missão, em geral, comporta uma parte essencial e uma ou mais partes subsidiarias.

Por exemplo: Uma unidade que, estando em A deve marchar para B e lá atacar, defender-se ou ficar em condições de..... tem como parte essencial da missão aquillo que deverá fazer no ponto B e como subsidiaria a marcha de A para B.

Esta distincção é necessaria, porquanto o dispositivo de marcha, além de corresponder ás necessidades desta, deverá tambem permittir a rapida realisação do dispositivo em B, para o cumprimento da parte essencial da missão.

Assim, quando se estuda uma missão, é preciso:

- 1.º) — Procurar a parte essencial dessa missão;
- 2.º) — Procurar sua parte subsidiaria;
- 3.º) — No caso de haver mais de uma parte subsidiaria, grupar-as em ordem de urgencia.

Convém notar que, quanto menos elevado o escalão em que se age, tanto menor é a importancia desta sub-divisão, na analyse da missão; porquanto as transformações de dispositivo são mais rapidas e muito mais faceis.

b) — Estudo do terreno:

O estudo do terreno na carta ou sobre o proprio terreno tem uma importancia capital.

Reagindo sobre a missão, sobre a atuação do inimigo e sobre o emprego dos meios disponiveis, o terreno vae condicionar as decisões a serem tomadas.

Este estudo comporta duas partes:

1.ª) — Sob o ponto de vista topographico — em que o terreno é estudado apenas quanto a suas fórmás, communições, etc.;

2.ª) — Sob o ponto de vista tactico:

a) — Estudo das reacções do terreno sobre a missão;

b) — Estudo das reacções do terreno sobre as possibilidades do inimigo;

c) — Estudo de influencia do terreno sobre o emprego dos meios disponiveis.

Como vemos o estudo concernente ás letras b e c só póde ser feito no estudo dos outros dois factores da decisão.

c) — Estudo do inimigo:

Quem recebe uma missão recebe também um conjunto de informações sobre o inimigo.

Tais informações, quer constituam um Boletim de Informações especial, quer sejam enquadrados num simples item de ordem, contêm tudo que se sabe sobre o inimigo, no que possa interessar o escalão em que se age, até uma determinada hora, bem como as conclusões sobre as possibilidades do inimigo.

Além disto, caso o contacto já tenha sido tomado pela unidade interessada, o seu commandante colhe informações por conta própria, as quaes ligadas as informações já recebidas, servirão para confirmal-as ou modificá-las.

Normalmente as informações sobre o inimigo são um pouco anteriores ao momento da decisão do Chefe e portanto, na analyse sobre o inimigo, deveremos levar em consideração a circumstancia de estarmos ou não em contacto com este inimigo.

No caso de estar em contacto, é preciso:

1.º) — Estudar detidamente todas as informações recebidas do escalão superior;

2.º) — Estudar as informações recebidas dos vizinhos e colhidas directamente; desde a hora a que se refere o escalão superior até o momento da analyse, introduzindo nesta as modificações consequentes da reacção daquellas;

3.º) — Estudar as possibilidades de modificação da situação do inimigo durante o tempo decorrido entre a decisão e a hora de execução, bem como durante a execução da operação que se tem em vista.

No caso, de não estar em contacto, é necessario:

1.º) — Estudar detidamente todas as informações recebidas do escalão superior;

2.º) — Estudar as possibilidades de modificação do inimigo entre a hora da decisão do commando superior e a da execução da operação, bem como as modificações possíveis, durante a execução da operação.

O estudo das possibilidades do inimigo deve ser feito criteriosamente, abstando-nos de hypotheses gratuitas sobre esse inimigo. Devemos nos restringir ao estudo das possibilidades em face das ultimas informações obtidas sobre suas actividades e diante do terreno de que elle se vae utilizar.

Quanto menos elevado o escalão de commando, tanto menor inimportancia tem o estudo das modificações provaveis da situação do inimigo, porquanto as decisões são tomadas em hora mais proxima da execução.

d) — **Estudo dos meios:**

O commando estuda os meios, analysando:

1.º — A capacidade dos meios disponiveis:

- quanto ao effectivo;
- quanto ao gráo de instrucção;
- quanto ao estado physico;
- quanto ao valor moral.

2.º — As possibilidades de acção consequentes em face:

- da capacidade acima;
- da missão recebida;
- do terreno onde tem que agir;
- das possibilidades do inimigo.

III — DECISÕES

Encadeando assim o seu estudo, o commando, ao terminar a analyse dos meios terá uma idéa nitida sobre a manobra a executar.

A — **Idéa de manobra:**

Todo chefe, para desempenhar-se de uma missão recebida deve ter uma idéa. Essa idéa porém, deve ser tanto mais

ampla quanto maiores forem as possibilidades de mudança na situação.

Ora, quanto mais alto o escalão de commando, tanto maior o tempo decorrido entre a decisão e a execução; por outro lado maior é o tempo gasto para recepção de informações e remessa de novas ordens; assim é necessario que os commandos subordinados tenham conhecimento da idéa de manobra do chefe para que possam applicar toda sua iniciativa no caso de mudanças de situação, sem feril-a, pois é ella que deve nortear o conjuncto. Só assim esse conjuncto não será prejudicado por iniciativas isoladas; só assim os commandos subordinados poderão, exercer conscientemente a faculdade de iniciativa, sem a qual ninguém commanda.

Do exposto se conclue que, quanto mais alto o escalão de commando, tanto mais demorada será a sua actuação directa e maior deverá ser a iniciativa dos commandos subordinados, portanto mais ampla deve ser a Idéa de Manobra. Ao contrario, quanto menos elevado escalão de commando, mais cerrada será a idéa de manobra, que acabará por não ser explicita nos escalões em que o comando possa sentir as reacções do adversario e actuar directamente no sentido de annullal-as.

Dessa fórma, concluimos que a Idéa de Manobra, existindo conjugada com uma Intenção expressa do Chefe, toma uma fórma muito ampla nos altos escalões de commando; que no escalão Divisão ella já se aprseenta isolada, porque quasi sempre a Intenção do General está bem expressa na missão recebida; que no Regimento a idéa de manobra ainda é necessaria ao conhecimento dos commandos subordinados, mas no Batalhão não ha necessidade de haver na ordem de operações um item especial sobre essa idéa. O Batalhão é a unidade tactica da Infantaria, o Major tem em suas mãos os órgãos de fogo, para emprego directo em proveito das companhias e poderá modificar, pessoalmente a actuação daquelles, de accordo com as variações da situação.

Em todo caso pôdem haver situações em que o commando do batalhão não possa actuar directamente no conjuncto de

sua unidade, sendo forçado até a repartir órgãos de fogo com as companhias; em taes casos, cabe aos capitães uma maior iniciativa e portanto, a idéa de manobra deve estar expressa na ordem.

Quanto aos escalões da companhia inclusive, para baixo, não ha necessidade de tornar expressa a idéa de manobra.

Esta affirmação não implica em dizer que os pequenos chefes não tenham uma idéa de manobra, sómente o commandante do G. C., que pelo R. E. C. I., não manobra, deixará de tel-a, mas, o proprio commandante de pelotão, embora não á indique de modo especial aos commandantes de grupo de combate, só pode agir tendo uma idéa; sua indicação é dada com o dispositivo e a missão attribuida a cada grupo.

B — Dispositivo:

Assentada a idéa de manobra, para ser communicada ou não aos commandantes subordinados, o Chefe vae decidir sobre o dispositivo.

Ora, a Idéa de Manobra fixa o esforço, e este será feito pelos effectivos de que se dispõem, logo o commando, doando-os em consequencia do esforço a pedir, vae deduzir o dispositivo da idéa de manobra.

O Dispositivo, sendo uma função do esforço, exige que a distribuição de effectivos e meios de fogo, para o apoio, seja maior nas zonas de maior esforço.

Portanto, para frentes iguaes de esforços differentes, maior quantidade de tropa para aquella em que o esforço será maior ou para tropas de effectivos iguaes, menor frente para a que deva produzir maior esforço.

C — Repartição das missões:

Decidida a Idéa de manobra e o Dispositivo, é preciso distribuir uma missão a cada uma das unidades, isto é, a cada commando subordinado.

Esta decisão é simples, desde que se tenha em vista as duas anteroiores.

D — Execução das missões:

Estabelecidas as missões é preciso coordenar-as, de modo que a actuação de cada uma das unidades se entrose num todo homogêneo.

E — Ligações e Transmissões:

1.º — Para que as decisões sejam executadas convenientemente é necessário que o chefe possa transmittir suas ordens, receber e dar informações, é preciso portanto estabelecer as transmissões de modo que sejam uteis a operação que se tem em vista.

2.º — Para que a idéa do chefe possa ser bem executada e os commandos subordinados possam exercer utilmente sua iniciativa é preciso existir uma perfeita ligação de commando.

3.º — Para que as unidades vizinhas possam se auxiliar e amparar mutuamente é necessário haver uma boa ligação de combate.

F — Serviços:

Em fim, tomadas as decisões relativas á tropa, todos os chefes, em qualquer escalão, salvo o pelotão, teem que decidir quanto ao emprego dos serviços (serviços propriamente dito, trens de estacionamento ou simples trens de combate) que existam organicamente, ou não, em suas unidades e que são imprescindiveis á vida e á actuação da tropa.

E' preciso verificar o que é immediatamente necessário e o que é mais ou menos dispensavel para a operação em vista e assim, tomar decisões sobre os serviços.

Secção de Cavallaria

Redactor F. D. Portugal

Auxiliar: Dantas Pimentel

O Cérne de Cavallaria

Cap. F. D. FERREIRA PORTUGAL.

Havia algumas horas que os nossos tres automoveis rodavam pela estrada que liga SANTIAGO do BOQUEIRÃO a SÃO LUIZ GONZAGA e que transpõe o rio PIRATINY no Passo de SANTA MARIA.

Deixáramos aquella villa ás primeiras horas da manhã e rumáramos, inicialmente, pela estrada de TUPACERETAN, sobre o divisor de aguas do PIRATINY -- JAGUARY e, após o percurso de uns 30 Km., inflectiríamos para N. W., progredindo entre o PIRATINY e o ICAMAQUAN, até a Capella do PORFIRIO, donde corrêramos francamente para o N., atravessando o PIRATINY e o XIMBUCU' para abordar SÃO LUIZ pelo Sul.

Contornando as cabeceiras de todos os pequenos arroios, tributarios directos ou indirectos daquelles rios, não faziamos mais do que utilizar a mesma róta que a natureza indicára aos nossos povoadores como a mais propria e mais accessivel ao movimento naquellas paragens.

De facto, as pistas formadas pelo transitar dos primitivos do nos da terra ampliaram-se ao tropel das partidas dos conquistadores, e transformaram-se em estradas carroçaveis desde que os rodeiros de suas viaturas as recortaram des ulcos inconfundiveis.

As carretas de bois e, posteriormente, as carróças coloniaes, rodaram longamente por esses caminhos, drenando os recursos com que a zona agricola do Rio Grande abastece a região pastoril.

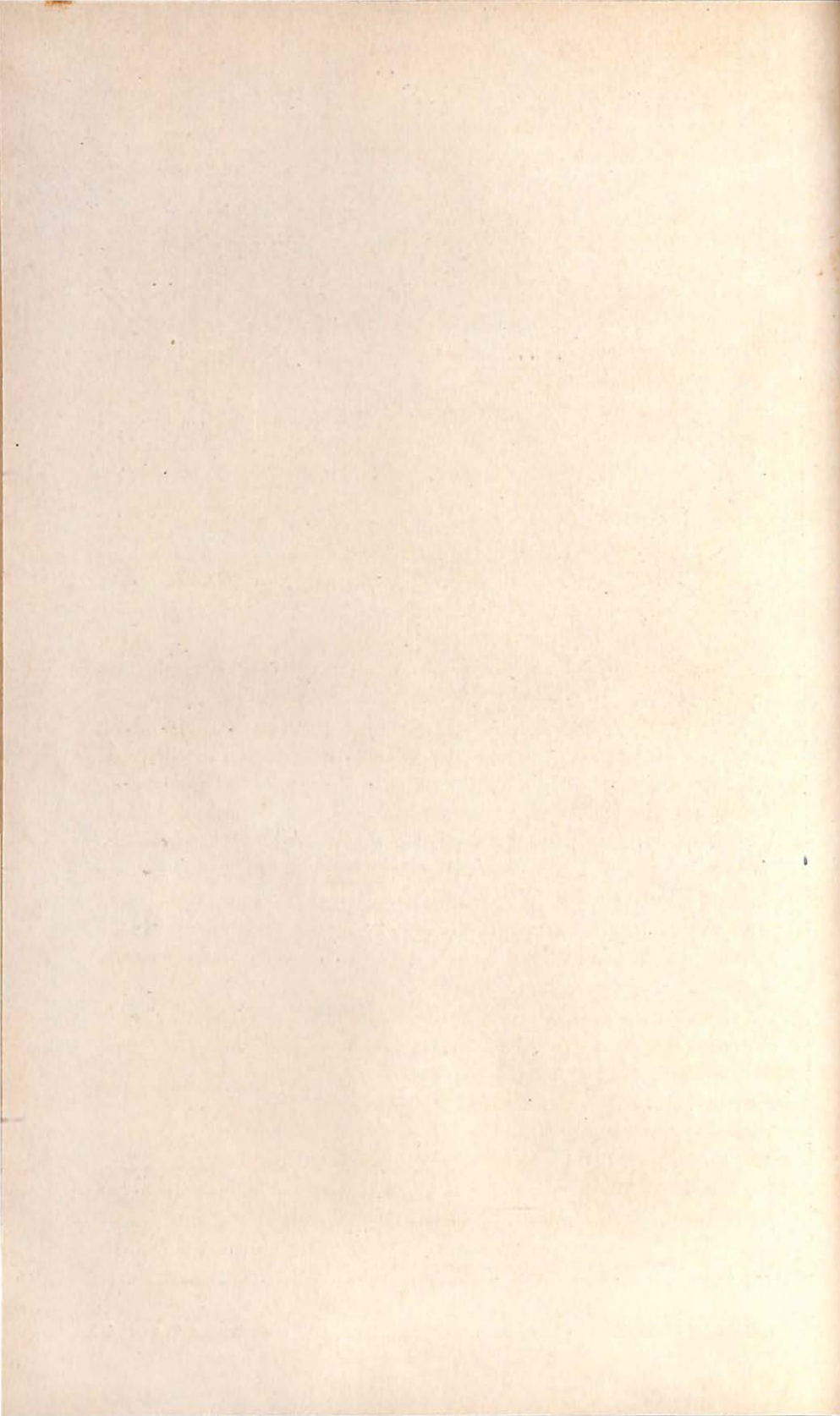
O traçado dessas rodovias não se alterou, com o transcorrer do tempo, e a sua virtude historica está precisamente no facto de serem ellas utilizadas, hoje, pelos automoveis, sem qualquer alteração em sua estrutura original...

Parece que um desmedido amor á tradição não permittiu que se conspurcasse a pureza desses monumentos historicos com obras d'arte, aterros, cortes, rectificações...

O CÉRNE DA CAVALLARIA



Aspectos tomados em uma "canha de carreiras" em São Luiz, Rio Grande do Sul.



Felizmente, os progressos da industria automovel têm favorecido tal preocupação pois, hoje em dia, raros são os atoleiros invensives, para os cursos dagua a transpôr, ou existem as balsas tradicionaes, quando elles são profundos, ou ha a pericia confiante dos motoristas que se transformam em verdadeiros pilotos de machinas amphibias para vencerem, galhardamente, a largura dos "lageados"...

Ora, nada perturbara a marcha da nossa pequena caravana. Os automoveis portaram-se bem, e um sol intenso proporcionou-nos as melhores condições de transito que poderiamos desejar.

Já em meio da tarde, ao galgarmos a Coxilha do CEMITERIO, logo ao Sul de SÃO LUIZ, deparámos, de subito, com uma verdadeira multidão de cavalleiros que lá se reuniu para assistir as habituaes carreiras de cavallo. Só então occorreu-nos que era domingo, e que nesse dia, as "canchas" de quasi todas aspovações do Rio Grande ficam repletas de apreciadores desse antigo esporte bretão que na campanha se realiza, ainda, sob um aspecto bem diverso dos hippodromos das grandes capitaes. Assim, lá não existem pistas ellipticas, nem pareos de numerosos puro-sangues, nem "guichets" para apostas. No dorso de uma coxilha, dois trilhos rectos e parallellos marcados na relva, com algumas centenas de metros de extensão, constituem a "canha" onde não correm senão dois cavallo de cada vez. Estes não possuem "pedigree", entretanto, a sua aptidão comprovada em disputas anteriores, o trato e o treinamento adequados valem-lhes o respeito de uma denominação especial: são os "parelheiros"...

Antes da corrida de dois "parelheiros" que commumente constitue a parte principal do programma, e á guisa de "preliminares", ha outros páreos sem importancia, muitas vezes improvisados entre os proprios circumstantes, aos quaes um desafio mal recebido transforma de espectadores em "jockeys"...

A assistencia é constituida quasi que exclusivamente por cavalleiros. Raros são as viaturas — carroças, aranhas, auto-

moveis — que conduzem as raras familias que comparecem a essas reuniões. Alli está o “gaúchada” de toda a redondeza... Moços, velhos, creanças, agglomeram-se em torno das tendas improvisadas onde se vendem bebidas e doces, ou movímentam-se em redór da pista, exhibindo numa alegria ingenua e contagiosa a elegancia natural de cavalleiros eximios. Quasi todos usam, ainda, a bombacha tradicional, o lenço ao pescoço e o chapéu com barbicacho. A bota de fôles e as “chilenas”, completam, com o “rabo de tatú”, esse aparato campeiro.

Na cavallhada tambem ha de tudo, desde o “parelheiro” de pêlo reluzente e de algum sangue, ensilhado com serigote chapeado e “apêro” de prata até o “matungo” envelhecido que aguarda o seu destino impiedoso de “puxador de pipa”...

*
* *

Como o tempo nos sobrava, pois estavamos á vista — nosso ponto de destino daquella jornada — SÃO LUIZ — deixámos os automoveis e approximamo-nos da “cancha” para assistir aquelle expectaculo desconhecido para alguns dos nossos companheiros de excursão.

Emquanto aguardavamos a corrida principal, o nosso illustre mestre da Missão Franceza, Cel. CORBE', que nos acompanhava, falou-nos da admiração que lhe causava aquella festa esportiva, para elle inédicta, e dos recursos preciosos com que nós deveríamos contar para possuir-mos uma excellente cavallaria, pois só ali, em nossa presença, estava o effectivo de mais de tres esquadões.

O seu espirito militar, sempre affeito ás cousas da profissão e caracterizado por um admiravel senso da realidade, havia tirado uma illação justissima do quadro com o qual depavamos. De facto, aquelle grupo de cavalleiros entusiastas e arrogantes não poderia ter para nós sómente uma significação esportiva. Aquella “cancha de carreira” representava, com as innumeradas outras que aquella mesma hora se provoavam de verdadeiros “ginetes” em quasi todas as localidades do Rio

Grande, um potencial latente de nossa defesa nacional. Só não comprehenderia isso quem desconhecesse o papel historico que as contingencias da vida politica dos povos reserva ás suas populações da fronteira. Só não estaria em condições de comprehendendo-lo quem ignorasse o papel proeminente que cabe á arma de Cavallaria no inicio de uma campanha.

Em cada um dos cavalleiros que aos domingos comparecem ás coxilhas em festa do Rio Grande deve existir um verdadeiro soldado de cavallaria, fórte, ousado, combativo, esmerilhador profundo daquelles "pagos" e animado por um grande sentimento patriotico que mais de dois seculos de contendas externas vivificaram de fórma definitiva.

Naquella "indiada" de bronze era facil divisarem-se os decendentes do cacique Sepé, o primeiro defensor intransigente daquelle "rincão"...

Ali estavam, tambem, os herdeiros de Abreu, o mais completo typo do gaúcho guerrilheiro, que conquistou com a sua bravura serena a gloria de um titulo nobiliarchico, e que não quiz guarda-lo em sua adversidade militar, preferindo succumbir com elle num lance heroico de desprendimento sublime...

Ali estavam os representantes de todos os grandes cavalleiros do BRASIL que traçaram as paginas mais brilhantes da nossa historia militar durante as pugnas do Imperio...

Ali estava, em resumo, o verdadeiro cérne da Cavallaria Brasileira.

*
**

Essas considerações eram tanto mais opportunas quanto nós vinhamos de executar uma manobra de quadros em SANTIAGO do BOQUEIRÃO, na qual a Cavallaria desempenhara o mesmo papel relevante que sempre lhe caberá onde os espaços facilitarem as decisões pela manobra.

Ora, a manobra de quadros, esse precioso recurso de instrucção que a Missão Militar Franceza introduziu no Brasil, e que ha quinze annos aguarda o seu complemento indispensavel — a manobra com tropa — comporta sempre alguns ex-

cessos de imaginação. Por essa razão, e na falta de uma comprovação e xperimental, é natural que os seus coparticipantes acceitem, com certa reserva, determinados ensinamentos e, notadamente, aquelles que devem exigir na pratica uma execução difficil. E' precisamente o caso da Cavallaria. A sua intervenção, sempre fructuosa, requer tal acerto no emprego e taes requintes de execução que quasi nada se póde esperar de uma cavallaria improvisada. Por isso, após aquellas manobras, a muitos dos que a assistiram deve haver acompanhado essa duvida desalentadora: "A nossa Cavallaria estaria em forma para o desempenho das missões que lhe couberam em SANTIAGO?"

A sinceridade dos cavalleiros só poderia responder: Não.

Ella só será efficiente quando nos seus quarteis funcționarem machinas de instrucção completas, com todas as suas peças, trabalhando continuamente e dignas daquella materia prima admiravel que nós viamos nos cavalleiros da Coxilha do CEMITERIO. Felizmente parece que as circumstancias se encaminham para isso. Illusão?... Optimismo?...

*
**

Chegou o momento da carreira principal. Os proprietarios já se "acertaram" e os "parelheiros" foram aprestados no "partidar" da "cancha". Após os ensaios costumeiros, elles partem e percorrem a pista sob a algazarra ensurdecadora da assistencia enthusiasmada.

A victoria incontestada de um dos concurrentes não deu ensejo ás duvidas desagradaveis que costumam pôr um fim pouco esportivo a esses torneios...

Já o Sol se despedia daquella tarde magnifica, envolvendo toda a paisagem numa caricia de luz dourada, quando retomámos o caminho de SÃO LUIZ.

Atraz de nós morriam os ultimos commentarios animados daquelle fim de festa...

Na nossa direcção, o casario vetusto da secular povoação jesuitica soerguia-se numa collina dominante como se quizesse apreciar, por mais tempo, o espectáculo deslumbrante do ocaso...

Secção de Artilharia

Redactor: I. J. Verissimo

Auxiliar: Senna Campos

Sobre preparação dos tiros de artilharia

Pelo Cmt. M. VERNOUX

(Revue d'Artillerie Fevereiro de 1934.)

(Traducção do Major Verissimo).

A exposição que se segue visa simplificar, o mais possível, a organização do tiro na Bia. e no Grupo, todas as vezes que se trata de um conjunto de tiros.

Os elementos de tiro, sendo classificados, como sempre, em elementos de base e em correcções, procurou-se uma classificação permitindo agrupar as correcções:

— aquellas que são características da Bia. que atira, em opposição áquellas que são communs a um conjunto coherente de Bias.

— aquellas que são características do momento em opposição áquellas que são fixas no tempo.

Para claresa de exposição, houve necessidade de adoptar termos novos, como “correcção fixa” “elementos de base corrigidos”, “elementos de partida”.

Certos leitores poderão extranhar esta terminologia e não acceital-a com agrado: o autor também não está satisfeito com ella, mas se a adoptou é porque não encontrou outra mais adequada.

Dito isto: a exposição que se segue comprehende:

- uma noticia justificativa.
- a exposição propriamente dita.
- um exemplo de applicação.

NOTICIA JUTISFICATIVA

I) O estudo que se segue, não tem por fim, modificar os principios actualmente admittidos para a preparação do tiro, sua depuração, os transportes etc. Ella tem, simplesmente, por objecto — *sem mudar os resultados* — apresentar todos esses problemas sob uma forma tão methodica quanto possível, e, em particular, facilitar e simplificar a organização do tiro na Bia. e no Grupo.

II) Os processos, actualmente, regulamentares, resolvem perfeitamente o problema *quando se trata de um tiro isolado*.

Mas a sua apresentação habitual, não facilita a preparação do tiro em todos os casos sobretudo quando se tem que preparar quasi simultaneamente, em uma ou varias Bias. de um grupo, um conjuncto de tiros.

Por exemplo:

— os termos empregados na preparação do tiro para a direcção e o alcance não se correspondem.

— o que se chama “correcção total” para o alcance é chamado “correcção de conjuncto” para a direcção.

Para esta ultima, grupam-se todas as modificações a introduzir nas derivas de vigilancia (que nada tem a ver com o objectivo considerado) emquanto para o alcance, opera-se a partir da distancia topographica do proprio objectivo.

— na depuração ha para o alcance uma “distancia depurada” (que representa uma distancia balistica) que se compara a distancia topographica conhecida; para a direcção, ao contrario, faz-se “marcha a ré” até as derivas de vigilancia, parallelamente e em sentido inverso daquilo que foi feito para a preparação.

Aliás, não parece que se impõe, na depuração, a dejuncção de distancia depurada salvo, no caso raro, em que se quer,

determinar, em seguida a um tiro, as coordenadas prováveis de um objectivo (1)

— no transporte de tiro — enquanto se opera para a direcção por medida do angulo de transporte — melhorado das correcções conhecidas — (como se fazia no velho methodo de transporte de tiro de Artilharia de Sitio) — opera-se para o alcance e o evento utilizando as correcções de depuração.

— enfim o "rattachement" do tiro é tratado como um problema particular (2)

III) Em consequencia, nós nos propomos, a unificar os processos empregados:

a) primeiro, reduzindo a duas as operações a effectuar.

1.º) Preparação do tiro sobre um ou varios objectivos — utilizando os elementos aerologicos e balisticos conhecidos, ou utilizando um ou varios tiros anteriores (da mesma Bia. ou de Bias. visinhas).

2.º) Depuração do Tiro:

b) Unificando, em seguida, os processos para a direcção o alcance, o evento.

Em logar de classificar as correcções, segundo sua origem balistica — como no methodo actual (3), propomos classificar-as segundo a sua origem pratica.

Desse modo consideramos:

— as correcções devidas ao material é ás munições, que podem ser calculadas de ante mão e que são características da Bia. que atira. E' ao seu conjuncto que chamamos — *correcção fixa* (correcção da espoleta; correcção de $d_1 V_0$; $d_2 V_0$ e dp).

— as correcções devidas aos elementos do momento, de causa conhecida ($d_3 V, dH, d\Theta, Wx$) O seu conjuncto fórma o que chamamos *correcção do momento*

— por fim, as correcções de causa desconhecida que só são reveladas pelo tiro. E' a *correcção residual*.

Todas essas correcções se ajuntam aos elementos puramente topographicos, correspondente a posição conhecida da Bia. e do objectivo e que constituem o que chamamos *Elementos de Base*.

Esses elementos de base, corrigidos das "correcções" que se possuem no momento do tiro, constituem os *elementos de partida* (admittindo-se que todas essas operações são identicas e parallelas para a direcção, o alcance e o evento)

Então se chamarmos

- B — elemento de base
- F — correcção fixa
- P — correcção do momento
- φ — correcção residual
- D — elemento de partida
- T — elemento de regulação.

Teremos:

$$D = B + F + P + \varphi \quad (1)$$

Todo problema da preparação do tiro está contido nesta formula.

Para a preparação, propriamente dita, não ha nenhuma difficuldade: se φ não é conhecido elle é desprezado.

A depuração, consiste, no instante t_1 (após haver determinado o elemento de regulação T_1) em ter:

$$T_1 = B + F + P' + \varphi_1$$

Si não se conhece P_1 com precisão, subtrae-se o conjuncto $P_1 + \varphi_1$ que chamamos *correcção global de depuração*.

Se, ao contrario, conhecemos P_1 , póde-se tirar da formula φ_1 — que chamamos *correção residual de depuração*.

E', por meio destes diversos elementos, que se poderá sempre com o auxilio da formula (1) preparar.

— seja um novo tiro ulterior da mesma Bia. sobre o mesmo objectivo

— seja um tiro immediato ou ulterior da mesma Bia. sobre outro objectivo (transporte do tiro)

— seja um tiro immediato ou ulterior de uma Bia. vizinha sobre um outro objectivo (amarração do tiro).

O problema assim exposto, apesar de sua complicação apparente — é excessivamente simples e logico.

De qualquer maneira, mesmo se a interpretação das correções de depuração é mal feita; si o capitão, (por exemplo) se contenta, por falta de tempo ou de reflexão, de as applicar brutalmente a outros tiros, mesmo assim, os erros resultantes são fracos e não faltas de calculo cuja repercusão é muito mais numerosa na applicação do methodo actual.

Em conclusão:

— o methodo proposto terá, sem duvida, por effeito, de reduzir, ao minimo, as faltas

— de tornar mais facil a resolução de diversos problemas de preparação do tiro

— emfim de assegurar uma organização do tiro no grupo e nas unidades superiores, tão facil quanto no interior da Bia.

ESTUDO RELATIVO A PREPARAÇÃO DOS TIROS

I) Definições

As definições abaixo se applicam igualmente e parallelamente á direcção, ao alcance e ao evento.

Assim:

Elementos de Base (B) = elementos conhecidos, de ordem topographica, calculados ou medidos e independentes

- das condições do momento
- do regimen das peças
- das munições

Taes elementos podem ser, caso se queira (e se conheça o objectivo), calculado de antemão

São:

- angulo de transporte de base
- distancia topographica
- differença de altitude (sitio)

e, desde que se conheça a munição a empregar, é possível deduzir o

- evento de base

Correcção Fixa (F) = conjuncto de correcções devidas ao material e ás munições characteristics da Bia. que atira. Esta correcção pode ser calculada *de antemão* desde que se conheça a munição a empregar

São:

- correcção de espoleta
- » de $d_1 V_0$ e $d_2 V_0$
- » de dp
- a derivação.

ELEMENTOS DE BASE RECTIFICADOS

(R) = Elementos de Base aos quaes se faz soffrer uma correcção fixa

$$R = B + F$$

Esses elementos podem ser calculados de antemão, como a correcção fixa. Elles são característicos da Bia. que atira.

Correcção do Momento (P) = conjuncto de correcções devidas aos elementos conhecidos do momento.

Esta correcção é característica de uma zona de combate, de uma distancia topographica e de uma direcção de tiro (não excedendo de 20 grados). E' uma funcção da distancia topographica, a mesma, num determinado instante, para um conjuncto de Bias. visinhas, (4) do mesmo calibre, atirando a mesma munição, e em direcções parallelas não excedentes de 20 grados, isto é, atirando na mesma zona de acção.

São:

- a correcção de Wy
- » » » Wx
- as correcções $d_3 V_0$, dH e $d\Theta$

Esta correcção pode ser calculada, a cada instante, segundo os dados da sondagem, para todo elemento (grupo ou grupamento) constituindo um conjuncto homogeneo de Bias. Pode-se considerar que ella varia, com o tempo, de uma maneira continua.

Correcção Residual (φ) = conjuncto de correcções devidas a causas ignoradas (erros topographicos, erros sobre os elementos meteorologicos etc.) que não podem ser determinadas senão pelo tiro e pela depuração de seus resultados

Si a "correcção fixa", de cada Bia., é bem conhecida, pode-se considerar a "correcção residual" gosando das mes-

mas propriedades que a "correção do momento" de todo um conjunto de Bias. sob uma unica condição — que este conjunto seja *coherente*.

Correcção Global do Momento (c) Somma da "correção do momento" e da "correção residual"

Num conjunto coherente de Bias., ella gosa de propriedades analogas a "correção do momento".

Pode ser determinada, quer pela somma das duas ultimas correções.

$$c = P + \varphi$$

quer, directamente, pela depuração do tiro.

Correcção Total (C) = Somma de todas as correções.

$$C = F + P + \varphi$$

Esta correção é característica de uma Bia. determinada.

Por isso, raramente, ella servirá para os tiros organizados por grupo ou grupamento.

Elementos de Partida (D) "Elementos de base" corrigidos de todas as correções

$$D = B + F + P + \varphi$$

ou:

$$D = R + c$$

ou ainda:

$$D = B + C \text{ (utilizado raramente).}$$

Os "elementos de partida" são:

- angulo de transporte de partida
- distancia de partida
- evento de partida.

Estes elementos (para o alcance corrigido do sitio) dão os *commandos* para as transformações habituaes.

(*Continúa*)

NOTAS DO AUTOR

1) N. T. — A depuração não tem para objectivo limitado a determinação “das coordenadas prováveis de um objectivo” mas, ao contrario, ella permite (conhecida a distancia topographica do objectivo A) determinar — pela differença entre a distancia depurada Ad e a distancia topographica de A — um certo valor dV_o (proveniente do desgaste do canhão e da vivacidade do lote de polvora). Tal valor pode ser utilizado para tiros ultteriores feitos sobre A ou mesmo sobre outro objectivo B .

2) N. T. — A nova I. G. T. A. — Franceza edição de 1933 — traz entre outras novidades — o “rattachement du tir”. Consiste isso em “utilizar os resultados obtidos pelo confronto ou regulação de uma Bia., para permittir o tiro (sobre o mesmo objectivo) de Bias. que não fizeram nem confronto nem regulação sobre esse objectivo ou objectivo visinho”.

A operação correspondente é designada sobre o nome de “rattachement du tir”.

Na falta de outro nome chamamos “amarração do tiro”.

3) No methodo actual constata-se, por exemplo, que a correcção de dV_o é devida:

— a elementos conhecidos de antemão e característicos da Bia. e das munições (d_1V_o e d_2V_o).

— a elementos conhecidos no momento (d_3V_o)

— enfim a elementos de origem desconhecida (δV_o).

Esta associação de elementos de origens diversas não facilita as operações como o transporte de tiro; a “amarração do tiro, etc. (ver nota 2 do traductor).

4) Chama-se aqui, Bias. visinhas, as Bias. distantes de $1/5$, no maximo, do alcance medio correspondente á zona de acção desse conjuncto de Bias.

A venda na “A Defesa Nacional”

<i>Mémoires, Marechal Joffre</i>	87\$400
<i>Canas e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn</i>	7\$000
<i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira</i>	10\$000
<i>O cerco da Lapa e seus heroes, David Monteiro</i>	8\$000
<i>A guerra civil, Almirante Tompson</i>	10\$000
<i>A batalha de Saint Quentin-Guise-Ten. Cel. Lenglet</i>	6\$000

PELO CORREIO MAIS 1\$000

Secção de Artilharia da Costa

Redactor: J. Bina Machado

Determinação de Distancias

Cap. WALDEMAR SEIXAS

O problema geral da determinação de distancias a um objectivo na Artilharia de Costa é importantissimo e é a base para o calculo dos elementos do tiro.

"A distancia inicial é a distancia mathematica, que deve servir de base ao official artilheiro para o respectivo uso das armas — Cap. de Corveta G. Bode".

A apreciação da distancia de um objectivo póde ser feita de diversos modos, mais ou menos precisos, conforme os instrumentos empregados, o gráo de visibilidade e o tempo disponivel.

Na Artilharia de Costa, o instrumento usado é o telemetro, e o problema consiste na determinação da distancia de dois pontos: um, o instrumento e o outro, o objectivo.

Com excepção dos telemetros baseados no conhecimento da velocidade do som, o problema telemetrico consiste na resolução de um triangulo onde um dos lados ou a altura é a distancia procurada.

Os telemetros, excluidos os acusticos, são classificados do seguinte modo:

- 1/ — Telemetros bistaticos
- 2/ — Telemetros que utilizam processos estadimetricos
- 3/ — Telemetros monostaticos.

*
**

Todo commandante de bateria deve estar em condições de sempre poder atirar com efficiencia.

Para isto se torna necessario o conhecimento da distancia em que se encontra o navio designado para a sua bateria.

Como é possivel, em muitos casos, ficar sem instrumentos para as medidas, darei a descripção e funcionamento de um systema de emergencia, onde não é exigido instrumento algum e poderá ser facilmente construido com os proprios recursos da bateria.

O seu gráo de precisão é apreciavel e poderá ser empregado com os mesmos resultados obtidos pelos telemetros.

A seguir descreverei o principio geral em que se baseia o systema, os elementos que o constituem e um croquis de conjuncto.

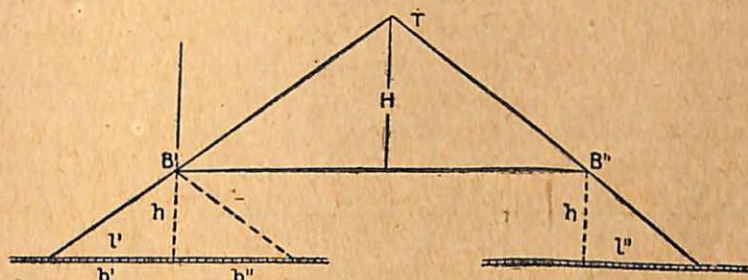
DETERMINAÇÃO EXPEDITA DE DISTANCIAS

Systema emergencia

Na falta de um telemetro para medidas de distancias e como solução expedita pode-se determinar estas distancias empregando-se um processo de emergencia, simples, rapido, e bastante preciso.

Somente serão necessarios: uma base conhecida, duas reguas graduadas e dois fios verticais ou duas balisas, alem das ligações indispensaveis.

O processo baseia-se na resolução de triangulos semelhantes, em que a **distancia procurada** é um dos lados dos triangulos.

Resolução geometrica da determinação de H

Nos triangulos $B' T B''$ e $b' B' b''$ temos:

$$\frac{B' B''}{b' + b''} = \frac{H}{h} \quad \text{donde} \quad H = \frac{B' B'' \times h}{b' + b''} = \frac{\text{base}}{b' + b''}$$

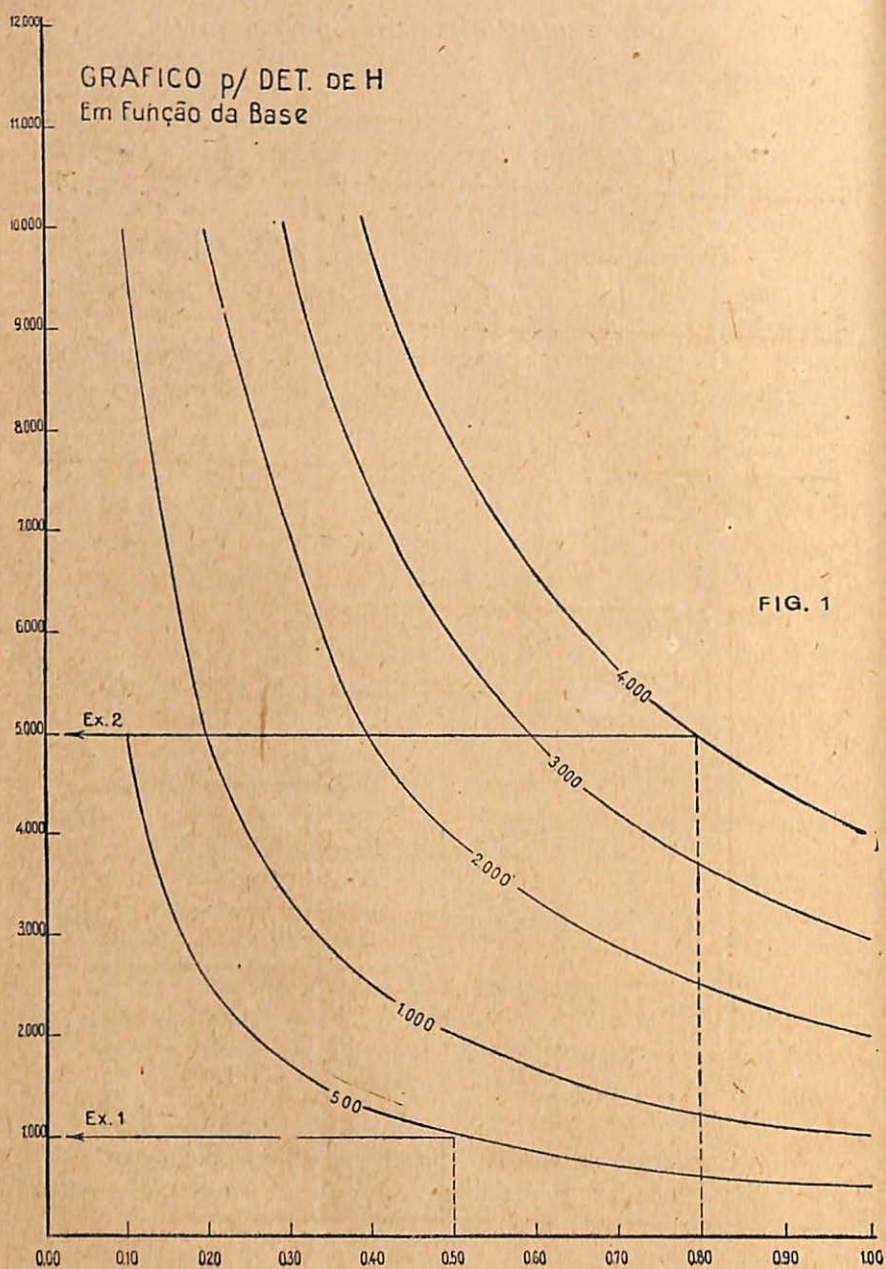
$$b' + b'' = l' + l''$$

$$B' B'' = \text{base conhecida}$$

$$h = 1 \text{ metro}$$

$$H = \frac{\text{base}}{L}$$

Conforme se verifica na figura acima, as reguas devem ficar locadas paralelamente á base e distantes 1 metro dos respectivos extremos,



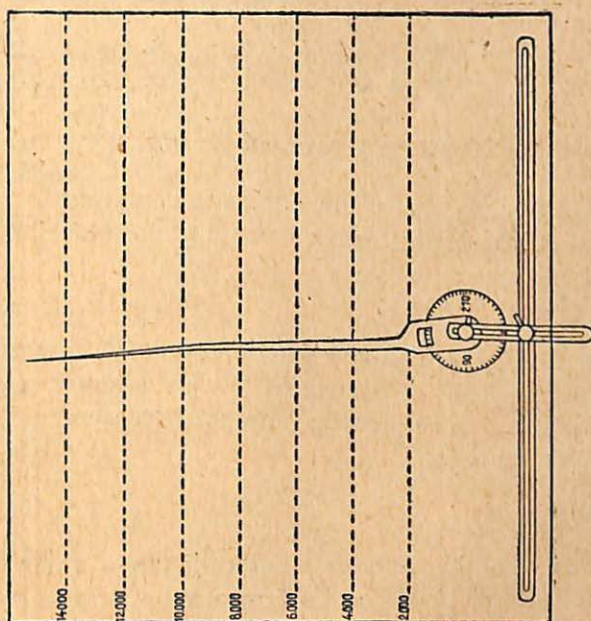
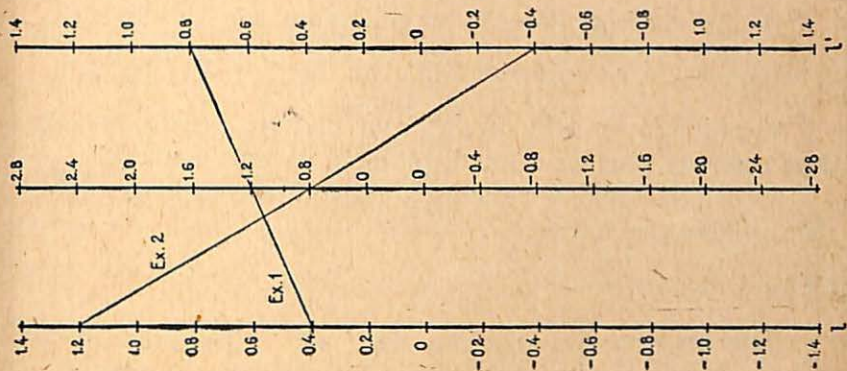


FIG. 3

O valor de um (1) metro tomado para h , foi fixado para simplificar a determinação de H , tornando-se constante o numerador da fracção para cada uma das bases.

Os fios verticaes deverão ser collocados em B' e B'' .

DIAGRAMMA PARA DETERMINAÇÃO DE $L = l' + l''$ (fig. 1)

Constituido de tres escalas com divisões iguaes, sendo duas externas situadas a igual distancia de uma central.

As externas têm a mesma graduação e a central graduação, o dobro das outras.

Emprego do diagramma

Uma vez recebidos os valores de l' e l'' , elles serão marcados nas duas escalas externas, que ligados determinarão, na outra escala, o valor de L .

Dois exemplos facilitarão a comprehensão do diagramma.

$$\begin{array}{l} 1/ \text{ — } l' = 0,4 \quad l'' = 0,8 \quad L = l' + l'' = 0,4 + 0,8 = 1,2 \\ 2/ \text{ — } l' = 1,2 \quad l'' = 0,4 \quad L = l' + l'' = 1,2 + (-0,4) = 0,8 \end{array}$$

GRAPHICO PARA DETERMINAÇÃO DE H (fig. 2)

Dois eixos orthogonaes, um horisontal onde estão os valores de L e outro vertical com os alcances do material.

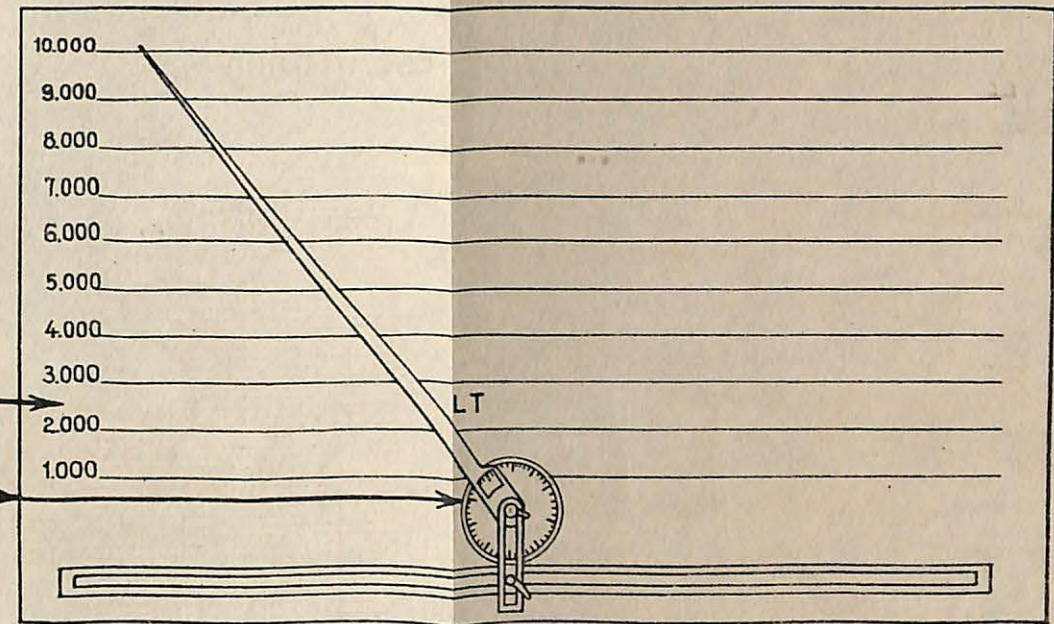
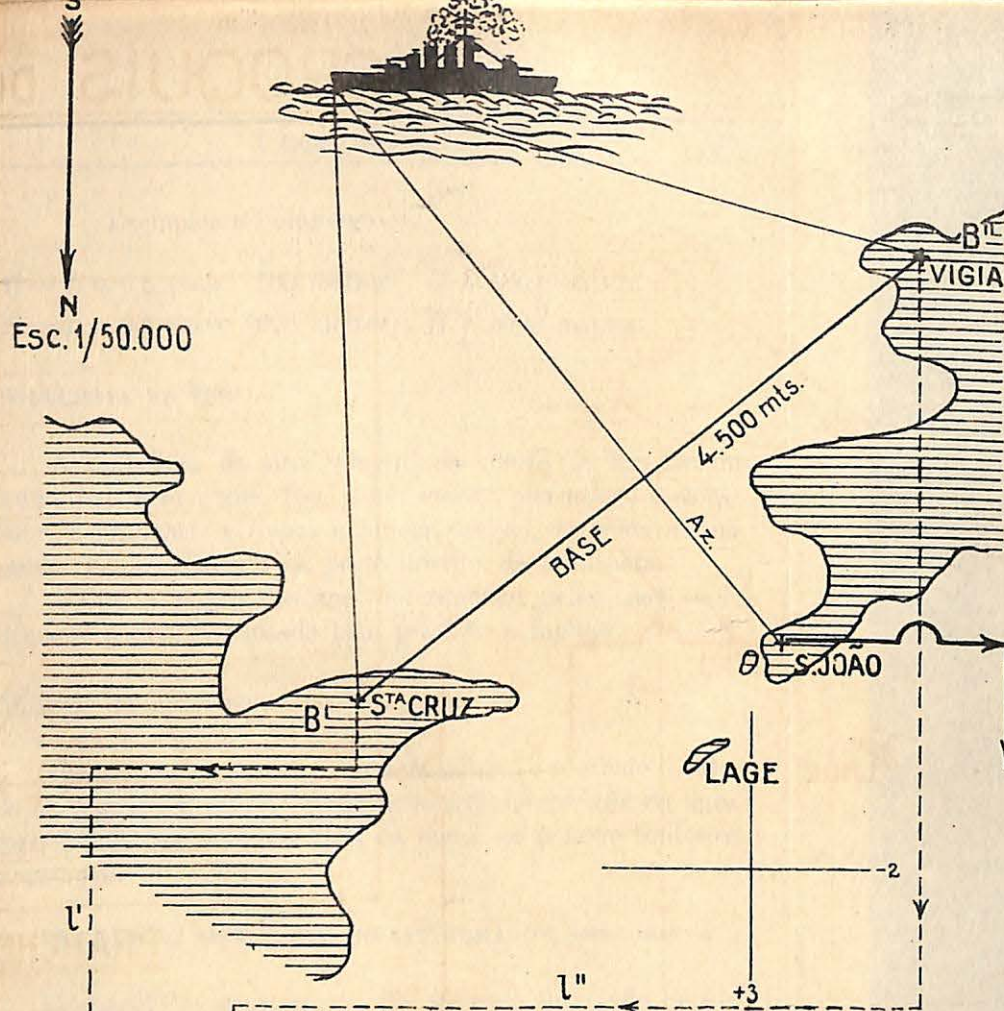
Construcção do graphico

Fixada a base, para cada valor de L e de D , teremos um ponto da base; ligando-se os varios pontos teremos a curva da base fixada. Assim se procede para as bases que se desejar traçar as suas curvas.

Emprego do graphico

Uma vez escolhida a base e determinado o valor de L , entra-se com este valor na escala horisontal e tirando-se uma vertical até á curva ter-se-á no eixo vertical o valor de H .

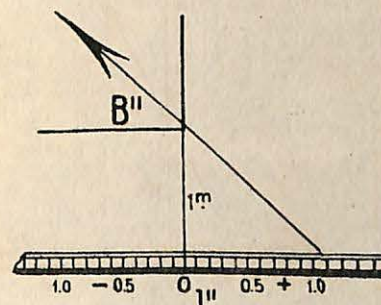
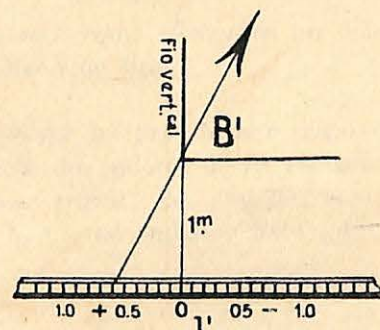
CROQUIS DO SISTEMA EMERGENCIA



PRANCHETA DE TIRO

L'	L	L''
2.0	4.0	2.0
1.8	3.6	1.6
1.6	3.2	1.6
1.4	2.8	1.4
1.2	2.4	1.2
1.0	2.0	1.0
0.8	1.6	0.8
0.6	1.2	0.6
0.4	0.8	0.4
0.2	0.4	0.2
0	0	0
0.2	0.4	0.2
0.4	0.8	0.4
0.6	1.2	0.6
0.8	1.6	0.8
1.0	2.0	1.0
1.2	2.4	1.2
1.4	2.8	1.4
1.6	3.2	1.6
1.8	3.6	1.8
2.0	4.0	2.0

Detalhe das medidas feitas nas estações B' e B''



$$L = L' + L''$$

VALOR DE H

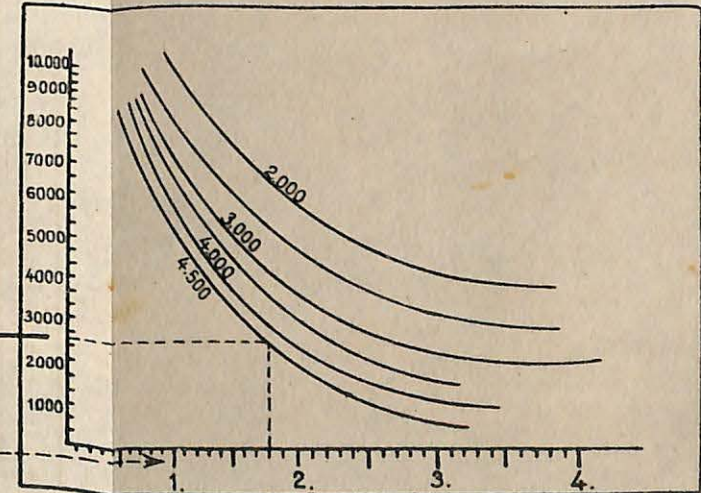


GRAFICO PARA DETERMINAR H

DIAGRAMA P/ DET. $L = L' + L''$

Exemplos do emprego:

1/ — $L = 0,5$ (base 500 metros) $H = 1000$ metros2/ — $L = 0,8$ (base 4000 metros) $H = 5000$ metros

PRANCHETA DE TIRO

A prancheta de tiro apresentada consta de um circulo azimuthal, com regua, fixo a um cursor, podendo se deslocar sobre a prancheta e tomar qualquer posição, em vista de um outro cursor collocado na parte inferior da prancheta.

Assim, o ponto director determinado pelas suas coordenadas poderá ser locado com precisão e rapidez.

Emprego da prancheta

Registrado o azimuth vindo da bateria e recebido o valor de H , o ponto T estará determinado pela intersecção da linha correspondente a H e o bisel da regua na posição conforme o azimuth.

CROQUIS DE CONJUNCTO DO SYSTHEMA DE EMERGENCIA

Designado o objectivo, no fim de cada intervallo de observação (30 segundos), serão feitas visadas sobre o objectivo pelos observadores B' , B'' e O e enviados para a camara de levantamento respectivamente os valores de l' , l'' e o azimuth.

Os valores de l' e l'' entram como elementos no diagramma e o azimuth na prancheta de tiro.

NOTA — Ao envez de empregar na prancheta o dispositivo para deslocamento da escala dos valores de H , foi adoptado um circulo azimuthal para registro dos angulos, identico ao apresentado ao C. I. A. C., no trabalho feito sobre prancheta.

As novas fortificações francezas

Pelo Cap, JOÃO RIBEIRO PINHEIRO

A Camara e Senado francezes durante os mezes de Junho e Julho, a pedido do Governo, votaram uma serie de leis de Defesa Nacional que, no estado actual da Europa, tem um importante significado. A França manifesta assim uma politica de paz, com a prudencia dictada pela Historia, completando aquella por uma serie de medidas defensivas.

Assim se vê que o pacto rhenano de 1925 e a applicação da politica do Locarno occidental, é firmada, depois de 1930, pela criação de fortificações sobre as fronteiras de Este e Nordeste, constituindo "ligne Maginot", cuja organização foi continuada por Painlevé e Deladier e completada pela politica de Briand. Ainda, recentemente, as proposições de Barthou, relativas ao Locarno oriental, são acompanhadas dum novo esforço defensivo. francez. Este esforço necessario procede de duas ordens de idéas. Primeiro tudo indica, segundo a unanime opinião da comissão militar da Camara, que o estado do armamento allemão crea uma situação nova e excepcional e que a actividade militar allemã interdicta á França toda temporarisação.

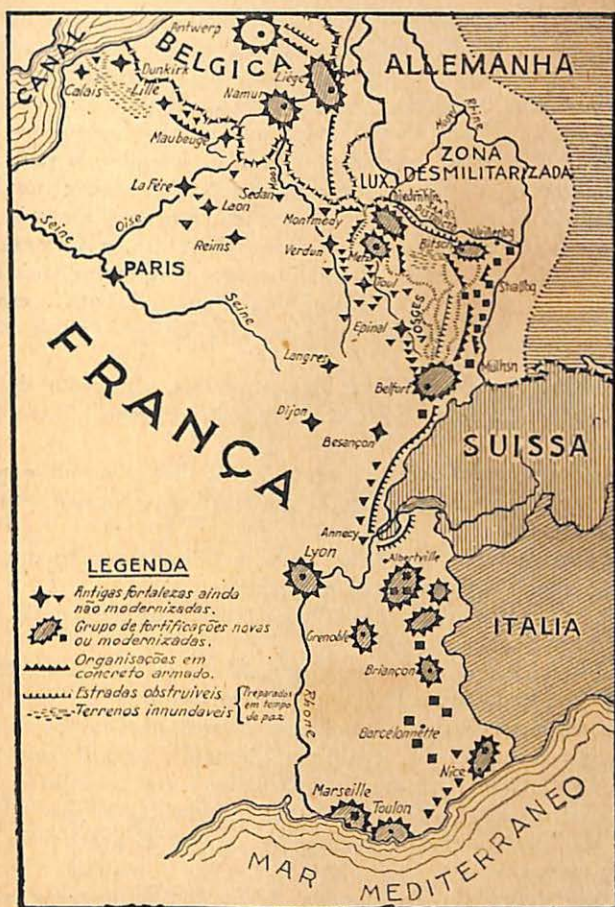
O Coronel Fabry, presidente dessa comissão, pode declarar da tribuna que a politica defensiva franceza exigia muito mais meios, pois que ella se applicava a todas as fronteiras, pois o aggressor poderia concentrar-se sobre 150 a 200 kilometros. Quanto ao estado de espirito que reinava actualmente na Allemanha, o marechal Petain, ministro da Guerra, qualifica-o nos seus ultimos discursos na União Nacional dos officiaes, em 24 de Maio, e no almoço aos jornalistas militares, em 13 de Junho: "A Allemanha é naturalmente e por tradição, orientada para a guerra, nós, porem, não amamos; a guerra pela guerra".

*
**

A construcção começada, depois 1930, da linha "Maginot" nas lindes de Este, tendo por fim a protecção das fronteiras, modificou notavelmente a repartição territorial das unidades do Exercito francez. As obras de fortificação estando situadas nas immediações da fronteira obriga realizar uma occupação permanente para evitar toda surpresa. Donde, a organização dos sectores fortificados de Metz e de Lauter são correlativos ás unidades a aos commandos destinados á occupal-os. Tal é o objecto da lei de 17 de Março de 1932, posta em execução em Abril 1933, e que modifica a lei de 28 de Março de 1928, sobre quadros e effectivos. As fortificações de menos importancia, na Alsacia, que têm com-

mandamento sobre as passagens do Rhin, são ocupadas pelos batalhões de metralhadoras.

Duma maneira geral, as organizações defensivas são guarnecidas por posto de guardas, oriundos de destacamentos de segurança destacados



ADAPTAÇÃO DO MAPPA DO MAJOR HAUS ROHDE.
PUBLICADO NO BERLINER BORSEN ZEITUNG—1933

periodicamente, e que mantem a segurança á alguns kilometros alem das linhas, distribuindo patrulhas e rondas para as partes vasias do terreno. Foram creados 8 campos de instrucção para reforçar essas guarnições ed alerta.

Para assegurar o reforço das tropas activas das regiões fortificadas, em caso de tensão politica, a lei de 24 de Junho de 1931, modificou a de 31 de Março de 1928, sobre o recrutamento do Exercito, ficando autorisado a chamada, antes da mobilisação, não sómente dos disponiveis, mas tambem dos reservistas de todas as classes affectas ás unidades de cobertura. Entre esses reservistas, se distinguem os "fronteriços", aquelles que são domiciliados na zona immediata das fortificações. Essas foram as primeiras medidas. Um projecto de lei lido na Camara dos Deputados em 9 de Junho de 1933, propunha a modificação da lei de 13 de Julho de 1927, sobre a organização geral do Exercito e para reforçamento da cobertura da fronteira e pela criação de grandes unidades de manobra especializadas na intervenção rapida, graças á motorisação.

Após um entendimento com o Marechal Petain, a Comissão das Forças Armadas, da Camara, distribuiu o seu parecer em Maio de 1934.

Após esse documento, o Gen. Duval, nos "Debats", em 24 de Maio 1934, assim traduziu as intenções do Governo e da Camara, que se resumiam:

a) um Exercito de cobertura das fronteiras, composto de nucleos activos, repleto de grande numero de reegajados especialistas e reservistas locais.

b) uma força motorisada, elemento mobil de cobertura e prompto a entrar em acção ao primeiro signal, composta em grande parte de soldados profissionaes.

c) o grosso da força, isto é, a Nação mobilisada, tendo um escalão de formação rapida para reforçar a cobertura.

O eminente critico militar dos "Debats" diz que essa constituição em conjunto, é do alto commando.

Entremettes, M. André Pironneau, especialista avisado de questões militares, escreveu pela mesma data no "L'Echo de Paris": "Se vê apparecer, agora, em nossa organização militar o embryão dos corpos de choque; especializados e mechanisados, que o ten.-Coronel de Gaulle, em sua notavel obra "Vers l'arméé de metiér", mostrou a sua necessidade e traçou um plano para elles, que deve ser realizado dentro de poucos mezes".

Essas medidas completam o trabalho de fortificação, pela possibilidade de manobra.

Em voto recente do Parlamento, foi concedido creditos militares destinados a reforçar a organização defensiva da fronteira. Sobre 1.275 milhões de francos, 880 concernentes ás despesas excedidas do creditos votados anteriormente para a linha "Maginot" e o resto para execução de novos trabalhos.

Entre essas obras, esta planejado a construcção de 8 campos de instrucção de reforço das guarnições de alerta, ja referida; a criação de obras sobre o plateau de Rohrbach, face a la Sarre, e, por extensão, a li-

nha "Maginot", até Montmedy. Uma parte do credito seria desviado tambem para a fronteira do Norte, regiões de Maubeuge e Valenciennes. O coronel Buchet, e o Cel. Requette, em artigos successivos escreveram sobre a necessidade de fechar a "trouée" de Montmedy, de modernisar a praça forte de Maubeuge, formando um nucleo de resistencia na região fortificada de Valenciennes a Avesnes, aparando os tropas belgas, em caso de invasão e impedindo a penetração allemã ao coração da França.

(Fontes: L'Illustration
Army Ordenance
Le Mois

BANCO DO BRASIL-RIO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

<i>Com Juros</i> (sem limites).....	2 % a. a.
Deposito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data de abertura.	
<i>Populares</i> (limite de Rs. 10:000\$000).....	3½ % a. a.
Deposito inicial Rs. 100\$000. Depositos subsequentes, minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excede antes ao limite; c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os cheques desta conta estão isentos de sello desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido.	
<i>Limitados</i> (limite de Rs. 20:000\$000).....	3 % a. a.
Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimas Rs. 100\$000. Retiradas minimas Rs. 50\$000. Demais condições identicas aos Depositos Populares. Cheques sellados.	
<i>Prazo fixo</i> de 3 a 5 mezes 2½ % a. a. — de 9 a 11 mezes de 3½ % a. a.	
6 a 8 mezes 3 % a. a. — de 12 mezes.....	4 % a. a.
Deposito minimo Rs. 1:000\$000	
<i>De aviso</i>	3 % a. a.
Aviso previo de 8 dias para retirada até 10:000\$000, de 15 dias até 20:000\$000 de 20 dias até 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$000. Deposito inicial Rs. 1:000\$000.	
<i>Letras a premio</i> (Sello proporcional).	
Condições identicas aos Depositos a Prazo Fixo.	

Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

<i>Mémoires, Marechal Joffre</i>	87\$400
<i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade</i>	7\$000
<i>Noções de desenho topographico, Ten. Cel. Paulino de Souza</i>	8\$000
<i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza</i>	5\$000
<i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i>	7\$100
<i>Manuel du Gradé de l'Artillerie</i>	16\$800
<i>Balística externa, Cap. Morgado da Hora</i>	14\$000
<i>A Técnica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira</i>	30\$000
<i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Verissimo</i>	10\$000
<i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva</i>	8\$000
<i>O tiro da artilharia de costa, (tradução)</i>	4\$000
<i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette</i>	6\$000
<i>Signalização a braços e optica, Cap. Lima Figueiredo</i>	1\$000
<i>O principiante de radio, Cap. Lima Figueiredo</i>	3\$000
<i>Transposição dos cursos d'agua para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo</i>	3\$000
<i>Notas á margem dos exercicios tacticos, Major Travassos</i>	6\$000
<i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval</i>	3\$000
<i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval</i>	3\$000

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

Secção de Engenharia

Redactor: Lima Figueirêdo

A passadeira rolante

Cap. ANDRÉ METZ

(Tradução do Cap. LIMA FIGUEIREDO)

Inumeráveis typos de passadeiras foram realizadas durante a guerra, correspondendo cada uma a situações e a missões diferentes. O typo creado pela companhia 6/53 sob o nome de "passadeira rolante" corresponde a um lançamento *extremamente rápido*, desde que seja adrede preparada a retaguarda.

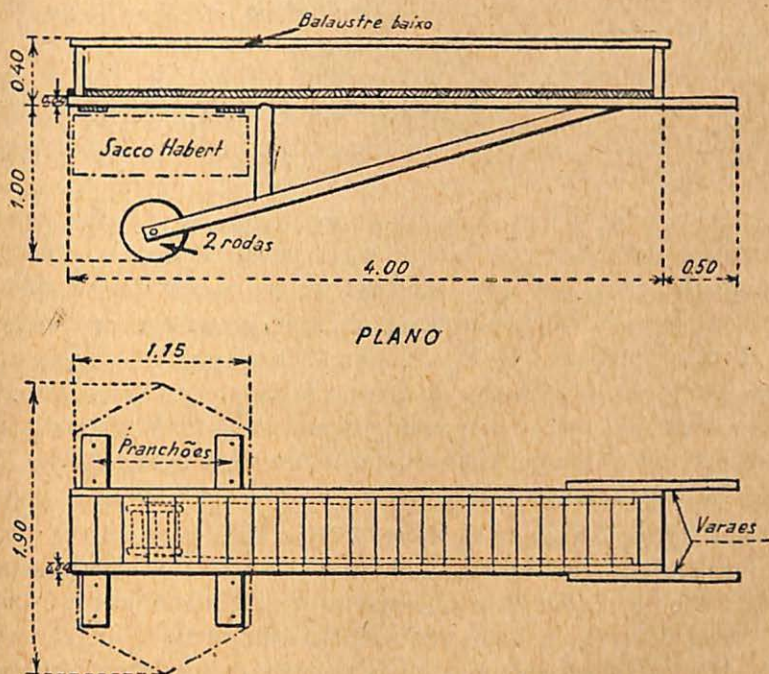
O problema que a companhia citada havia de resolver, era o seguinte: no mez de setembro de 1918, a 42.^a divisão, installada no sector de Manhoué á Brin, sobre o Seille, estava encarregada de attrahir á attenção do inimigo por uma grande actividade, enquanto eram feitos os preparativos de ataque franco-alliados em outros pontos da frente. Para cumprir esta missão foram executadas duas tentativas de destruição da barragem de Manhoué e a destruição da barragem de Bioncourt, onde os sapadores das duas companhias da 42.^a divisão (6/3 e 6/53) deram provas duma audacia e dum valor technico notaveis. Além dessas operações a divisão recebeu ordem de executar golpes de mão frequentes sobre a margem inimiga.

Para esses golpes de mão era necessario achar-se um systema de passadeira extremamente rápido e que pudesse ser transportada facilmente atravez das chicanas das rêdes de arame estabelecidas na margem.

A passadeira adoptada era constituida de elementos de 4 metros de comprimento providos de rodas, preparados de antemão e reunidos a saccos Habert; cada elemento era manobrado por um unico homem que o empurrava pela parte de traz; a parte da frente era mantida, na agua, pelo sacco Habert e, em terra, pelas rodas, durante o transporte e o lançamento (ver figura).

Detalhes de construção — Cada elemento, de 4 m. de comprimento, compõe-se de duas vigas de 4 cm. \times 4 cm. equidistantes de 0 m. 50 e dum taboleiro em pranchões, com balaustre baixo a somente 0m,40 acima do taboleiro (não era possível fazel-o mais alto em virtude das necessidades de lançamento dos elementos seguintes).

O lance assim constituido era supportado por uma especie de trem de aterrissagem formado de rodas (cortadas a serra, dos pranchões) cuja *via* era de cerca de 0m,35; a profundidade desse trem era de um metro abaixo do taboleiro, de sorte que um elemento, munido dum sacco Habert fixado abaixo da parte anterior como mostra a figura, podia rolar sobre os lances anteriores.



O sacco Habert destinado a supportar cada elemento não era fixado com antecedencia, mercê das dificuldades de

transposição das rêdes por um conjuncto tão embaraçoso e tão fragil (qualquer rasgão no sacco Habert implica na sua substituição), porém podia ser ajustado instantaneamente em seu logar por meio de aneis de ligação; dois pranchões horizontaes, perpendiculares ao eixo do elemento eram, para este fim, parafusados, durante a construcção, por baixo das vigas e furados nos locaes correspondentes aos aneis; bastava, então, para fazer a ligação, passar os aneis de ligação por esses furos e mantel-os ahi por meio de cunhas preparadas para este fim. Duas peças de madeira de 1m.20 de comprimento, da mesma esquadria das vigas, eram parafusadas ao anterior das mesmas e ultrapassavam-nas de cerca de 0m,50 para traz: — serviam de *varaes* para empurrar o elemento, como um carrinho de mão e eram utilizadas em seguida para a ligação com o elemento precedente.

O conjuncto dum elemento assim constituido pesava de 100 a 150 kg. e podia facilmente ser levado por 4 homens, quando não pudesse ser rolado (para a travessia de trincheiras, rêdes, funis, etc.).

Os saccos Habert não foram enchidos com palha, mas providos dum “chassis” interior de madeira ou de arame, muito mais leve do que os 80 kg. de palha regulamentares.

O conjuncto com seu trem de aterrissagem e seu sacco Habert apresentava o aspecto dum aeroplano, de modo que os sapadores o chamavam de *avião* e falavam muitas vezes da *passadeira voadora*; o nome de *passadeira rolante* parece-nos melhor convir, em virtude de seu modo de lançamento.

Lançamento — Sobre a margem de partida fincavam-se, sem ruido, duas estacas de ferro de rêde de arame (em fórmula de sacca-rolha) no local escolhido para o lançamento; suas extremidades não deviam ultrapassar o nivel do solo de 30 a 45 centímetros para não prejudicar a manobra.

Um sapador, empurrando o primeiro elemento á guisa de carrinho, o lançava n’agua entre as estacas; continuava a empurrar-o até que elle proprio chegasse á beira d’agua e, em

seguida procedia a ligação da parte trazeira do seu elemento com as estacas da margem.

Logo a seguir um segundo sapador chegava empurrando o segundo elemento (rolando sobre o primeiro) até lançá-lo n'agua; ligava os varaes do seu elemento ao sacco Habert do precedente, enquanto um terceiro sapador se apresentava por sua vez, etc....

O ultimo elemento, um pouco mais estreito e não comportando sacco Habert, formava rampa de desembarque sobre a margem de chegada; estacas, plantadas como sobre a margem de partida retinham as extremidades.

O lançamento assim executado durava sómente alguns minutos; tendo o Seille apenas, nos arredores de Brin, largura variavel de 20 a 30 metros. A corrente sendo desprezível neste lugar, não fôra previsto o dispositivo de ancoragem; é evidente que, sobre um rio com corrente notavel, seria necessario prever a amarração dos primeiros elementos a montante e mesmo a ancoragem dos seguintes, si o rio fôsse muito largo.

Emprego das passadeiras rolantes — Uma passadeira deste modelo foi construida pela 6/53 para um golpe de mão em Brin na noite de 16 para 17 de setembro; ella serviu em seguida a varios outros golpes de mão. A duração de fluctuação dos saccos Habert era de 3 a 4 horas e no fim deste tempo, elles começavam a ficar muito pesados (sobretudo aquelles que haviam sido furados e remendados "à la diable" pelo alfaiate da companhia), de sorte que a manobra de substituição era muito penosa.

A companhia 6/3 da mesma divisão executou em seguida passadeiras semelhantes para os golpes de mão em Arraye-et-Han. Em virtude da duração mais longa das operações, que não permittiam o emprego dos saccos Habert, substituíram-nos por toneis dispostos á direita e á esquerda do taboleiro (2 toneis por elemento); todavia os elementos assim constituídos ficavam muito mais pesados.

O processo das *passadeiras rolantes* apresenta grandes vantagens em virtude da rapidez de lançamento e de recolhimento; o lance de 4 metros é o mais pratico para obter-se uma certa maneabilidade; os inglezes empregaram, nas offensivas de 1918, as *passadeiras rolantes* para todo o vão compostas de elementos muito longos; este processo não parece convir aos casos geraes, em que as difficuldades dos percursos (rédes, obstaculos, passagens estreitas ou tortuosas) podem ser encontradas antes do lançamento.

O grande tempo consumido é certamente um inconveniente. Comtudo é lei geral *que o lançamento rapido exige longos preparativos*; ora, para uma passagem que deve ser executada perto do inimigo, tudo que augmenta a rapidez do lançamento augmenta os factores do successo; é preciso pois que os sapadores, nestes casos, sejam prevenidos com alguns dias de antecedencia.

Aliás, uma companhia de engenharia que prevê uma construção de *passadeiras*, pôde confeccionar com antecedencia, na retaguarda, elementos completos que são facilmente transportaveis, pois que rodam. E mesmo para os deslocamentos de grande amplitude, poder-se-ia empilhar dois ou tres elementos, possuindo o elemento inferior rodas mais solidas e atrelal-os a um cavallo ou ligal-os á trazeira duma viatura de ferramentas: uma companhia que adoptasse este systema crearia uma especie de *equipagem* de *passadeiras* prestes a funcionar instantaneamente no momento da necessidade.

“A Defesa” inaugurará no proximo numero a sua secção de “Transmissões” que terá como redactor o *Major Benjamin Galhardo*, Director do Centro de Transmissões e como auxiliar o *Cap. Mattoso Maia*.

Estudos sociaes

Redactor: Correia Lima

Pedagogia

Redactor: João Ribeiro Pinheiro

O VALOR DO DINHEIRO

Pelo 1.º Ten.
JOSÉ SALLES

A Historia nos dá conhecimento de que, no decurso dos tempos, o valor do dinheiro tendeu sempre para a baixa. E' de importancia observar que ha trez differentes typos de movimentos de preços, distinguindo-se entre si pela longitude dos periodos que abarcam. Assim é que os preços dos tempos antigos e da Edade Media relativos aos diversos artigos, nos parecem ridiculamente baixos comparados aos da época actual.

Esses baixos preços reflectiam, em parte, o valor relativamente alto dos metaes preciosos e a magnitude, tambem relativamente, maior das unidades monetarias fundamentais, antes de ser a amoedagem submettida a successivas alterações; assim é que na Inglaterra, nos seculos XIII ou XIV, podia-se comprar uma ovelha por um shiling, mais ou menos; uma pelle de ovelha por trez pence e a carne um farthing, mais ou menos, por uma libra (458 grammos e 9 decimos), tudo na moeda de então. Para maior clareza e tomando-se por base a moeda brasileira, bastante desvalorizada em relação á ingleza, façamos a conversão desses valores e veremos que correspondem a 14\$800, 1\$850 e \$154.,2, respectivamente, por onde nos é possivel fazer um juízo de como eram de facto irrisorios os preços, nessa afastada epoca. E ainda precisamos considerar que a carne era um alimento mais caro que o pão.

O descobrimento da America e a exploração dos respectivos thesouros pelos hespanhoes e portuguezes promoveram, na Europa, uma alta geral dos preços, trazendo consigo uma verdadeira revolução economica, porque o estímulo que isto deu logar fez avançar com muito maior rapidez do que em qualquer outro tempo anterior da historia do mundo, o commercio e a industria. E nos seculos seguintes a curva geral dos preços continuou subindo com firmeza, sendo interrompida por movimentos inversos só occasionalmente.

Não é, porém, essa tendencia altista dos preços a causa dos problemas que hoje em dia preoccupam todo o mundo, pois que estes se acham associados a outros dos typos de movimentos dos preços. Primeiramente, observamos a existencia de movimentos que se estendem por varios decennios e que são, geralmente, reflexos das trocas na producção dos metaes preciosos, dos melhoramentos na organização bancaria ou de uma crescente procura de dinheiro por effeito do desenvolvimento do commercio e da industria.

Na maior parte do mundo occidental, a marcha geral dos preços (em unidades monetarias de ouro e prata) durante a primeira metade do seculo XIX, foi em sentido descendente. Pelos meados do seculo, sobrevieram os grandes descobrimentos de ouro na California e na Australia, dando em resultado uma alta mundial dos preços, que culminou em 1873. Ahi, então, devido em parte a não ter a producção do ouro acompanhado o incremento da industria e do commercio e em parte á maior procura do ouro que se seguiu ao geral abandono do bimetalismo, nessa occasião, (porque este metal

tinha que attender em maior gráu ás necessidades monetarias do mundo), os preços declinaram, chegando ao minimo, isto é, ao ponto mais baixo do seculo, em 1896. Posteriormente se iniciou novo periodo de alta de preços motivado por differentes causas, sendo que a principal foi a enorme produção de ouro das minas da Africa do Sul.

Esse periodo de alta teve começo em 1897 para terminar em 1914, quando estourou, na Europa, a Grande Guerra, que por quatro terriveis annos devia enlutar a humanidade. Esta procovou um formidavel augmento das despesas publicas de todas as nações, tendo sido obtidos os fundos necessarios á respectiva cobertura, em grande parte, pela inflação monetaria, que, na maioria dos paizes, tomou a fórma de enormes emissões. Este periodo de forte alta, distincto do immediatamente anterior em que os preços subiram muito mais lentamente, terminou em 1920.

E' verdade que em alguns paizes, onde circulava o papel inconvertivel (Allemanha, Austria, Polonia e Russia, por exemplo) o nivel dos preços continuou elevando-se sob a influencia de nova inflação. Considerando, porém, o mundo em conjuncto, os preços ouro a descer ou, o que é a mesma coisa, o poder acquisitivo do ouro começou a augmentar em 1920.

Onde subsiste o padrão ouro ou qualquer outro padrão metallico, os movimentos dos preços taes como os que caracterizaram os periodos de 1850-73, 1874-96 e 1897-914, se corrigem por si mesmos. Não pôdem continuar indefinidamente, pois devem terminar pela acção de forças creadas por elles proprios.

Nos periodos de altas de preços, por exemplo, o custo de extracção do ouro, como os demais custos de produção, augmentam; é evidente. Si os preços continuam subindo, chegar-se-á a um ponto em que algumas minas, quasi sempre as mais pobres, terão de suspender seus trabalhos. Poucos percebem a grande proporção da offerta mundial de ouro proveniente dos minereos auriferos de baixa qualidade. A obtenção de beneficios na exploração de taes minereos só é possível aproveitando-se todas as provaveis economias nos trabalhos, o que se pôde conseguir organizando-se methodicamente a produção. Basta, pois, augmentar um pouco esse custo para se obter uma consideravel baixa na produção do ouro; e por isto, todo o periodo de alta de preços deve ter um fim. Diminuindo a produção do ouro a tendencia dos preços soffre uma inversão, é claro.

Por outro lado, os preços não se podem mover continuamente no sentido da baixa. A redução dos custos de extracção, que se segue a baixa dos preços, torna vantajoso o explorar minereos de qualidade inferior e ainda dragar os rios que arrastam terras auríferas. O padrão-ouro, apesar de suas imperfeições, tem assim uma acção automatica, como de pendulo, que ajuda a impedir as variações extremas no nivel geral dos preços.

Vejamos, agora, o terceiro typo de trocas geraes nos preços que é o mais importante. Examinando-se com alguma attenção as estatisticas dos preços

relativas ao século XIX, vemos que as extremidades das ondas successivas, nos movimentos de alta e baixa embora irregularmente espacejadas, parecem separadas por intervallos medios de oito ou nove annos, na Inglaterra, emquanto que nos Estados Unidos nenhuma cifra media poderia ser indicada, sob pena de erro. Esses movimentos ondulatorios são, por sua vez, constituídos de outros mais curtos que se succedem com curiosa constancia; é significativo o facto de que as cristas dessas ondulações de preços coincidem com os pontos culminantes de periodos de rapida e prospera expansão dos negocios; os valles intermediarios assignalam periodos de depressão, precedidos a meúdo de crises economicas.

A observação destes factos deu nova importancia scientifica ao estudo de um problema muito antigo, qual seja a explicação das crises economicas. Todo o mundo sabe o que são essas convulsões nos negocios que parecem occorrer a intervallos quasi constantes, apparentemente sem causa, e que se caracterizam pela cessação das compras e das vendas, grande numero de falencias e tensão do mercado monetario, seguidas de largos periodos de depressão, com todos os males da desoccupação industrial. Ha cem annos passados cria-se geralmente que uma crise era o fracasso de uma "mania" especulativa, isto é, que tinham uma origem psychologica. O enthusiasmo e o optimismo excessivos eram contagiosos; a expansão ia longe e a crise mesma podia, por sua vez, intensificar-se com qualidades de pessimismo parecidamente contagiosas. Ha quem creia, todavia, que a psychologia é a raiz do mal, que os negocios seriam bons si os negociantes e compradores pudessem suggerir-se só com a crença de que os negocios caminham bem; que não ha outro responsavel pela crise além da "perda de confiança" geral.

(Resumo extrahido do "El dinero e los Precios").

O EXERCITO EA PUBLICIDADE

Gen. EDWARD MUNSON

A publicidade constitue um dos mais poderosos agentes de acção sobre a moral, visto que assegura materialmente a difusão das idéas. Ella é a base da informação e da educação que se dirigem as massas e que determinam essa communhão de pensamento indispensavel á unidade que, ella põe em valor certos factos, certos objectivos, incarna as idéas e as opiniões, propaga as formas inteiramente feitas que o leitor, acceta sem discutir e sem lhes verificar o fundamento; faz penetrar no entendimento a idéa que convirá a uma situação dada, de tal sorte que se a situação se apresenta, o individuo reage na direcção prevista.

A extensão desses resultados obtidos, o numero de assumptos tratados, variam segundo o gráu e a intensidade da publicidade emprehendida. Foi a ella que a America deveu. Durante a guerra, um affluxo incalculavel de fundos, uma modificação do regimem alimentar da nação, e principalmente essa espantosa reviravolta da opinião que tornou a guerra possível.

Em materia de serviço militar, a publicidade affecta geralmente de forma directá; ella se exprime por ordens, circulares, memoranda, e todas as outras medidas de caracter imperativo. Materialmente, ella não ultrapassa o dominio official da actividade militar; mas, psychologicamente, seus effeitos são de muitas maneiras vastos, pois que estimula nosso interesse e nossa curiosidade, assim como, de certo modo, outros instinctos fundamentaes, a que ella dá satisfações.

Saber como os outros se comportam no serviço é provocar a comparação e suscitar a emulação. E o acto é realizado tanto mais perfeitamente quanto do desejo de se distinguir para ganhar a estima do publico, do grupo ou da unidade.

Antigamente, o Exercito parecia guardar uma certa repugnancia a respeito da publicidade, que era accusada de relaixar seus ideaes. Havia n'isto um prejulgado nascido da utilização da publicidade na satisfação de certos interesses pessoases.

Mas, limitada e controlada, a publicidade não pode apresentar sinão vantagens quando se designa por objectivo tudo que diz respeito á dignidade e á reputação do Exercito a estima publica, ao espirito de corpo, isto é, as qualidades mesmas que conferem a um grupamento a admiração e o respeito.

PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

EMILE DURKHEIM

Confundem-se, quasi sempre, estas duas palavras "educação" e "pedagogia". E, no emtanto, ellas devem ser cuidadosamente distinguidas.

A educação é a acção exercida, junto á individuos pelos mestres. Esta acção é permanente, de todos os instantes, é geral. Não ha periodo na vida social, não ha mesmo, por assim dizer, momento no dia em que as novas gerações não estejam em contacto com seus maiores, e, em que, por consequinte, não recebam destes influencia educativa. Porquanto esta influencia não se fez sentir sómente nos curtos momentos em que paes e mestres communicam conscientemente, por

via do ensino propriamente dito, os resultados de sua experiência aos que veem depois delles. Ha uma educação inconsciente que jamais cessa. Pelo nosso exemplo, pelas palavras que pronunciamos, pelos actos que praticamos, — influimos de uma maneira continua sobre a alma de nossos filhos ou intruendos.

Outra coisa é a pedagogia. Ella não consiste em acções, mas em theorias. Estas theorias são maneiras de conceber a educação, não são maneiras de pratical-a. Por vezes, se distinguem da pratica em uso a ponto de se opporem a ellas, francamente. A pedagogia de Rabelais, a de Rousseau ou a de Pestalozzi estão em conflicto com a educação de seu tempo. A educação não é, portanto, senão a materia da pedagogia; e esta consiste num certo modo de reflectir a respeito das coisas da educação.

Na verdade, a pedagogia é intermittente, ou o foi, pelo menos, no passado; ao passo que a educação é continua. Ha povos que não tiveram pedagogia propriamente dita; de um modo geral ella não apparece mesmo senão em epoca relativamente avançada da historia. Não se encontra na Grecia, senão depois da epoca de Pericles, com Platão, Xenophontes, Aristoteles. Em Roma, apenas se assignala. Nas sociedades christãs, não foi senão no XVI seculo que ella veio a produzir obras importantes; e o surto que tomou então abrandou-se de muito no seculo seguinte para só voltar ao mesmo vigoroso desenvolvimento no XVIII seculo.

E' que o homem não reflete sempre, mas sómente quando é necessario reflectir; as condições para a reflexão não são sempre e por toda a parte as mesmas.

O INDIVIDUO E A ROTINA

VAN LOON

Um zulu de sobrecasaca não passa dum zulu. Um cão amestrado a andar na bicicleta e a fumar cachimbo não deixa de ser um cão e um ser humano, dotado da mentalidade dum mercador do século XVI, ainda que o ponhais ao volante dum Rolls-Royce modelo 1921, continua a ser um homem com a mentalidade do mercador do século XVI.

Se, a princípio, isto vos parecer obscuro, talvez vos possa dar um exemplo mais comezinho, para esclarecer o que pre-

tendo dizer-vos. No cinema, os gracejos e as observações cômicas inscrevem-se muitas vezes na tela. Na primeira ocasião que se vos deparar, observai a assistência e vereis que alguns parecem absorver as palavras e, em menos dum segundo, leem todas as frases. Outros são mais lentos. Há os que precisam de vinte ou trinta segundos, para as assimilar. E, finalmente, os que só as conseguem apanhar em parte começam a entender-lhes o sentido, quando os mais perspicazes já entraram a decifrar o letreiro seguinte. O mesmo, como vos demonstrarei, acontece na vida humana.



“A Nação quer ou imagina querer uma tribuna e assembléas. Nunca desejara. Atirou-se-me aos pés quando alcancei o governo. Exerci menos autoridade do que a que me offereciam... Hoje, tudo mudou.

O gosto das constituições, os debates, os discursos parece voltar.

Entretanto, é apenas a minoria que os deseja não se illuda. O povo — ou se preferir — a multidão só a mim é que deseja...

Não sou, como se diz, apenas o Imperador dos soldados; sou o Imperador dos camponeses, dos plebeus da França... Assim é que, mau grado todo o passado, o senhor vê o povo voltar-se de novo para mim... Ahi estão esses conscriptos, esses filhos de camponeses. Eu não os lisonjeava, tratava-os rudemente. Nem por isso deixaram de cercar-me, nem por isso deixaram de gritar: “Viva o Imperador!” E’ que, entre elles e eu, ha a mesma natureza... Eu quiz o Imperio do mundo, e quem não o desejaria, em meu logar? O mundo convidara-me para regel-o. Soberanos e subditos precipitavam-se em disputa, sob meu sceptro... Tragam-me suas ideias. Discussões publicas, eleições livres, ministros responsaveis, liberdade da imprensa — quero tudo isso... Sou o homem do povo. Se o povo quer, realmente, a liberdade, eu lh’a darei... Não odeio a liberdade. Afastei-a, quando me obstruia o caminho”.

Napoleão — EMIL LUDWIG, pag. 335.

Individualismo não quer dizer democracia, mais “salve-se quem puder” e “a patria que se arranje” — PONTES DE MIRANDA.

Livros á venda na "A DEFESA NACIONAL"

Major Araripe — <i>Escola do Pelotão</i>	10\$000
» » — <i>Combate e Serviço em Campanha</i> ..	10\$000
Major Od. Denys — <i>A Instrução na Infantaria</i>	10\$000
Cap. Del Corona — <i>Caderneta do Infante</i>	10\$000
Maj. Danton Teixeira — <i>Historia Militar do Brasil</i>	10\$000
Major João Pereira — <i>Armas automaticas</i> (2. ^a edição)	9\$000
Cap. João Ribeiro Pinheiro — <i>Como organizar uma</i> <i>Sub-Unidade</i>	8\$000
Cap. Nelson Demaria Boiteux — <i>Ordem Unida</i>	8\$000
Cap. Delmiro de Andrade — <i>A Secção do Comando</i> <i>no Batalhão</i>	8\$000
Ten. Danilo Paladini — <i>O Official de Informaçõs</i> ...	8\$000
Caderneta de Ordens e Partes.....	8\$000
(Blocos avulsos).....	2\$000
Gen. Góes Monteiro — <i>O Elogio de Caxias</i>	2\$000
Cap. Eduardo Peres Campello — <i>Tiro indirecto de</i> <i>metralhadora</i>	2\$000
Maj. Dr. Marques Porto — <i>Atestado de origem</i>	2\$000
Caderneta do Commandante.....	1\$000
Pelo correio mais 1\$000.	

Guia para a instrucção militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia pratico para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000 pelo correio mais \$500.

Notas sobre o commando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

O que é preciso saber da Infantaria, Ten.-Cel. Dermeval 5\$000, pelo correio mais \$800.

Combate da Infantaria, Major Soares dos Santos, 6\$000 pelo correio mais \$700.

Secção de Veterinária

Redactor; Armando Rabello de Oliveira

Impressões do Rio Grande Pastoril (1)

Pelo 1.º Ten. ARMANDO RABELLO DE OLIVEIRA

De volta da viagem que empreendemos ao Rio Grande do Sul, em missão de compra de animais para o Exército, reencetamos neste numero a campanha em prol do maior incremento da criação do cavallo nacional, collocando-nos, agora, á jusante das muitas observações e ensinamentos colhidos no transcurso dessa utilissima peregrinação, realizada em plena campanha sul-riograndense.

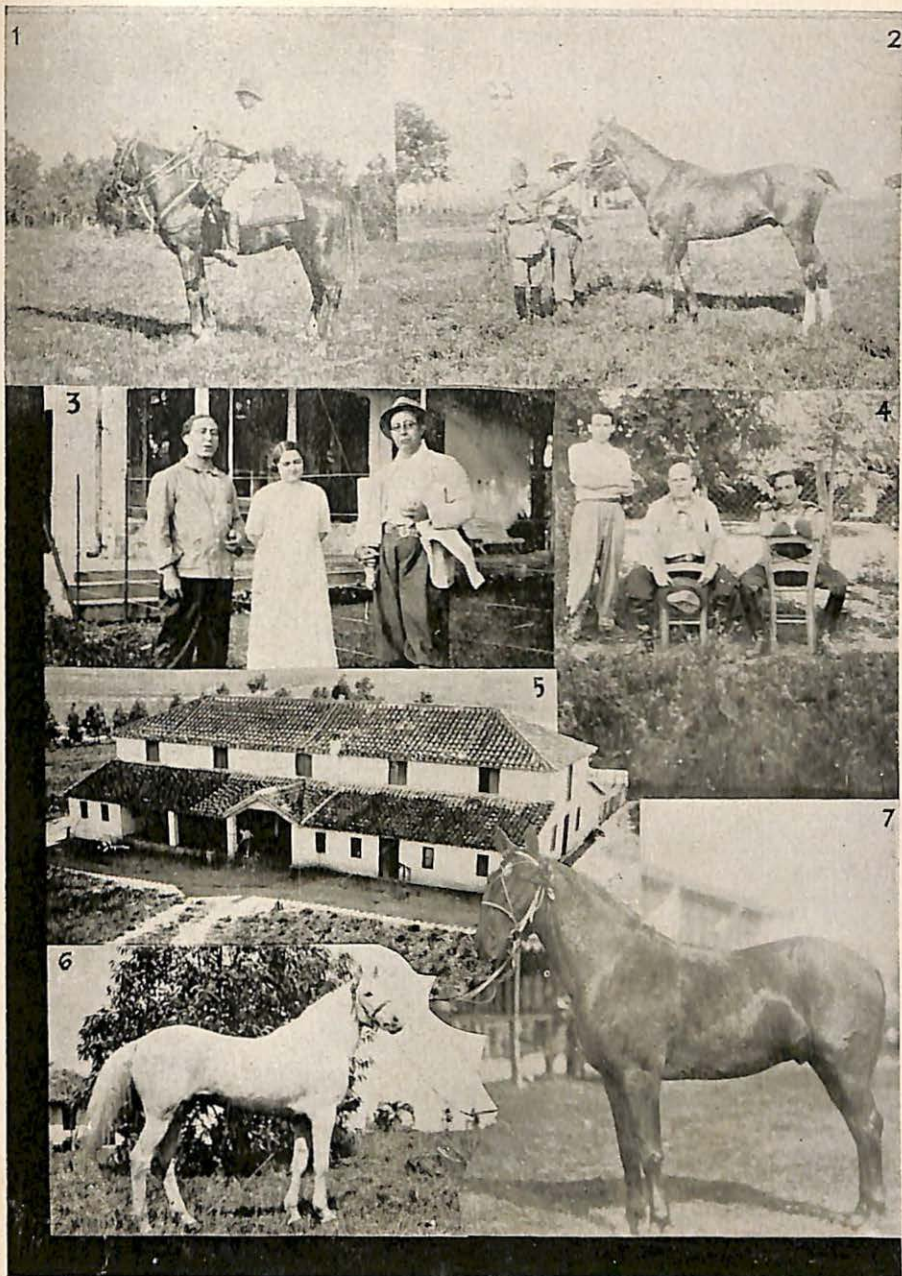
Natureza soberba e grandiosa é a que empresta physionomia assaz typica aos municipios creadores daquella prospera Unidade da Federação. E quem possuir o sentimento de nacionalismo bem constituido ou certa exaltação expontanea pelas causas patrias, não deixará de orgulhar-se ante a esplendida significação economica proporcionada pela campanha gaúcha, na sua feição lidimamente pastoril.

Para longe das serranias e das ondulações largas do terreno, que bem particularisam as cochilhas do planalto meridional brasileiro, ficam os admiraveis campos de criação dos municipios de Sant'Anna do Livramento, Quarahy, Alegrete e Uruguayana, onde a vista se espraia por planicies immensas atapetadas de verde, cortadas, de longe em longe, pelas *sangas*, pequenos sulcos cavados á flor do sólo pela agua das chuvas ou alimentadas por lenções liquidos subterraneos. Ahi não medram as hervas comuns aos "campos sujos", de que nos falla a geographia botanica, nem mesmo a *chirca* e o *espinheiro*, que tanto depreciam algumas pastagens de boa qualidade nos municipios de Bagé e D. Pedrito.

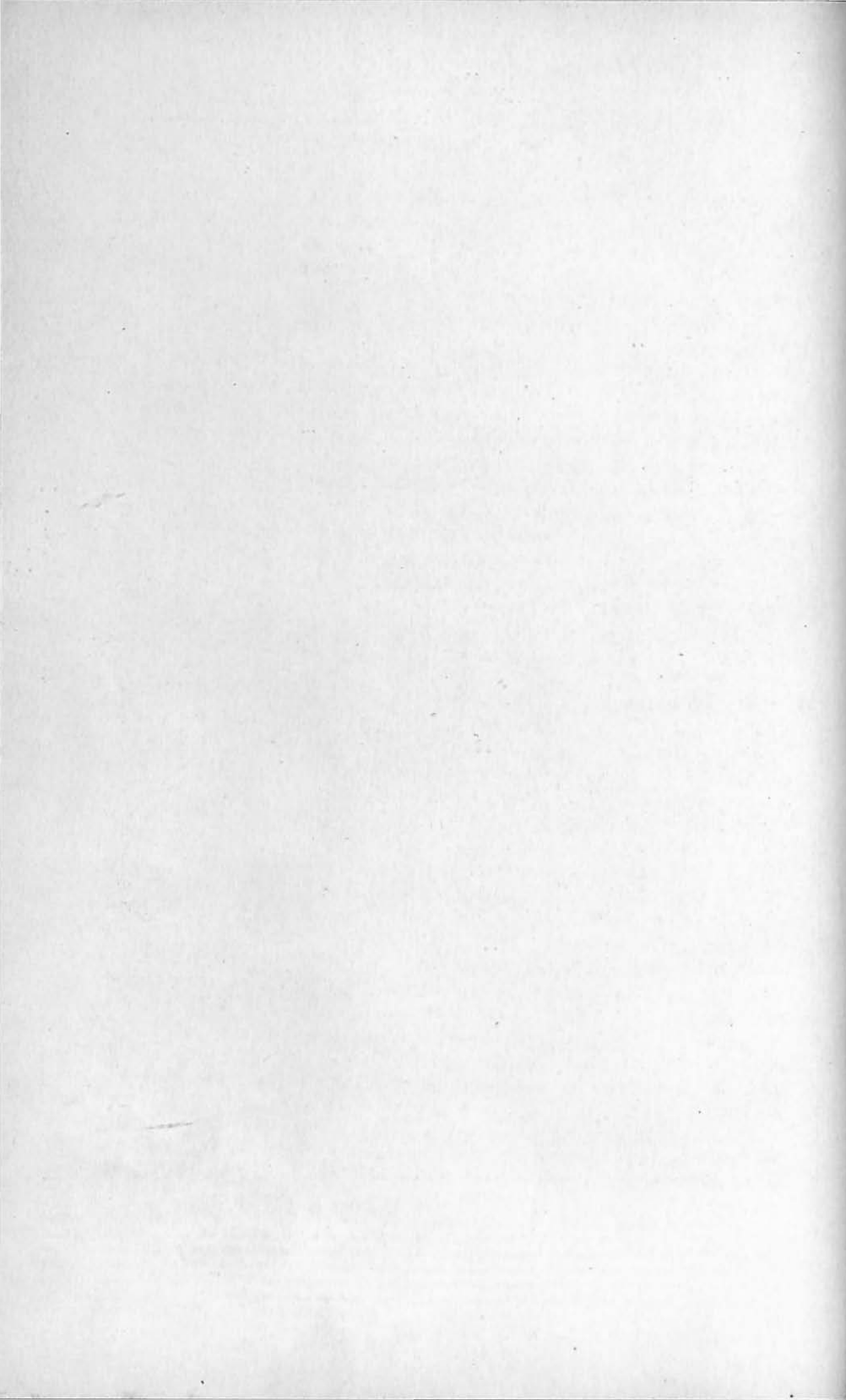
Os capões de matto, a que allude Lindman em seu estudo floristico "A vegetação do Rio Grande do Sul", tão pouco frequentes nas regiões fronteiriças que percorremos, ahi então raream de todo, substituidos por interminaveis pastagens naturaes, onde predomina o capim frechilha de permeio com leguminosas do genero trifolium. Vegetação arborea expontanea, embora de porte reduzido, constituindo precioso abrigo para o gado nos dias de *tormenta* ou nas horas de grande calor, só existe á margem dos rios, acompanhando o seu curso sinuoso, como um anteparo protector ao sopro constante dos ventos ou á insolação demasiada.

De longe em longe, na vastidão da verde planicie, desenha-se o contorno escuro das ilhótas dos arvoredos artificiaes ou de plantío, notaveis pela uniformidade da vegetação, vistos em seu conjuncto, constituindo

(1) A directoria recommenda a leitura deste artigo.



(1) Dr. Guilherme Eckenique, Presidente da "Associação de Criadores do Cavallo Crioulo", montando "Rasul" p. s. arabe — (2) Garanhão p. s. inglez, de propriedade do dr. Pacheco Prates
 (3) Creadores Miguel Belleza e Exma. Sra. e Aureo de Azevedo, na estancia de S. Pedro no Municipio de Uruguayana — (4) O creador dr. Pacheco Prates em sua estancia de criação no Municipio de Uruguayana — (5) Casa da estancia no "Haras Er Razur", no Municipio de Pelotas
 (6) Reprodutor arabe do "Haras Er Razur" de propriedade do sr. Guilherme Eckenique Filho
 (7) "Oigalê", campeão crioulo de 1933 na Exposição-Feira de Bagé.



pequenos bosques de velhos eucalyptos ou de frondosos sinamomos — arvore de nova predilecção nas estancias — á cuja sombra se abrigam as casas de estancia, com o galpão da esquila, a casa dos peões, o banheiro carrapaticida, o mangueirão de pedra, a mangueira de lidar, onde se faz a doma e o amanonsiar dos potros.

Na quietude enganadora daquellas bucólicas paragens, o trabalho não estaciona nem os animos se entorpecem na dôce perplexidade da immensidão campestre; pelo contrario, sob a amenidade de acções atmosphericas estimulantes e o andejar incessante dos rebanhos que povôam os campos, o homem madruga na faina do pastoreio, absorvido pelo trato dos armentos, possuido da exacta comprehensão de assim estar concorrendo para o engrandecimento progressivo dos seus haveres.

Se accrescentarmos á descripção acima, o uso e abuso quotidiano dos *assados de ovelha* e o desgaste da sobrecarga estomacal, resultante, com algumas cuias de *matte*, teremos pintado com relativa fidelidade o scenario do ambiente pastoril sul-riograndense, cuja apparente monotonia não fátiga a curiosidade de quem chega, nem causa tédio ao mais irrequieto citadino, antes proporciona, pelo realismo sadio da vida ao natural, novos factores de revigoração civica e a visão actual das nossas possibilidades num dos dominios mais fecundos da nossa organização economica — a pecuaria.

A's associações ruraes dos seus municipios creadores deve o Estado do Rio Grande do Sul o indice de melhoramento ora presente nos seus rebanhos de criação, e vantajosamente assignalado nas raças bovinas destinadas ao córte e nos ovinos lanigeros. Essas entidades, coordenadoras do surto pastoril em todo o Estado, organizam, todos os annos, exposições-feiras nos municipios sob sua jurisdicção, com resultados praticos apreciaveis, não só pelo vulto das transacções que ensejam, como pelos ensinamentos e incentivo que trazem aos creadores, não deixando, por outro lado, de constituir um acontecimento social muito util á movimentação periodica dos municipes bisonhos e arrédios. O certamen pecuario de Bagé, por exemplo, — que nos foi dado visitar no anno passado — é tido como sendo a 3.^a grande feira de animaes da America do Sul, pelo grande numero de productos que alli são exhibidos annualmente e pelo registro elevado das transacções effectuadas. A essa pujante demonstração do avançado gráo de aperfeiçoamento attingido pelas raças domesticas, em cultivo zootechnico, afluem, de todos os pontos do Estado, verdadeira multidão de visitantes, não sendo poucos os "cabaneiros" uruguayos e argentinos que ali comparecem.

A secção de equinos na Exposição-Feira de Bagé, do anno transacto, teve representação deveras brilhante, contando explendidos productos das raças arabe, andaluz, puro sangue inglez, anglo-arabe, crioula e de alguns poneys.

O primoroso lote de crioulos, no qual figuravam tres animaes de procedencia argentina, constituiu o motivo de maior attracção do certamen, sendo muito applaudidos sempre que eram exhibidos em frente ás tribunas sociaes.

A entusiastica e patriotica campanha posta em pratica pela benemérita "Associação dos Criadores do Cavallo Crioulo" tem angariado, dia a dia, novos adeptos para a grande causa, sendo verdadeiramente edificante a actividade desenvolvida por esse pugilo de brasileiros, que em bôa hora tomou a peito tão nobilitante tarefa.

Cabe ao governo, muito particularmente ao Exercito, o dever de amparar decisivamente esse esforço em favor da emancipação industrial do cavallo brasileiro, até hoje preterida illegitimamente pelas manifestas preferencias officialmente dispensadas aos productos exóticos, pagos sem constangimento a peso de ouro do melhor quilate.

O Director do Serviço de Remonta do Exercito procurando prestigiar aquella campanha de fomento á creação do cavallo indigena e bem comprehendendo o alcance futuro de tão meritoria iniciativa em face das necessidades militares, delegou plenos poderes ao seu representante naquella 21.^a Exposição Pecuaria de Bagé, Cap. Vet.^o Aristides Corrêa Leal, para solicitar fosse erigido o campeão da raça crioula — um potro de 2 annos de silhueta muito harmoniosa —, em figura symbolica do memoravel certamen, afim de ser adquirido, como foi, a preço de animação, para de futuro utilisal-o como padreador numa das coudelarias militares.

Com a projectada exposição comemorativa do Centenario Farrou-pilha, a realizar-se em Porto-Alegre, em setembro deste anno, o Rio Grande reafirmará ao Brasil inteiro e ao estrangeiro o quanto tem evolvido a sua pecuaria, nestes ultimos annos, depois que em definitivo subordinou a formação dos productos de sua industria animal á exclusiva orientação zootechnica.

Para essa magnifica festa de industria "A Associação dos Criadores do Cavallo Crioulo" está arregimentando desde agora a fina flôr dos productos inscriptos no seu Stud-Book, para apresental-os em formação de grande parada, como homenagem dos criadores do Brasil de hoje aos heroicos revolucionarios farroupilhas.

A venda na "A Defesa Nacional"

<i>Mémoires, Marechal Joffre</i>	87\$400
<i>Canas e nossas batalhas, H. O. Wiederspahn</i>	7\$000
<i>Historia militar do Brasil, Danton Teixeira</i>	10\$000
<i>O cerco da Lapa e seus heroes, David Monteiro</i>	8\$000
<i>A guerra civil, Almirante Thompson</i>	10\$000
<i>A batalha de Saint Quentin-Guise-Ten. Cel. Lenglet</i>	6\$000

PELO CORREIO MAIS 1\$000

Variedades
e
Noticiario

O tempo do serviço militar na França

A duração do serviço militar não só preocupa hoje os círculos militares e políticos como também a opinião publica na França. Como consequencia da diminuição espantosa dos nascimentos, as cifras de conscriptos não mais preenchem com recrutas os claros que se vêm abrindo. Procurar-se-á naturalmente contornar a actual lei que determina a duração de um anno de serviço e ora em vigor. Comtudo só o Senado e a Camara, órgãos iminentemente politicos e não technicos, poderão dar a ultima palavra emendando as leis em vigor na velha liberal-democracia do Sena.

O Estado Maior está estudando as possibilidades de um serviço de 15, 16, 18 e mesmo 24 mezes e tudo parece indicar que será pedido o de 2 annos. Ha symptomas de que mesmo os conscriptos que já completaram em outubro de 1934 seu tempo, serão retidos até abril do corrente anno, isto é servirão anno e meio e os que o completarão em outubro de 1935 permanecerão por mais um anno. Para o anno de 1936 o Exercito Francez só poderá dispor de 112.000 conscriptos, apesar do Estado Maior declarar serem precisos 200.000

“A DEFESA NACIONAL”

(DE UM OBSERVADOR MILITAR)

Neste periodo de renovação da mentalidade militar, em que o Exercito, por excepção ás administrações militares da Republica, está vivendo dentro de si mesmo, só restava corrigir a sensivel lacuna de um órgão de coordenação intellectual capaz de promover e diffundir, uniformemente, em todas as regiões, o conhecimento dos problemas actuaes que interessam á classe. Este órgão já estava embryonario na revista mantida pela élite dos officiaes do Exercito e acaba de transformar-se, agora, adaptando-se melhor ás suas superiores finalidades e, ampliando-se para attender ao desenvolvimento notavel do meio intellectual militar.

A mentalidade que convém ao Estado crear na classe militar, para desempenho cabal das suas attribuições, em tempo de guerra e conducta

em tempo de paz, não está sómente na letra dos regulamentos que são rígidos e concisos.

A cada passo surge um problema que deve ser olhado pelos militares, com uniformidade de vistas e sentimentos e, além do mais, só através de um órgão de informações autorizado e idoneo pôde ser trazido o Exército ao corrente das coisas novas que lhe interessam. E' necessario que, para contrapôr-se aos innumerados órgãos de publicidade que encaram os factos á mercê das suas conveniencias doutrinarias, haja, tambem, uma fonte permanente de orientação da classe no sentido de conduzir, orientar e esclarecer esses factos de accordo com uma mentalidade unica e sã; inspirada na orientação do órgão central que deve encarar as conveniencias do Exército.

Um grupo seleccionado de officiaes de todas as armas acaba de realizar esses objectivos, com a publicação do primeiro numero da "A Defesa Nacional", depois das remodelações a que alludimos. A distribuição dos assumptos é feita de tal sorte, que nenhum official do Exército, qualquer que seja a sua arma ou serviço, poderá prescindir de lê-lo. Além disto, tratando-se de um movimento louvavel no sentido de aprimorar a cultura profissional militar, o incentivo e o estímulo de todos os militares á iniciativa dos seus camaradas reverterá em beneficio do nivel intellectual do Exército, que a "A Defesa Nacional", sem nenhuma duvida, representa e impulsiona, ha muitos annos.

O general chefe do Exército tem dito, repetidas vezes, que a Instituição militar tem função politica e esse conceito gerou commentarios que querem crer numa supposta incoherencia do ministro que logrou restituir a disciplina ao Exército. E' que os órgãos da Imprensa, habituados a encarar os probelmas da Politica partidaria, restringem o conceito da expressão a limites dentro dos quaes não pode caber a função militar. "A Defesa Nacional", representando a élite intellectual do Exército, tem abordado, nas passagens principaes destes ultimos tempos da vida nacional, os aspectos superiores que interessam á actividade militar. Realmente, o soldado não pôde nem deve ser politico, mas, nem por isto se justifica que elle deixe de apreciar, dentro do quadro normal das suas actividades profissionais e segundo a doutrina em que se educa, a sorte do paiz na convulsão de idéas que se agitam e se debatem, na hora presente. Neste particular, impunha-se-lhe, na falta de uma imprensa orientada, um órgão central de orientação intellectual que acompanhasse e analysasse o desenrolar dos acontecimentos da por assim dizer, alta politica. E' uma outra missão relevante que "A Defesa Nacional" se propõe desempenhar, com grandes beneficios para a mentalidade do Exército.

Tudo isto justifica o apoio e o estímulo com que a classe militar vê a sua revista entrar, depois de transformada, na phase nova de prospe-

ridade que marca o seu ultimo numero. Recommendamos, pois, aos officiaes de terra, a leitura do primoroso numero da "A Defesa Nacional", dado ultimamente á publicidade.

Do "O Jornal".

O protesto das Nações

O Japão denunciou a França de haver construido dois couraçados de 35.000 toneladas e dois destroyers orçados em 886 milhões de francos.

Affirma o Imperio do Sol Nascente que desse modo será violado o Tratado de Washington de 1922 que não comporta o augmento da tonelagem anhelado pela França.

Os gaulezes defendem-se' allegando que o rearmamento dos germanicos constitue uma seria e perene ameaça á paz do mundo.

Emquanto isto os allemães renovaram sua esquadra, construindo cruzadores do typo do "Deutschland" que os inglezes fleugmaticamente denominam de "navios de algibeira" em virtude das suas dimensões lilliputianas. Apesar de pequenos esses vazos de guerra fornecem formidavel efficiencia aggressiva pois os engenheiros da terra de Bismarck conseguiram: reduzir consideravelmente o peso do metal empregado, augmentar a velocidade de suas machinas e distribuir uma artilharia potentissima em reduzido espaço.

Pela denuncia do Japão se depreheende que elle procura uma brecha para augmentar tambem o seu poder armamentista...

Logo em seguida a França e a Italia protestam calorosamente contra á adopção, na Allemanha, do serviço militar obrigatorio, contrario ao Tratado de Versailles. A inquietação do mundo é fantastica...

A Expedição Iglesias

Deve, em breve, embarafustar-se pelo Amazonas a dentro a expedição chefiada pelo capitão Iglesias, de nacionalidade hespanhola.

Consoante os noticiarios dos jornaes, trata-se de estudar a mystica região amazonense sobre os aspectos geographico, ethnographico, floristico e zoologico. Grandes vantagens advirão para o Brasil no desvendamento dos segredos do nosso "hinterland"; pois as obras de Humboldt, von Martins, von Stein, Lund e muitos outros não nos permitem que pensemos de outra fórmula.

Emquanto alguns sabios alienigenas, de facto, trabalharam pelo Brasil, outros aqui aportaram sómente para ganhar dinheiro, desenvolvendo na America do Norte e no Velho Mundo a mais intensificante campanha de descredito contra nós. E como não pudemos separar o bom do mau, seria de bom avizo que technicos nacionaes acompanhassem o capitão Iglesias e apresentassem relatorios minuciosos de tudo quanto vissem.

Teremos novamente sangue na linde Colombo-Peruana?

A attitude do Senado da Colombia' tomando posição diametralmente opposta ao Presidente do prospero paiz, fez entremecer por momentos as azas do anjo bemdito da Paz.

Felizmente parece que a borrasca passou. A acção decidida do Presidente colombiano e os sentimentos nobilitantes do Peru accordaram em transferir para o fim deste anno a ratificação da formula pacifista do inclito ex-ministro Mello Franco.

Mostrasse o Peru intransigencia, ou agisse o Presidencia da Colombia com animo fraco, a esta hora os tiros dos canhões estariam reboando na selva opulenta da Amazonia.

LIVROS NOVOS

Do Major DANTON TEIXEIRA, recebemos a apreciação abaixo sobre o livro do nosso companheiro de trabalho H. O. WIEDERSPAHN:

A nossa literatura militar tem sido ultimamente enriquecida com interessantes produções em varios ramos da actividade profissional.

O 1.º Ten. Henrique Oscar Wiederspahn joven official apenas com tres annos de formatura, revela uma accentuada vocação para a Historia Militar.

Apresenta-nos o Ten. Oscar na sua obra "Canes e nossas batalhas", um criterioso estudo, commentado á luz das ideas schiefenianas.

Não admira que um novel official mostre tão cedo, no inicio de sua carreira, pendores para os altos estudos militares. O Ten. Oscar pertence a uma geração que teve a ventura de haurir conhecimentos de Historia Militar com um verdadeiro mestre — o major Agenor Leite de Aguiar.

O tenente mostra que bebe nas boas fontes. Conhece a fundo o enredo das tropelias que abalaram por varios annos as campinas do Rio Grande e o pampa platino. Sabe do nenhum valor de certos generaes improvisados cuja aureola ainda refulge nas paginas da Historia. Mostra-nos o tenente que se aprende tambem apontando os erros...

Reputo o trabalho do ten. Oscar excellente manual para os candidatos á Escola de Estado Maior.

Apresento ao meu distincto camarada meus aplausos, desejo que não descoroço e que ao aperfeiçoar seus estudos na Escola de Estado Maior nos brinde com novos trabalhos sobre tão palpitante assumpto.

* * *

"A INSTRUÇÃO NA INFANTARIA"

Do Major O. DENYS

A' medida que os processos de combate evoluem correlativamente com os progressos do armamento e novos meios de guerra, mais difficil e mais complexa se apresenta a instrução na infantaria, principalmente entre nós em que o serviço a curto prazo força o instructor a ministrar sómente o necessario e isto mesmo para formar um regular combatente.

Submergido não só no emaranhado das exigencias regulamentares, no que diz respeito á instrução, como pela complexidade do problema, só uma longa pratica e um conhecimento seguro da pedagogia militar permittirá ao instructor conduzir-a sem malbaratar os seus esforços.

Hoje felizmente o caminho se acha mais desbastado e o trabalho apresenta-se mais facil pela contribuição que veio trazer o major ODYLIO DENYS com a sua "A instrução na infantaria". Nella são fornecidas aos instructores os elementos necessarios não só para ministrar como para dozar e coordenar a instrução nos corpos de tropa. O triplice problema: que se quer?; como se quer?; quando se quer?, foi resolvido com proficiencia.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

FRANÇA

REVUE DE CAVALERIE - Janeiro - Fevereiro — os autos - metralhadoras nas Mesopotamia (1918) As transmissões na Cavallaria Ambiente de um combate visto no escalão companhia ou esquadrão a pé.

ESPAÑA

REVISTA DE ESTUDIOS MILITARES - Janeiro — O carro de combate é uma arma ofensiva ou defensiva - A divisão quartenaria.

CAVALLARIA EM "CAVALLOS" — VAPOR



Patrulhas de cavallaria inglesa em pleno exercicio de descoberta.

Formulario para os Concelhos de Justiça Regimentaes (desertores a insubmissos)

1.º Ten. Arthur Alvim Camara

.....193

.....REGIMENTO DE INFANTARIA (1)

N.º.....

Presidente — F.....(nome e posto)

Escrivão — F.....(nome e posto)

Autora — A Justiça Militar

Réu — F.....

Crime — Artigo.....do Código Penal Militar

AUTUAÇÃO (2)

Aos..... dias do mez de do anno de
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de
Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, autuo o presente processo
que adiante segue; do que, para constar, lavro este termo. Eu, F.....
(nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

(Nota: Vide n.º (3) do Anexo n.º 1)

CERTIDÃO DE COMPROMISSO (4)

Certifico que aos..... dias do mez de do anno de
os juizes nomeados em Boletim Regimental numero.....
de..... de..... de....., senhores Capitão F.
....., presidente, primeiros tenentes F..... e F.....
e segundo tenente F....., prestaram o compromisso legal. O que
dou fé. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi
e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

JUNTADA (5)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de
Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço juntada aos presentes
autos da acta da primeira sessão deste Conselho; do que, para constar,
lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão,
o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

ACTA (6)

(Da primeira sessão)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de In-
fantaria, em seu quartel, na Villa Militar, presentes todos os juizes deste
Conselho, foi pelo senhor presidente aberta a sessão, neste processo,
às..... horas e..... minutos. Presente o réu e lidos os autos, tomou
o Conselho conhecimento do feito, passando-se, em seguida, a um acurado
estudo do processo, juntamente com as razões de defeza. O senhor pri-
meiro tenente F....., servindo de relator, depois de feita a sua mi-
nuciosa exposição, declarou que o processo está devidamente preparado
(se for este o caso) e, por isso, solicitou fossem logo designados dia e hora
para o julgamento do réu. Nada mais havendo a tratar, levantou-se a
sessão, neste processo, às..... horas e..... minutos; do que, para
constar, lavrei esta acta, que escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

(Nota: A acta é um documento avulso, que se junta ao processo).

CONCLUSÃO (7)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de In-
fantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço os presentes autos con-
clusos ao senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do
que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto),
servindo de escrivão, escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

DESPACHO (8)

DESIGNO o dia....., ás..... horas e minutos,
para ser o réu submettido a julgamento, scientes as partes.

(Data — Logar, dia, mez e anno)

(Assignatura e posto do presidente)

RECEBIMENTO (9)

Aos dias do mez de do anno de
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do Regimento de In-
fantaria, em seu quartel, na Villa Militar, me foram entregues os pre-
sentes autos pelo senhor Capitão F....., presidente deste Con-
selho; do que, para constar, lavrei este termo, Eu, F..... (nome e
posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

CERTIDÃO (10)

Certifico que scientifiquei as partes, na conformidade do despacho
para julgamento de fls.....; do que, para constar, lavrei este termo
e dou fê. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o es-
crevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

APRESENTAÇÃO (11)

Aos dias do mez de do anno de
faço estes autos presentes ao senhor Capitão F....., presidente
deste Conselho, para os fins legais. E, para constar, lavrei este termo,
que escrevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

AUTO DE INTERROGATORIO (12)

Assentada

Aos dias do mez de do anno de
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do Regimento de In-
fantaria em seu quartel, na Villa Militar, reunido o Conselho de Justiça,

presentes todos os seus membros, o réu F..... (nome e posto) e seu commandante de companhia, senhor Capitão F....., advogado do réu, passou o dito réu a ser interrogado pelo senhor primeiro tenente F....., relator, na forma que se segue; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

INTERROGATORIO

Perguntado qual o seu nome, naturalidade, idade, filiação, estado civil, residencia, respondeu — Chamar-se F..... (nome inteiro), ser brasileiro, com..... annos de idade, filho de....., solteiro e residente em..... (logar, rua e numero). Perguntado qual o seu posto, emprego e profissão, respondeu ser..... Perguntado onde estava ao tempo em que passou a desertor (ou insubmisso), respondeu que em..... Perguntado se conhece as pessoas que depuzeram (ou servem de testemunhas) no processo, desde quando e se tem alguma cousa a oppôr contra ellas, respondeu que..... (ou que seu advogado dirá ou já foi dito pelo seu commandante de companhia). Consultados os demais juizes do Conselho para lembrarem as perguntas que lhes parecessem convenientes ao esclarecimento da verdade, por estes foi declarado que nada tinham a dizer (ou pelo Juiz F..... foi lembrado que se perguntasse..... (segue-se a pergunta), tendo o réu respondido que..... E, como nada mais respondeu nem lhe foi perguntado, deu-se por findo o presente interrogatorio, lavrando-se este auto, que, depois de lido e achado conforme, vae assignado, na forma da lei, por todos os membros presentes do Conselho, o accusado e seu commandante de companhia (ou advogado). Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

F..... (Presidente do Conselho).
 F..... (Juiz)
 F..... (Réu)
 F..... (Cmt. de Cia. ou advogado).

RECEBIMENTO (13)

Aos..... dias do mez de..... do anno de..... na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, me foram entregues os presentes autos pelo senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

JUNTADA (14)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço juntada aos presente autos da respectiva sentença e da acta da sessão de julgamento; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

SENTENÇA (15)

Visto e examinados, attentamente, os presentes autos de processo crime em que são partes, como autora, a Justiça Militar, e réu F..... (nome e posto), delles consta que: O réu F..... soldado deste Regimento de Infantaria está accusado de haver commettido o crime previsto no artigo..... do Codigo Penal Militar, em virtude do facto constante do processo de..... (deserção ou insubmissão), tendo o feito seguido todos os tramites legais.

Isto posto, e considerando que dos autos está sobrejamente provado ter o réu F..... commettido o delicto de..... (designa-se o delicto qualificado) de que é accusado no presente processo (termo de insubmissão de fls....., termo de deserção de fls..... e mais documentos de fls....., etc.);

Considerando (no caso de confissão do crime feita perante o Conselho) que o réu confessou, em juizo, livre e espontaneamente, sem qualquer constrangimento, coação ou insinuação, ter praticado o crime, conscientemente, e ser essa confissão accôrde com as circumstancias do facto e as provas dos autos, conforme se vê dos depoimentos de fls..... e..... (indicam-se as peças do processo que corroboram a confissão).

Considerando que o réu commetteu o crime, com as circumstancias aggravantes do artigo..... do Codigo Penal Militar;

Considerando que em favor do reu militam as circumstancias atenuantes do artigo..... §..... do referido Codigo;

Considerando mais, etc. etc. (citar as circumstancias que tiverem influido no julgamento);

Considerando que ditas circumstancias se compensam;

O Conselho de Justiça por tudo isso e mais pelo que dos autos consta, resolve condemnar (ou absolver, quando fôr o caso) o reu F..... (nome e posto) ás penas do grau médio do artigo..... Codigo Penal

Militar, computando-se, na fórmula da lei, o tempo de prisão preventiva (se houver).

Publique-se, registre-se e intime-se.

Sala das sessões do Conselho de Justiça no quartel do.....
Regimento de Infantaria, na Villa Militar, em..... do mez de.....
..... do anno de.....

F.....(Presidente)

F.....(Juiz)

F.....(Relator)

F.....(Juiz)

(Nota: A sentença é um documento avulso, que se junta ao processo).

ACTA (16)

(Da sessão de julgamento)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, reunido o Conselho de Justiça, presentes todos os seus membros, foi pelo senhor presidente do Conselho aberta a sessão, neste processo, ás..... horas e..... minutos. Apregoado pelo escrivão o nome do accusado F..... (nome por inteiro) compareceu este com o seu commandante de companhia (ou advogado), senhor Capitão F..... Em seguida, procedida a leitura das peças do processo, na fórmula da lei, passou-se ao interrogatorio do reu, visto não ter sido pedida a inquirição de testemunhas. Terminado o interrogatorio (e os depoimentos, quando houver testemunhas), foi dada a palavra ao senhor Capitão F..... commandante de companhia do accusado (ou advogado), que declarou não ter novas razões de defeza a apresentar (ou que apresentou, oralmente, novas razões de defeza). Logo, após, passou o Conselho a funcionar em sessão secreta. Feito pelo senhor relator uma exposição verbal sobre o facto arguido contra o accusado, apontadas as provas de accusação e da defesa, foram convidados os juizes a se pronunciarem sobre a causa e, recolhidos os votos, a começar pelo menos graduado (ou mais moderno), apurou-se ter o Conselho, por unanimidade de votos (ou maioria de votos), absolvido o alludido reu F..... (ou condemnado o alludido reu F..... ás penas do grau minimo (medio ou maximo) do artigo..... do Codigo Penal Militar). Pelo senhor relator foi, em seguida, proclamada a sentença em publica audi-

encia, em presença das partes, que ficaram scientes (ou foi pedido o prazo legal para a redacção da respectiva sentença). Nada mais havendo a tratar, foi suspensa a sessão, neste processo, às..... horas e..... minutos; do que, para constar, lavrei esta acta, que escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

(Nota: A acta é um documento avulso, que se junta ao processo).

CERTIDÃO (17)

Certifico que foi intimado F..... (nome e posto) da sentença de fls....., em sua propria pessoa (ou na do seu Cmt. de sub-unidade, ou advogado), que ficou bem sciente; do que, para constar, lavrei este termo e dou fé. E, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

ENCERRAMENTO (18)

Aos..... dias do mez de..... do anno de....., na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, deu-se por findo o presente processo; do que, para constar, lavro este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

CONCLUSÃO (19)

Aos..... dias do mez de..... do anno de....., na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço os presentes autos conclusos ao senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....
..... Sargento, servindo de escrivão.

DESPACHO (20)

SEJA feita a remessa do presente processo a autoridade competente.

(Data — Logar, dia, mez e anno).

(Assignatura do presidente do Conselho).

RECEBIMENTO (21)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, me foram entregues os presentes autos pelo senhor Capitão F....., presidente deste Conselho; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

REMESSA (22)

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....
na sala de sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de Infantaria, em seu quartel, na Villa Militar, faço remessa destes autos ao senhor..... Commandante do citado Regimento, para os fins do § 6.º do artigo 257 do Código da Justiça Militar; do que, para constar, lavro este termo. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi e subscrevo.

F.....

..... Sargento, servindo de escrivão.

ANNEXO N.º 1

1) A ordem dos termos do processo está indicada pelos numeros que estão entre parenthesis ao lado de cada titulo.

2) Na primeira folha (a que serve de capa) só deve constar o cabeçalho indicado pelo numero (1) e a autuação indicada pelo numero (2). Essa folha póde ser de cartolina.

3) Logo depois do termo de autuação (2), vem:

a) A copia do officio do presidente do Conselho, solicitando o processo de deserção;

b) A copia do officio do presidente do Conselho, solicitando as razões de defeza;

c) As copias dos Boletins que nomeiaram o Conselho e o escrivão;

d) O processo de deserção (ou de insubmissão);

e) Copias dos boletins referentes ao facto;

f) Os assentamentos militares do reu;

g) As razões de defeza;

h) A ficha dactyloscopica (sempre que for possivel).

(Nota: — Esses documentos correspondem ao numero (3), que, aparentemente, foi omitido na ordenação).

4) Sómente depois do ultimo documento acima (3) é que vem a certidão de compromisso (4) e demais termos, de accordo com a ordem da numeração.

5) O processo deve ser feito em folha de papel almaço com 0m,22 × 0m,33.

6) Nada impede que todos os termos e a sentença sejam dactylographados, dando-se-lhes, porém, o fecho conveniente.

7) As copias de qualquer documento devem ser autenticadas pelo escrivão com o devido "Confere com o original" (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, nota da pagina 844).

As 1.^{as} e segundas vias dos documentos levam a assignatura do presidente do Conselho.

8) AUTUAÇÃO — Na autuação não é preciso enumerar os documentos (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pagina 832). Esse termo é lançado na capa do processo (Formulario, pagina 831).

9) COMPROMISSO — O compromisso dos juizes é prestado de accordo com o art. 200 do C. J. M. Desse acto deve constar nos autos a devida certidão (art. 200, § unico, do C. J. M). Acarreta nullidade a falta desse compromisso. (Art. 247, letra K, do C. J. M).

10) JUNTADA — Definição — Formalidade — Na juntada cita-se o documento que for. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 381 e 832).

Lançado o termo de juntada, seguem-se os documentos nelle referidos.

Sómente depois do ultimo documento é que proseguirão os termos de continuação do feito.

11) ACTA — A acta deve relatar tudo quanto na sessão occorrer e della se deve fazer juntada aos autos do processo respectivo. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 833 e 863).

12) TESTEMUNHAS — Havendo testemunhas procede-se de accordo com o Titulo — V. Cap. II do C. J. M., observados os termos de continuação do processo.

As testemunhas serão inquiridas antes do réu (art. 206 do C. J. M.) e as testemunhas de accusação, antes das de defesa (art. 205 do C. J. M.) (Art. 205 do C. J. M.).

13) **TERMOS DE CONTINUAÇÃO** — São aquelles que assignalam o accrescimento de actos do processo no feito. São elles: autuação, juntada, recebimento, certidão, etc. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 829).

14) **CONCLUSÃO** — Sempre que o processo depender de decisão ou despacho do presidente do Conselho, os autos lhe serão conclusos. (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 832).

15) **RECEBIMENTO** — Voltando o processo ás mãos do escrivão, este lavrará o termo de recebimento (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 833).

16) **CERTIDÃO** — Dos despachos e decisões cumpridas, o escrivão lavrará nos autos o termo respectivo (Formulario — Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 832).

17) **APRESENTAÇÃO** — Dos autos deve constar o termo de apresentação do processo ao Conselho, para os fins legais (Julgamento, etc.) — (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 833).

18) **ENCERRAMENTO** — E' o acto pelo qual o escrivão accusa terem sido dadas por findas as diligencias e formalidades do processo. (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 833).

19) **REMESSA** — E' o acto que comprova a expedição dos autos de um juizo ou autoridade para outro juizo ou autoridade. (Bol. Ex. 344, de 1926, pags. 831 e 833).

20) **NUMERAÇÃO** — O processo será numerado, sendo a numeração lançada, seguidamente, no rosto de cada folha e na sua extremidade externa superior. A primeira folha, que serve de capa, também será numerada. (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 831).

21) **RUBRICA** — Todos os termos, actos e folhas são rubricados pelo escrivão. (Art. 190, letra K, do C. J. M.).

22) **SENTENÇA** — A sentença deve ter a data do dia do julgamento. (Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 861).

A sentença será lida pelo relator em publica audiencia, della se entendendo, desde logo, intimado o réu que se achar presente, ou em caso contrario, a intimação será feita ao seu advogado (Cmt. de Cia.) ou curador (Art. 226 do C. J. M.).

O Juiz vencido poderá justificar o seu voto, por escripto. (Formulario, pag. 861).

23) **SESSÃO** — Haverá tantas sessões quantas forem necessarias ao julgamento do réu.

24) **AUTO DE QUALIFICAÇÃO** — Nos processos de deserção e de insubmissão, é desnecessario o auto de qualificação, visto os autos rela-

tivos a esses crimes equivalerem á formação de culpa. (Formulario, pags. 894 e 895) (Art. 255, § 4.º, do C. J. M.).

25) **RELATORIO** — A exposição do relator é verbal, feita na mesma ocasião em que o Conselho estuda o processo. (Art. 257, § 2.º, do C. J. M.).

O relatorio verbal encontra fundamento nos modelos das actas de sessão de julgamento (Formulario, pags. 863, 893 e 896).

26) Se o accusado não puder ou não quizer assignar, far-se-á declaração no auto, e por elle assignarão duas testemunhas, ás quaes o auto será lido. (Art. 208, § unico, do C. J. M.; Formulario-Bol. Ex. 344, de 1926).

27) Para a sessão de julgamento o reu deve ser intimado com a antecedencia minima de 24 horas (Formulario-Bol. Ex. n.º 344, de 1926, pag. 859).

28) Os autos ficam sob a guarda e responsabilidade do escrivão (Art. 109, letra j, do C. J. M.).

29) Na contagem dos prazos, não se conta o dia em que começa, mas conta-se, aquelle em que finda. O prazo findará no dia immediato, se o ultimo dia fôr feriado ou domingo. (Arts. 240 e 241 do C. J. M.).

30) Se o reu fôr absolvido, o presidente do Conselho expedirá, immediatamente, o seguinte alvará (Formulario-Bol. Ex. 244, de 1926, pags. 862-863) (Artigo 257, § 6.º, do C. J. M.):

ALVARA' DE SOLTURA

O Snr. F..... (posto e nome da autoridade que for) ou quem suas vezes fizer, sendo este apresentado, indo por mim assignado, em seu cumprimento, ponha, incontinentem, em liberdade, se por outro motivo não estiver preso, F..... (nome a graduação), visto ter sido o mesmo absolvido pelo Conselho de Justiça perante o qual estava sendo processado pelo crime previsto no artigo..... do Codigo Penal Militar.

(Logar e data)

(Assignatura do presidente).

31) Se o reu for condemnado, o presidente do Conselho expedirá a seguinte carta de guia (mandado de prisão) (Art. 257, § 6.º, do C. J. M.).

CARTA DE GUIA

Faço saber ao Snr. Commandante do..... (autoridade militar que for) que a presente acompanha o reu F..... (nome por inteiro),

filho de....., natural do Estado de....., com.....
 annos de idade, solteiro (casado ou viuvo), soldado (ou o que for) do....
 (unidade a que pertencer), o qual vae cumprir a pena de.....
 (tempo) de prisão com trabalho, a que foi condemnado por sentença do
 Conselho de Justiça que o julgou, datada de..... (data por ex-
 tenso), como incurso no artigo..... do Código Penal Militar. O Reu
 foi preso em..... (declarar a data), devendo ser posto em liberdade
 em..... (declarar a data).

Dada e passada em (logar, dia, mez e anno).

(Assignatura do presidente).

ANNEXO N.º 2

(Testemunhas)

Havendo testemunhas, estas serão inquiridas antes do reu, vindo,
 primeiramente, as de accusação e depois as de defesa (Arts. 205 e 206 do
 C. J. M.).

Os respectivos termos de inquirição ficarão collocados entre os nu-
 meros (11) e (12) do presente formulario.

O modelo do termo é o seguinte:

INQUIRIÇÃO DE TESTEMUNHAS

Assentada

Aos..... dias do mez de..... do anno de.....,
 na sala das sessões dos Conselhos de Justiça do..... Regimento de In-
 fanteria, em seu quartel, na Villa Militar, reunido o Conselho de Justiça,
 presentes todos os seus membros (ou os juizes taes e taes), o reu F.....
 (nome e posto) e seu commandante de companhia, senhor Capitão F.
, advogado do reu; foi pelo senhor primeiro tenente relator
 inquirida a testemunha F..... (ou foram inquiridas, como adi-
 ante se vê, as testemunhas F....., F..... e F.....),
 na fórma da lei; do que, para constar, lavrei este termo. Eu, F.....
 (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

Primeira testemunha

F..... (nome, nacionalidade, estado civil, profissão ou posto
 e residencia), aos costumes disse nada. Testemunha que, sob compro-
 misso legal, prometeu dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse per-

guntado. E, sendo inquirida sobre os factos constantes do documento de fls....., que lhe foi lido, respondeu que..... (segue-se a resposta); perguntado sobre....., respondeu que..... (e assim por diante). Consultados os demais juizes do Conselho para lembrarem as perguntas que lhes parecessem convenientes ao esclarecimento da verdade, por estes foi declarado que nada tinham a dizer (ou pelo Juiz F..... foi lembrado que se perguntasse.....) (segue-se a pergunta), tendo a testemunha respondido que..... Dada a palavra ao accusado para reperguntar ou contestar a testemunha, pelo mesmo foi dito que o seu advogado o faria. Dada a palavra ao Snr. F..... (nome e posto), advogado do reu, por elle foi pedido se perguntasse a testemunha..... (seguem-se as perguntas); e pela testemunha foi dito que..... (seguem-se as respostas) (ou dada a palavra ao advogado, para contestar a testemunha, por elle foi dito que contestava a testemunha porque..... (seguem-se as razões da contestação). Perguntado a testemunha se mantinha, ou não, integralmente, o seu depoimento, pela mesma foi dito que sim (ou que o rectificava na parte tal). E por nada mais saber nem lhe ser perguntado, deu-se por findo esse depoimento, que, depois de lhe ser lido e achado conforme, assigna (ou visto não saber ou não poder escrever, assigna F..... a seu rogo) com o reu e o seu advogado e que, na fórmula da lei, vae rubricado pelo Snr. Presidente do Conselho e pelo Relator. Do que tudo dou fé. Eu, F..... (nome e posto), servindo de escrivão, o escrevi.

F.....(Rubrica do Presidente do Conselho)

F.....(Rubrica do Relator)

F.....(Nome por inteiro da testemunha ou de quem houver assignado a seu rogo).

F.....(Nome do reu)

F.....(Nome do advogado).

(Notas:— Assim se procederá com as demais testemunhas, de baixo da mesma "assentada", se forem inquiridas no mesmo dia. Não o sendo, far-se-á nova "assentada".

Se a testemunha declarar ser parente, amiga ou inimiga, dependente do accusado ou da victima, isso mesmo se tomará por escripto, no depoimento, e será então considerada informante, não se lhe deferindo compromisso.

ANNEXO N.º 3

(Appellação)

- 1) Se houver condemnação, poderá o reu (ou seu advogado) appellar

da sentença condemnatoria, dentro do prazo de 48 horas, após a leitura ou intimação da referida sentença (Art. 292 do C. J. M.).

2) O presidente do Conselho mandará juntar ao processo a petição que interpoz a appellação, lançando-lhe o despacho competente.

3) As razões da appellação serão apresentadas dentro do prazo de 5 dias, contado da data da petição do numero 2 acima (art. 292, § 1.º, do C. J. M.);

4) O escrivão lavrará o necessario termo de juntada (da petição e das razões de appellação), antes do termo de encerramento, isto é, entre os numeros (17) e (18) do presente formulario.

5) De accordo com o § 7.º do artigo 257 do Codigo da Justiça Militar, a Auditoria competente é que cabe tomar conhecimento da appellação, para encaminhar o processo ao Supremo Tribunal Militar.

6) Os modelos são:

a) da petição (Formulario Bol. Ex. 344, de 1926, pag. 869):

“Meretissimo Conselho de Justiça.

O advogado abaixo assignado (ou o reu), não se conformando com a sentença de fls..... que condemnou, no grau..... do artigo..... do C. P. M., o reu F..... (nome e posto), vem pela presente e na fórma da lei, appellar da mesma sentença para o Egregio Supremo Tribunal Militar, requerendo lhe seja concedido o prazo legal para apresentação das razões escriptas, em primeira instancia.

P. deferimento

(Logar ,data e nome do appellante).

b) da appellação (Formulario — Bol. Ex. n.º 344, de 1926, pags. 869-870):

RAZÕES

Egregio Supremo Tribunal Militar

O advogado abaixo assignado (ou o reu) vem, respeitosamente, appellar para esse Egregio Supremo Tribunal Militar da Sentença de fls. do meretissimo Conselho de Justiça que condemnou o reu F. (nome e posto) ás penas do grau..... do artigo..... do C. P. M.

Fundamenta o appellante o presente recurso nos seguintes motivos de direito e de facto: (seguem-se os motivos que se baseia a appellação:

nullidade do processo, do julgamento ou da sentença, ter sido esta proferida contrariamente á evidencia dos autos, ou aquillo que for).

Pelo que, á vista do exposto, pede e espera o appellante que seja reformada a alludida sentença para o fim de..... (ser o reu absolvido ou condemnado na pena minima), por ser conforme o Direito e a Justiça.

(Logar, data e assignatura do appellante).

(NOTA: — Quando houver condemnação, a remessa dos autos sómente será feita depois de extincto o prazo de appellação. (Vide os n.ºs, 1, 2 e 3 do presente Anexo n.º 3).

ANNEXO N.º 4

CODIGO PENAL MILITAR

Da responsabilidade criminal; das causas que derimem a criminalidade e justificam os crimes.

Art. 18 — As acções ou omissões contrarias á lei penal, que não forem commettidas com intenção criminosa, ou não resultarem de negligencia, imprudencia ou impericia, não serão passíveis de pena.

Art. 19 — A responsabilidade penal é exclusivamente pessoal.

Art. 20 — Não derimem, nem excluem a intenção criminosa:

a) a ignorancia da lei penal;

b) o erro sobre a pessoa ou cousa a que se dirigir o crime.

Art. 21 — Não são criminosos:

§ 1.º.....

§ 2.º.....

§ 3.º Os que, por imbecilidade nativa, ou enfraquecimento senil, forem absolutamente incapazes de imputação,

§ 4.º Os que se acharem em estado de completa privação de sentidos e de intelligencia no momento de commetter o crime;

§ 5.º Os que commetterem o crime casualmente no exercicio ou pratica de qualquer acto licito feito com attenção ordinaria;

§ 6.º.....

Art. 22 — A ordem de commetter crime não isenta da pena aquelle que a executar; todavia, si consistir em facto que a lei pune sómente como abuso de poder ou violação de deveres funcçionaes, a responsabilidade penal que resultar da execução, em virtude de obediencia legalmente

devida a superior legitimo, recahirá, unicamente, sobre aquelle que deu a ordem.

Art. 23 — Os individuos isentos de culpabilidade, em resultado de afecção mental, serão entregues a suas familias ou recolhidos a hospital de alienados, si o seu estado mental assim o exigir para segurança do publico

Art. 24.....

Art. 25 — A isenção da responsabilidade criminal não implica a da responsabilidade civil.

Art. 26 — Não são tambem criminosos:

§ 1.º Os que praticarem o crime para evitar mal maior;

§ 2.º Os que o praticarem em defesa legitima propria ou de outrem.

A legitima defesa não é limitada unicamente á protecção da vida; ella comprehende todos os direitos que podem ser lesados.

Art. 27 — Para que o crime seja justificado no caso do § 1.º do artigo precedente, deverão intervir, conjunctamente, a favor do delinquente, os seguintes requisitos:

1.º Certeza do mal que se propoz evitar;

2.º Falta absoluta de outro meio menos prejudicial;

3.º Probabilidade da efficacia do que se empregou.

Art. 28 — Para que o crime seja justificado no caso do § 2.º do mesmo artigo, deverão intervir, conjunctamente, em favor do delinquente, os seguintes requisitos:

1.º Aggressão actual;

2.º Impossibilidade de prevenir ou obstar a acção, ou de invocár e receber soccorro da autoridade publica;

3.º Emprego de meios adequados para evitar o mal e em proporção da aggressão;

4.º Ausencia de provocação que occasionasse a aggressão.

Art. 29 — Reputar-se-á praticado em defesa propria o crime commettido em resistencia á execução de ordens ou requisições illegaes, não se excedendo os meios necessarios para impedi-la.

Paragrapho Unico — São ordens e requisições illegaes as emanadas de autoridades incompetente e destituidas das solemnidades necessarias para a sua validade, ou manifestamente contrarias ás leis.

(NOTA: — O Codigo Penal para a Armada foi mandado applicar ao Exercito pela lei n.º 612, de 29-IX-1889 e acha-se publicado na integra em Ordem do Dia n.º 40, de 1899. Elle soffreu as alterações constantes dos seguintes decretos: n.º 4.988, de 8-I-1926 (Bol. Ex. 285); n.º 5.285, de 13-X-1927 (Bol. Ex. 413); n.º 21.043, de 15-II-1932 (Bol. Ex. 96); n.º 23.125, de 21-VIII-1933, art. 136 (Bol. Ex. 62), combinado com o decreto 24.710, de 13-VII-1934 (Bol. Ex. 40).

ANNEXO N.º 5

CODIGO PENAL MILITAR

Das circumstancias aggravantes e attenuantes

Art. 30 — As circumstancias aggravantes e attenuantes dos crimes influirão na aggravação ou attenuação das penas com que hão de ser punidos.

Art. 31.....

Art. 32.....

Art. 33 — São circumstancias aggravantes:

§ 1.º

§ 2.º — Ter sido o crime commettido com premeditação, mediando entre a deliberação criminosa e a execução o espaço, pelo menos, de 24 horas;

§ 3.º

§ 4.º — Ter o delinquente sido impellido por motivo reprovado ou frivolo;

§ 5.º

§ 6.º — Ter o delinquente procedido com fraude, ou com abuso de confiança;

§ 7.º — Ter o delinquente procedido com traição, surpresa ou disfarce;

§ 8.º

§ 9.º — Ter o delinquente commettido o crime por paga ou promessa de recompensa;

§ 10.º — Ter sido o crime commettido com arrombamento, escallada, chaves falsas ou aberturas subterraneas;

§ 11.º — Ter sido o crime ajustado entre dois ou mais individuos;

§ 12.º

§ 13.º

§ 14.º — Ter sido o crime commettido em occasião de incendio, naufragio, encalhe, colisão, avaria grave, manobra que interesse á segurança do navio, inundação, revolta, tumulto, ou qualquer calamidade publica...;

§ 15.º — Ter sido o crime commettido em estado de embriaguez;

§ 16.º — Ter sido o crime commettido durante o serviço ou a pretexto delle;

§ 17.º

§ 18.º

§ 19.º — Ter o criminoso maus precedentes militares;

§ 20.º — Ter o delinquente reincidido.

Art. 34 — A reincidência verifica-se quando o criminoso, depois da sentença condemnatoria passada em julgado, commette outro crime da mesma natureza.

Art. 35

Art. 36 — No crime de deserção são ainda circumstancias aggravantes:

§ 1.º — Ser a deserção realizada em paiz estrangeiro ou para elle;

§ 2.º — Levar o criminoso comsigo armas, ou qualquer objecto de propriedade nacional, ou subtrahido á camarada ou companheiro de serviço;

§ 3.º — Apoderar-se de embarcação da Armada para realizar o seu intento.

Art. 37 — São circumstancias attenuantes:

§ 1.º — Não ter havido no delinquente pleno conhecimento do mal e directa intenção de o praticar;

§ 2.º — Ter o delinquente commettido o crime em defesa da propria pessoa ou de seus direitos, ou em defesa de pessoa ou direitos de sua familia, ou de terceiros;

§ 3.º — Ter o delinquente commettido o crime oppondo-se á execução de ordens illegaes;

§ 4.º

§ 5.º — Ter o delinquente commettido o crime para evitar mal maior;

§ 6.º — Ter o delinquente commettido o crime em obediencia a ordem de superior hierarchico;

§ 7.º — Ter o delinquente bons precedentes militares, ou ter relevantes serviços prestados á Patria;

§ 8.º — Ser o delinquente menor de 21 e maior de 70 annos;

§ 9.º — Ter sido o delinquente tratado em serviço ordinario com rigor não permittido por lei.

Art. 38 — No crime de deserção, em tempo de paz e dentro do paiz, é considerada circumstancia attenuante a demora na concessão da baixa, além de dois mezes depois da conclusão do tempo de serviço, ou na entrega da ração e fardamento, a que o delinquente tiver direito.

Art. 49 (§ unico) — A pena de prisão com trabalho imposta aos sargentos, cabos ou seus assemelhados, importará desde logo o rebaixamento á ultima classe do corpo a que pertencer.

Art. 327 do Codigo da Justiça Militar (Bol. Ex. n.º 300, de 1926):

“A prisão preventiva será levada em conta integralmente no cumprimento da pena. Não o será a menagem concedida nas cidades. A

concedida nos quartéis, navios e acampamentos será levada em conta na medida de um terço do tempo de sua duração”.

ANNEXO N.º 6

CODIGO PENAL MILITAR

DOS CRIMES CONTRA A HONRA E O DEVER MILITAR

Insubmissão e Deserção

Art. 116 — E’ considerado insubmisso:

1.º O individuo sorteado ou designado para o serviço da Armada, o voluntario e o engajado que deixarem, sem causa justificada, de apresentar-se dentro do prazo que lhes fôr marcado;

2.º O designado que, voluntariamente, crear para si impedimento physico, temporario ou permanente, que o inhabilite para o serviço da Armada;

3.º O designado que simular defeito ou usar de fraude ou artificio, com o fim de isentar-se do serviço da Armada;

4.º

5.º

PENA — de prisão com trabalho por 4 mezes a 12 mezes (Penalidade de accordo com o artigo 136 do decreto n.º 23.125, de 21-VIII-1933 (Bol. Ex. 62), combinado com o decreto n.º 24.710, de 13-VII-1934 (Bol. Ex. 40).

PRESCRIÇÃO — 8 annos (Art. 72 do C. P. M.).

PARAGRAPHO UNICO — Incurrerá nas mesmas penas aquelle que der asylo, ou transporte ao insubmisso, ou tomal-o a seu serviço sabendo que o é.

Art. 117 — E’ considerado desertor:

1.º Todo individuo ao serviço da marinha de guerra que, excedendo o tempo de licença deixar de apresentar-se, sem causa justificada, a bordo, no quartel, ou estabelecimento de marinha onde servir, dentro de 8 dias, contados daquelle em que terminar a licença;

2.º O que deixar de apresentar-se dentro do mesmo prazo, contado do dia em que tiver sciencia de haver sido cassada ou revogada a licença;

3.º O que, sem causa justificada, ausentar-se de bordo, dos quartéis e estabelecimentos da marinha onde servir;

4.º O que, sem causa justificada, communicada incontinenti, não se achar a bordo, ou no logar onde sua presença se torne necessaria em razão do serviço, no momento de partir o navio, ou força, para viagem ou comissão ordenada;

5.º O que, tendo ficado prisioneiro de guerra, deixar de apresentar-se á autoridade competente seis mezes depois do dia em que conseguir libertar-se do inimigo;

6.º O que não se apresentar logo depois de ter cumprido sentença condemnatoria;

7.º O que tomar praça em outro navio, ou alistar-se no Exercito, antes de haver obtido baixa;

PENA — de prisão com trabalho por 6 mezes a 2 annos (Penalidade de accordo com o decreto legislativo n.º 5.285, de 13-X-1927 (Bol. Ex. n.º 413).

PRESCRIPÇÃO — (Art. 70 do C. P. M.)

8.º O que, em presença do inimigo, deixar de acudir a qualquer chamado ou revista.

PENA — de prisão com trabalho por 6 mezes a 6 annos.

PRESCRIPÇÃO — (Art. 70 do C. P. M.)

PARAGRAPHO UNICO — Si a deserção fôr para o inimigo, ou effectuar-se na presença delle:

PENA — de morte.

PRESCRIPÇÃO — (Art. 71 do C. P. M.)

Art. 118 — Nas mesmas penas incorrerão as praças da tripulação do navio comboiado ou mercante, ao serviço da Nação, que desertarem para o inimigo, ou abandonarem o seu navio ou posto em presença do inimigo.

Art. 119 — A praça de pret, ou seu assemelhado, que reincidir em deserção será expulsa, com inhabilitação para qualquer emprego publico remunerado, depois de cumprida a pena, comtanto que esta attinja a seis annos.

Art. 120 — Todo aquelle que, embora extranho ao serviço da Armada, subornar ou alliciar as praças para que desertem, der asylo ou transporte a desertor, sabendo que o é:

PENA — de prisão com trabalho por 1 a 2 annos.

PRESCRIÇÃO — 8 annos (Art. 72 do C. P. M.)

Art. 121 — Aos reformados e invalidos, que se acharem em serviço activo, serão extensivas as disposições deste capitulo em tudo que lhes ser applicavel.

CALCULO DAS PENALIDADES — (Art. 55 e §§ do C. P. M.)
(Art. 32 e §§ do C. P. M.)

— A somma do grau MAXIMO mais o grau MINIMO, dividida por dois, dá o grau MEDIO.

— A somma do grau MAXIMO mais o grau MEDIO, dividida por dois, dá o grau SUB-MAXIMO.

— A somma do grau MEDIO mais o grau MINIMO, dividida por dois, dá o grau SUB-MEDIO.

Será applicado o MAXIMO, quando houver uma ou mais aggravantes sem attenuante alguma; será applicado o SUB-MAXIMO, quando as aggravantes preponderarem sobre as attnuantes; será applicado o MEDIO, quando não existirem attenuantes nem aggravantes ou quando as aggravantes e as attenuantes se compenem; será applicado o SUB-MEDIO, quando as attenuantes preponderarem sobre as aggravantes; será applicado o MINIMO, quando somente houver attenuantes, sem aggravante.

NOTA GERAL

Os casos de deserção e de insubmissão estão regulados pelos seguintes artigos do Codigo da Justiça Militar (reformado) Decreto n.º 24.803, de 14-VII-1934 Bol. Ex. n.º 40), a saber:

Artigo 8.º § 3.º;

Artigo 9.º §§ 6.º e 7.º;

Artigo 257 e § §

Artigo 260

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

Manual do Granadeiro.....	3\$000
Mementos de ordens (1.º).....	3\$000
» » » (2.º).....	1\$500
» » » (3.º).....	1\$500
» » » (8.º).....	1\$500
» » » (9.º).....	1\$500
» » » (10.º).....	1\$500

Pelo correio mais \$500.

"A DEFESA NACIONAL"

É

DO

EXERCITO.

TRABALHAR POR ELLA

É

TRABALHAR

PELO

EXERCITO.

MANDEM SUAS

COLLABORAÇÕES

REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

- | | |
|---|--|
| <p>M. G. — Major Rodrigues Ribas
 C. S. N. — Ten. Pondé Sobrinho
 E. M. E. — Cap. Joaquim Dutra
 1.º Gr. Regiões — Ten. Gerardo Lemos Amaral
 D. P. E. — Cap. Toscano Britto
 Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
 Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
 Dr. Av. — Maj. Godofredo Vidal
 Dir. Remonta — Cap. Diogenes Anacleto Dias dos Santos
 Dir. I. G. — Ten. José Salles
 S. G. E. — Cap. R. Pedro Michelena
 Serv. Geog. — Cap. Castello Branco
 Serv. Radio — Ten. Juracey Campello
 Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
 Q. G. 1.ª R. M. — Cap. João Ribeiro
 Q. G. 2.ª R. M. — Cap. Gilberto Reis
 Q. G. 3.ª R. M. — Cap. Carlos Analio
 Q. G. 4.ª R. M. — Cap. Samuel Pires
 Q. G. 5.ª R. M. — Cap. J. Baptista Rangel
 Q. G. 6.ª R. M. — Major Lopes da Costa
 Q. G. 7.ª R. M. — Cap. Milton O'Reilly de Souza</p> | <p>C. I. T. — Cap. Haroldo Mattoso Maia
 Q. G. 8.ª R. M. —
 Q. G. 9.ª R. M. — Cap. Olivio Bastos.
 M. M. F. — Cap. Jurandyr Palma Cabral.
 E. E. M. — Cap. Pedro Geraldo de Almeida
 E. I. — Cap. José Adolpho Pavel.
 E. A. — Ten. V. Rocha Santos.
 E. C. — Cap. Armando Ancora.
 E. E. — Cap. Luiz Betanio.
 Escola Technica —
 E. Av. — Cap. Archimedes Doria.
 E. M. — Ten. Geraldo Côrtes.
 E. E. F. E. — Maj. Raul Vasconcellos.
 E. I. — Cap. E. José Granja.
 E. Vt. E. —
 C. A. S. I. — Ten. Taltibio de Araujo
 C. M. R. J. —
 C. M. P. A. —
 C. M. C. — Cap. Djalma Baima.
 F. P. I. — Cap. Britto Junior.
 F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
 F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
 Corpo de Fuzileiros Navaes — Ten. Candido da Costa Aragão.</p> |
|---|--|

TROPA

Infantaria

- | | |
|---|---|
| <p>Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
 Btl. Guardas — Ten. Axmar de Lima
 1.º R. I. — Cap. Sousa Aguiar
 2.º R. I. — Ten. Roberto Pessôa
 3.º R. I. — Ten. Antero de Almeida
 4.º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
 1/5.º R. I. — Ten. Bandeira de Mello
 11/5.º R. I. — 1.º Ten. Luiz Martins Chaves
 11/5.º R. I. — Alcides P. Coelho
 1/6.º R. — Cap. Armando Moraes
 6.º R. I. — Cap. Ary Ruch</p> | <p>7.º R. I. — Cap. Gilberto Carvalho
 8.º R. I. — Ten. Octacilio Silva
 1/8.º R. I. — Cap. Felicissimo Avelino
 9.º R. I. — Ten. Almir Lemos Furtado
 1/9.º R. I. — Ten. Edson Vignoli
 10.º R. I. —
 11.º R. I. — Ten. Luiz de Faria
 12.º R. I. — Cap. Nilo Chaves
 1/13.º R. I. — Ten. Djalma Cravo.
 13.º R. I. — Ten. Iracilio Pessôa.
 1.º B. C. — Cap. Nizo Montezuma
 2.º B. C. — Ten. Marcio Menezes.</p> |
|---|---|

- 3.º B. C. — Ten. Moacyr Rezende.
 4. B. C. — Cap. Carlos Coelho Cintra.
 6.º B. C.
 7.º B. C. — Ten. Nelson do Carmo
 8.º B. C. — Ten. Gelci Brun.
 9.º B. C. — Ten. Domingos J. Filho
 10.º B. C. — Ten. Ary Lopes.
 13.º B. C. — Ten. Domingos P. Neves.
 14.º B. C. — Cap. Barata de Azevedo.
 15.º B. C. — Ten. Araquem Torres.
 16.º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo.
 17.º B. C. — Ten. Miguel Mozzili.
 18.º B. C. — Ten. Delio Lobo Vianna.

- 19.º B. C. — Ten. Murillo B. Moreira.
 20.º — B. C. Cap. Guilherme Jansen Filho.
 21.º — B. C. — Ten. José Rodrigues da Rocha.
 22.º B. C. — Cap. Leandro Costa.
 23.º B. C. — Ten. Raymundo Telles
 24.º B. C. — Ten. Alexandre C. Moreira.
 25.º B. C. —
 26.º B. C. — Ten. Carlos Viveiros da Silva.
 27.º B. C. — Ten. Mario Liborio Pereira.
 28.º B. C. — Ten. Britto Carmello
 29.º B. C. — Ten. Clovis M. Gomes

Cavallaria

- Unidade Escola — Ten. Durval Macedo.
 1.º R. C. D. — Cap. Cyro de Rezende
 2.º R. C. D. — Ten. Britto Netto.
 3.º R. C. D. — Ten. Poti S. Freire.
 IV/3.º R. C. D. — Ten. Claudionor P. dos Santos.
 4.º R. C. D. —
 5.º R. C. D. — Ten. Luiz Valença
 1.º R. C. I. —
 2.º R. C. I. —
 3.º R. C. I. — Ten. Nairo Madeira
 3.º R. C. I. — Ten. Agenor Medeiros Martins

- 5.º R. C. I. — Ten. Luiz Linhares.
 6.º R. C. I. — Ten. Newton Maciel dos Santos.
 7.º R. C. I. — Ten. Danilo C. Nunes
 8.º R. C. I. — Ten. Aurelino Vargas.
 9.º R. C. I. — Cap. Marcos Azambuija.
 10.º R. C. I. — Ten. Lauro Rebello F. da Silva.
 11.º R. C. I. —
 12.º R. C. I. — Ten. João de Deus N. Saraiva.
 13.º R. C. I.
 14.º R. C. I. — Edson Condessa.

Artilharia

- Gr. Esc. — Ten. Valdir de Barros de Azevedo.
 1.º R. A. M. — Cap. Edgard Portugal.
 2.º R. A. M. — Ten. Ilton Fontoura
 4.º R. A. M. —
 5.º R. A. M. — Ten. Barreto Lemos
 6.º R. A. M. — Ten. Lourival Doe-delein.
 8.º R. A. M. — Ten. José O. Alves. de Souza.
 9.º R. A. M. — Ten. Arthur da Costa Seixas.

- 1.º G. A. D.º — Celso Alencar Arrape.
 2.º G. A. D.º — Ten. Ruy Freire Ribeiro.
 3.º G. A. D.º — Ten. Amaury P. Lima.
 5.º G. A. D.º — Ten. Ives Fonseca.
 1.º G. A. P. — Ten. Assis Gonçalves
 2.º G. A. P. — Cap. João C. Fonseca.
 3.º G. A. P. — Ten. Eduardo Barros
 1.º G. A. Cav. —
 2.º G. A. Cav. —

3.º G. A. Cav.—Ten. Nelson Moura	Fort. Coimbra —
4.º G. A. Cav. —	Fort. Copacabana — Ten. Flam-
5.º G. A. Cav. — Ten. Edson Fi-	marion P. de Campos.
gueiredo.	Fort. Vigia — Ten. Borges Fortes.
6.º G. A. Cav. —	Fort. Mar. Noura.
R. A. Mix. — Ten. A. Cesar do	Fort. Lage — Ten. Americo Fer-
Nascimento.	cez.
Fort. Santa Cruz — Ten. Leontino	Fort. S. Luiz — Ten. Jayme de
Andrade.	Lemos.
Fort. S. João — Cap. Waldemar	Fort. Imbuí — Ten. Corrêa do
Pio dos Santos.	Lago.
Fort. Itaipús — Ten. Dr. Augusto	Fort. Mar. Hermes —
Vouzela.	Frot. Mar. Luz — Ten. Nelson M.
Fort. Obidos — Cap. Ascendino Lins	de Miranda.
Bia. I. H. Da.—Cap. Leandro Costa	

Engenharia

1.º Btl. Ferroviario —	4.º B. E. — Ten. Haroldo Paca.
1.º B. E.—Asp. Eduardo Domingues	5.º B. E. — Ten. Zneitho Schuller
2.º B. E.—Ten. Sady M. Monteiro	Reis.
3.º B. E. — Ten. Luiz de Paula	6.º B. E.—Major Abacilio F. Reis
Pessoa.	

Reserva

C. P. O. R. da 1.ª R. M. — Ten.	Polícia Militar — Maj. Miranda
Nelson de Carvalho.	Amorim.
C. P. O. R. da 3.ª R. M. —	F. Pol. S. Paulo — Maj. José M.
C. P. O. R. da 2.ª R. M. — Ten.	d. s. Santos.
Nestor Tanes	B. M. R. G. do Sul — Ten. Her-
C. P. O. R. da 4.ª R. M. —	mes Fernandes.
C. P. O. R. da 5.ª R. M.,—José B.	Força P. da Bahia — Cap. Phila-
Pessoa.	delpho Neves.

Art. 26 — A Administração e os Redactores são responsáveis pelas publicações não assignadas que a Revista editar, e declinam de qualquer solidariedade, não expressamente declarada, ás idéas espendidas nas collaborações assignadas.

Não serão restituídos, em caso algum, originaes dos trabalhos recebidos para publicar na Revista.

EXPEDIENTE

I. *Sede Provisoria da administração:* Q. G. do Exercito, edificio de madeira.
Aberta das 14 ás 17 horas.

II. Correspondencia para a Caixa Postal n.º 1.602.

Discriminar no endereço: *Ao Secretario*, assumptos de collaboração
Ao gerente, assumptos de assignatura; *Ao Bibliothecario*, encomendas
de publicações.

III. Preços de assignaturas:

Anno.....	18\$000
Semestre.....	10\$000
Numero avulso.....	2\$000
Para sargentos — Semestre.....	8\$500
Para alumnos das escolas militares e do C. P. O. R. — numero.....	1\$500
Para remessa registrada e assignaturas avulsos, por se- mestre, mais.....	1\$800

Os pagamentos devem ser feitos adeantadamente e as assignaturas
começam com o numero de janeiro ou de julho.

O Gerente é encontrado na redacção ás quarta-feiras das 15 ás 17 hs.

Boletim Colombophilo